

1970



ORIGEM

— JEAN FILIPE —



NOTA DO AUTOR

Esta é uma obra de ficção. Os personagens, acontecimentos e parte dos locais, propriedades e referências geográficas apresentados ao longo da narrativa são frutos do processo criativo do autor.

As cidades reais mencionadas na obra, bem como determinados aspectos históricos, sociais e econômicos relacionados às épocas retratadas, foram utilizados como referência para a construção do universo da narrativa.

Elementos como o cultivo da cana-de-açúcar e do café, a pecuária, as transformações tecnológicas no campo, os meios de produção e determinados cenários econômicos procuram dialogar com o contexto histórico de cada período, embora tenham sido adaptados às necessidades da ficção.

Eventuais semelhanças entre personagens, propriedades, empresas ou acontecimentos narrados e pessoas ou fatos reais são mera coincidência.

Jean Filipe



Uma história contada através de Dez canções.

APRESENTAÇÃO

Interior de São Paulo, 1970.

Aos dezesseis anos, Guilherme conhecia muito pouco do mundo além das terras da Fazenda da Barra, uma das grandes propriedades produtoras de cana-de-açúcar da região de Jaú. Seu mundo tinha o cheiro da terra, o barulho do trabalho, o horizonte dos canaviais e a simplicidade de quem aprendera cedo que quase tudo na vida precisava ser conquistado com as próprias mãos.

Quase tudo.

Porque havia algo que Guilherme não poderia conquistar apenas trabalhando.

Seu nome era Letícia Bertollo.

Aos quatorze anos, Letícia era a filha mais nova do senhor Elmo Bertollo, proprietário da Fazenda da Barra.

Ela crescera do outro lado daquela mesma história.

Enquanto Guilherme pertencia ao mundo daqueles que trabalhavam a terra, Letícia carregava o sobrenome daqueles que eram donos dela.

Entre os dois havia mais do que alguns metros separando a casa dos empregados da residência principal. Havia dinheiro, sobrenome, costumes, expectativas e uma sociedade que sabia,

antes mesmo de perguntar, onde cada pessoa deveria permanecer.

Mas o coração nunca foi muito obediente a essas coisas.

E talvez nenhum dos dois pudesse imaginar que aquele sentimento, ainda tão inocente, atravessaria porteiras, estradas, cidades, despedidas e anos.

Ao redor deles, o Brasil também mudava.

As máquinas avançavam. As cidades cresciam. O campo começava a conviver com uma nova realidade, enquanto São Paulo se transformava no símbolo de um país cada vez mais urbano, industrial e apressado.

O mundo parecia determinado a seguir em frente.

Guilherme também seguiria.

Mas descobriria que existem coisas que o tempo consegue mudar...

e outras que ele apenas ensina a esconder.

Esta é uma história sobre amor.

Sobre escolhas.

Sobre orgulho.

Sobre perdas.

Sobre aquilo que fazemos com as pessoas que amamos e sobre aquilo que o tempo faz conosco.

É a história de um menino que ainda não conhecia o tamanho do mundo.

De uma menina que um dia precisaria conhecê-lo.

E de tudo o que aconteceu depois.

Esta é a história de Guilherme.

Esta é a história de Letícia.

Esta é a história de ORIGEM.

SUMÁRIO

AS CANÇÕES — OS CAMINHOS DE ORIGEM

I — CARA FEIA

O nascimento do amor

II — CHUVA DE ARROZ

Quando amar exige coragem

III — SÃO PAULO — SETE DE SETEMBRO

A partida

IV — JOÃO PORTEIRA

Quando cada um deve saber o seu lugar

V — MELHOR AGORA

O desencontro

VI — DÉCIMO SEGUNDO ANDAR

Entre desistir e continuar

VII — ARROZ E FEIJÃO

O valor das coisas simples

VIII — ESTABANADA

Sem medo de doer

IX — O CHACAL

De cordeiro a chacal

X — O LIVRO DO PECADO

A última porta

DEZ CANÇÕES. UMA HISTÓRIA.

1970

FAZENDA DA BARRA

JAÚ — INTERIOR DE SÃO PAULO

CAPÍTULO I

CARA FEIA

O nascimento do amor

Às vezes, a gente só descobre que ama quando tenta ir embora.

Guilherme

— Que dia é hoje?

Nossa... o galo está até rouco, coitado. Deve ser umas três e meia.

Meu pai já deve estar pronto para ir para a lavoura.

Pronto, nada. Ele já foi.

Milagre não ter me chamado.

Levantei-me naquele dia de abril sem nem saber direito qual era a data. Na Fazenda da Barra, isso não fazia muita diferença. A gente sabia quando era domingo, sabia quando chegava o dia de receber e sabia reconhecer a época da chuva. O resto era manhã, tarde, noite e trabalho.

Mas naquele dia havia alguma coisa diferente.

Eu sentia.

Ainda estava escuro. Passei a mão no rosto e senti o nariz sujo da fumaça do lampião. Aquele danado vivia deixando fuligem por todo lado, mas eu não reclamava. Enquanto tivesse querosene e um pedaço de pavio, ele dava conta de espantar o meu medo do escuro.

Eu tinha dezesseis anos.

Já trabalhava como homem, acordava como homem, carregava peso de homem, mas ainda tinha alguns medos que preferia não contar para ninguém.

O escuro era um deles.

Enfim...

Eu estava falando da noite anterior.

Quando voltava para casa, vi umas luzes acesas ao redor da casa do patrão. A casa grande parecia diferente. Havia movimento lá dentro, gente conversando e uma novidade que parecia importante o bastante para reunir a família do senhor Elmo Bertollo em volta da mesa.

Não sei exatamente por que fiquei olhando.

Talvez curiosidade.

Da nossa casa até a casa dos Bertollo havia distância suficiente para eu não escutar tudo o que diziam, mas eu conseguia enxergar pela janela parte da família reunida. O senhor Bertollo falava e gesticulava como fazia quando queria que todo mundo prestasse atenção.

Todo mundo prestava.

Menos ela.

Letícia.

A filha mais nova do patrão parecia não dar a mínima para qualquer novidade que o pai estivesse contando.

Letícia tinha quatorze anos e possuía um talento que, até aquele momento, eu considerava extraordinário:

me perturbar.

— Ô garota perturbada...

Falei baixinho, sozinho, antes de seguir para casa.

Naquela manhã, enquanto procurava minha roupa ainda no escuro, lembrei dela outra vez.

Balancei a cabeça.

Eu precisava trabalhar.

Precisava encontrar meu pai.

Precisava descobrir por que aquele galo infeliz estava cantando antes do mundo acordar.

Precisava fazer qualquer coisa.

Menos pensar em Letícia Bertollo.

Peguei minhas coisas e, antes de sair, olhei pela fresta da porta para a escuridão lá fora.

Respirei fundo.

— Tomara que hoje ela não apareça na roça.

Foi o que eu pedi.

E talvez tenha sido exatamente aí que começou o meu problema.

Saí de casa antes de o dia resolver aparecer.

O caminho até o curral eu conhecia de olhos fechados. Naquela hora, a Fazenda da Barra ainda era um mundo de sombras. De vez em quando, algum bicho se mexia no mato e eu apertava o passo, fingindo que era por causa do serviço.

Medo do escuro?

Eu?

Nunca.

Cheguei ao curral e as holandesas já estavam inquietas. Gostava daquela parte do trabalho. Vaca não inventava conversa, não chamava a gente para passear, não queria colher goiaba no meio do expediente.

Vaca queria ser ordenhada.

E eu queria trabalhar.

Nosso acordo era perfeito.

Sentei no banquinho, encostei a testa no couro quente da primeira e comecei. O leite batendo no balde fazia um barulho que eu conhecia desde pequeno.

Chá... chá... chá...

Quando terminava, passava para outra.

Depois outra.

O leite seguia para os latões. Uma parte ficava separada para a casa dos Bertollo. O restante eu levava de charrete para a venda.

Gostava quando seu Bertollo me confiava esse serviço.

Na verdade, gostava quando ele me confiava qualquer serviço.

Eu queria ser o melhor empregado daquela fazenda.

Não o mais forte. Meu pai ainda ganhava de mim nisso.

Também não o mais rápido.

Eu queria ser aquele em quem o patrão pudesse confiar sem precisar conferir depois.

Se seu Bertollo mandasse Guilherme fazer, estava feito.

Direito.

Era assim que eu queria que falassem de mim.

Meu pai dizia que pobre não tinha muita coisa para deixar de herança, então precisava deixar o nome limpo.

Eu levava aquilo a sério.

Talvez até demais.

Foi quando ouvi, lá de longe:

— GUIIIII!

Fechei os olhos.

Não.

— GUI!

A voz vinha se aproximando.

A vaca levantou a cabeça.

— Nem olha — falei para ela. — Se você der confiança, piora.

— Guilherme!

Letícia apareceu correndo.

Cabelo desarrumado, vestido balançando, aquele sorriso enorme de quem não tinha absolutamente nada para fazer e, por isso mesmo, havia decidido atrapalhar quem tinha.

— Gui, vamos andar de cavalo?

Continuei ordenhando.

— Não.

— Rapidinho.

— Não.

— Então vamos pegar goiaba.

— Não.

— Tem um monte madura lá perto do córrego.

— Letícia, eu estou trabalhando.

— Depois você trabalha.

Parei.

Olhei para ela.

— Depois eu trabalho?

— É.

— Seu pai sabe dessa ideia?

Ela pensou um pouco.

— Não.

— Então vai contar para ele.

Ela fez cara feia.

Eu fiz uma pior.

Era sempre assim.

Se eu estivesse levando alguma coisa, ela aparecia.

Se estivesse consertando cerca, aparecia.

Se estivesse cuidando dos animais, aparecia.

Se fosse levar leite para a venda...

Bom.

Aí era pior.

— Hoje você vai levar o leite?

Fingi que não ouvi.

— Gui?

Continuei trabalhando.

— Guilherme?

Nada.

Ela se abaixou até colocar o rosto quase na frente do meu.

— Eu posso ir?

— Não.

— Por quê?

— Porque não.

— Isso não é resposta.

— Para mim é.

Ela se levantou.

— Então eu vou perguntar para papai.

Pronto.

Era isso que me tirava do sério.

Letícia Bertollo não pedia.

Ela perguntava até encontrar a pessoa que dissesse sim.

E quase sempre encontrava.

Principalmente quando a pessoa era o pai dela.

— Você não tem nada para fazer, não?

— Tenho.

— O quê?

Ela sorriu.

— Atormentar você.

Aquela menina ainda haveria de me fazer perder o emprego.

E o pior é que parecia se orgulhar disso.

Voltei para o leite e tentei ignorá-la.

— Gui...

— O quê?

— Você está de cara feia.

— Estou trabalhando.

— Dá para trabalhar sorrindo.

— Dá para ficar quieta também.

Ela riu.

E saiu correndo.

Foi embora daquele jeito que sempre ia: como se tivesse chegado só para bagunçar alguma coisa dentro de mim e, quando terminasse, pudesse simplesmente procurar outra brincadeira.

Esperei até não ouvir mais seus passos.

Só então percebi que estava sorrindo.

Fechei a cara na mesma hora.

Na noite anterior, porém, Letícia não tinha sido a única coisa que chamara minha atenção na casa grande.

Eu ouvira uma palavra que não saíra mais da minha cabeça: máquina.

Seu Bertollo contava à família que uma máquina nova chegaria à Fazenda da Barra. Pelo que consegui entender, ela ajudaria no trabalho da cana.

Aquilo me deixou encantado.

Máquina.

Imaginei uma geringonça enorme entrando na fazenda, fazendo em algumas horas aquilo que deixava homens quebrados depois de um dia inteiro.

A colheita da cana era serviço pesado.

Pesado de verdade.

O corpo aprendia primeiro que a cabeça.

O sol queimava. A palha cortava. As costas reclamavam. Os braços perdiam força. E no outro dia estava todo mundo lá outra vez.

Se aquela máquina pudesse ajudar...

Para mim, parecia uma maravilha.

Naquela manhã, quando encontrei meu pai, não aguentei guardar a novidade.

Ele afiava o facão.

— Pai.

— Hum.

— Vai chegar uma máquina aqui.

A pedra continuou correndo pela lâmina.

— Que máquina?

— Da cana. Ouvi seu Bertollo falando ontem. Parece que vai ajudar na colheita. Diz que vai fazer o serviço andar mais depressa. Vai aliviar para o pessoal.

A pedra parou.

Meu pai levantou os olhos.

Na hora percebi que alguma coisa estava errada.

— Onde você ouviu isso?

— Lá na casa grande.

— Você estava dentro da casa?

— Não, senhor.

— Então como ouviu?

— Eu estava passando...

Não terminei.

Meu pai se levantou.

— Vira.

— Pai?

— Vira, Guilherme.

Conhecia aquela voz.

Virei.

Ele puxou a bainha do facão e a primeira pancada pegou atrás das minhas pernas.

— Pai!

Veio outra.

— Nunca mais faça isso!

— Mas eu não fiz nada!

Outra.

— Nunca mais escute conversa de patrão!

Eu tentava me afastar, sem entender por que uma notícia que me parecia tão boa tinha provocado aquilo.

— Eu só ouvi!

— Então desaprenda!

Outra pancada.

— E se ouvir, fica quieto!

— Tá bom!

— Não conta para mim! Não conta para sua mãe! Não conta para ninguém!

— Tá bom, pai!

Ele parou.

Fiquei longe, esfregando as pernas, segurando o choro mais pela raiva do que pela dor.

Meu pai apontou a batinha para mim.

— Escuta uma coisa, Guilherme. Quem trabalha para os outros tem que aprender três coisas: ver o que mandam, ouvir quando chamam e falar só quando perguntam.

Não respondi.

— Entendeu?

— Entendi.

— Repete.

— Ver o que mandam, ouvir quando chamam e falar só quando perguntam.

Ele guardou o facão.

Achei que tinha acabado.

Mas, antes de voltar para o trabalho, meu pai disse uma coisa que eu levaria muitos anos para compreender:

— E não fica feliz demais quando homem rico compra máquina para fazer serviço de homem pobre.

Fiquei olhando para ele.

— Mas se vai ajudar a gente...

Meu pai virou o rosto.

— Vai trabalhar, Guilherme.

E foi embora.

Eu tinha dezesseis anos.

Na minha cabeça, meu pai era um homem velho desconfiando do futuro.

Hoje sei que não era.

Ele estava com medo dele.

Passei o restante da manhã tentando entender aquilo.

Como uma coisa que fazia o trabalho mais fácil podia ser ruim?
Se a máquina cortasse mais cana, todo mundo trabalharia menos.

A fazenda produziria mais.

Seu Bertollo ganharia mais.

Os homens sofreriam menos.

Todo mundo ganhava.

Era simples.

Pelo menos para um menino de dezesseis anos era.

Peguei um dos latões e coloquei na charrete.

Depois o outro.

Separei o leite da casa.

Conferi tudo duas vezes.

Meu pai podia ter me batido, Letícia podia ter me atormentado e uma máquina misteriosa podia estar vindo acabar com o mundo.

Mas o serviço de Guilherme continuaria impecável.

Subi na charrete, peguei as rédeas e estalei a língua.

— Vamos.

O cavalo começou a andar.

Passei pela porteira.

Talvez eu conseguisse chegar à venda e voltar sem nenhuma confusão.

Talvez tivesse finalmente algumas horas de paz.

— GUI!

Puxei as rédeas.

Não precisei olhar para trás.

— Não.

— Mas eu nem pedi ainda!

Respirei fundo.

Virei devagar.

Letícia vinha correndo pela estrada.

— Você vai levar o leite, não vai?

— Vou.

— Eu vou junto.

— Não vai.

— Vou.

— Não vai.

Ela chegou perto da charrete.

— Papai deixou.

Essa era a frase que acabava com qualquer discussão.

— Seu pai deixou mesmo?

— Pergunta para ele.

Olhei na direção da casa grande.

Depois para Letícia.

Ela estendeu a mão para eu ajudá-la a subir.

Não estendi.

— Sobe sozinha.

— Nossa, Gui... que cara feia.

Ela subiu.

Sentou-se ao meu lado como se aquele lugar sempre tivesse pertencido a ela.

Estalei as rédeas novamente.

A charrete começou a andar.

Letícia balançava os pés, feliz da vida.

Eu olhava para a estrada.

— Gui...

— O quê?

— Nada.

— Então fica quieta.

Alguns segundos.

— Gui...

— O quê, Letícia?

Ela riu.

— Você fica bonito bravo.

Olhei para ela.

Aquela foi provavelmente a primeira vez que alguma coisa me aconteceu e eu não soube dar nome.

Desviei os olhos depressa.

— Para de falar besteira.

Ela continuou sorrindo.

Eu fiz cara feia.

Era o que sabia fazer.

Naquele tempo, eu achava que Letícia Bertollo era a pessoa que mais me afastava dos meus propósitos.

Eu queria trabalhar.

Ela queria passear.

Eu queria agradar ao patrão.

Ela queria roubar o empregado dele.

Eu queria pensar no meu futuro.

Letícia parecia determinada a ocupar cada minuto do meu presente.

Demorei muito para entender.

Aquela menina não estava me tirando do caminho.

Ela estava se tornando parte dele.

Depois daquele dia, nunca mais fui exatamente o mesmo.

Letícia continuou me atormentando.

E eu continuei fazendo cara feia.

Pelo menos era o que eu queria que ela pensasse.

— Gui!

Bastava ouvir aquilo de longe e alguma coisa acontecia dentro da minha barriga.

Era um frio estranho.

Começava no estômago, subia pelo peito e, quando eu percebia, já estava procurando de onde vinha a voz.

Então lembrava quem eu era.

Guilherme.

Empregado da Fazenda da Barra.

O garoto que queria ser o homem de confiança do senhor Bertollo.

Endireitava o corpo, fechava a cara e voltava ao serviço.

Eu tinha que manter a pose.

— Gui, vamos até o córrego?

— Não.

— Gui, vamos pegar goiaba?

— Não.

— Gui, vamos andar de cavalo?

— Estou trabalhando.

Era sempre assim.

Só que, com o passar dos meses, comecei a perceber uma coisa ainda pior.

Nos dias em que Letícia não aparecia...
eu sentia falta.

ABRIL DE 1971

UM ANO DEPOIS...

Um ano se passou.

Eu já tinha dezessete.

Letícia acabara de completar quinze.

Muita coisa havia mudado na Fazenda da Barra naquele tempo.

E, embora eu ainda não soubesse, muita coisa também tinha mudado em mim.

A tal máquina finalmente deixara de ser apenas conversa da casa grande e passara a fazer parte da rotina — e das preocupações — dos homens da lavoura.

Meu pai nunca mais tocou no assunto comigo.

Eu também nunca mais perguntei.

Aprendi a lição.

Ou, pelo menos, aprendi a ficar calado.

Letícia, por outro lado, parecia empenhada em me ensinar justamente o contrário.

— Você precisa aprender a escrever isso direito, Gui.

— Para quê?

— Porque está errado.

— Mas dá para entender.

— Não interessa. Está errado.

No fim das tardes, quando o trabalho permitia, a gente se encontrava debaixo de uma gameleira enorme que havia perto do curral.

Foi ali que Letícia decidiu que eu precisava melhorar minha leitura e minha escrita.

Eu sabia ler.

Sabia escrever também.

Mas era pouco.

Pouquíssimo, segundo ela.

Letícia levava livros, folhas, lápis e uma paciência que eu nunca imaginei que tivesse.

Sentava perto de mim e apontava as palavras.

— Essa.

— Já sei.

— Então lê.

Eu lia.

— Errado.

— Então por que perguntou se eu sabia?

Ela ria.

E começava tudo outra vez.

Às vezes eu achava que aquelas aulas eram só mais uma desculpa para ela me atormentar.

Hoje não tenho tanta certeza.

Letícia era muito inteligente.

Tinha uma curiosidade que parecia não caber dentro daquela fazenda. Gostava de livros, fazia perguntas sobre lugares que nunca tinha conhecido e falava de São Paulo como se aquela cidade existisse em outro planeta.

E, por algum motivo que eu não compreendia, queria que eu aprendesse também.

— Você é inteligente, Gui.

— Sou trabalhador.

— Uma coisa não impede a outra.

Aquilo ficou comigo.

Ninguém nunca tinha me dito daquele jeito.

Meu pai me ensinara a trabalhar.

Minha mãe me ensinara a respeitar.

Seu Bertollo me ensinava, sem perceber, que confiança era uma coisa difícil de conquistar.

Mas foi Letícia quem começou a me ensinar que talvez o mundo tivesse mais lugares para mim do que aqueles que eu conseguia enxergar da Fazenda da Barra.

Com abril chegaram também os preparativos para os quinze anos de Letícia Bertollo.

Durante semanas, a casa grande virou uma confusão.

Entrava gente.

Saía gente.

Chegavam caixas, tecidos, comida, bebida.

As mulheres da cozinha quase não paravam.

Eu observava tudo de longe.

Não era problema meu.

Pelo menos foi o que pensei.

Meu pai já havia avisado que nós não iríamos à festa.

— Festa de patrão é festa de patrão.

Para ele, o assunto terminava ali.

Para o senhor Elmo Bertollo, não.

Ele me encontrou perto do depósito dois dias antes da comemoração.

— Guilherme.

— Senhor.

— Você vem sábado.

Achei que estava falando de trabalho.

— Que horas o senhor quer que eu chegue?

Ele franziu a testa.

— Na festa, rapaz.

Fiquei sem saber o que responder.

— Eu?

— Você.

— Meu pai disse que...

— Seu pai decide se ele vai. Você eu estou convidando.

Eu ainda procurava uma maneira educada de dizer que não tinha roupa para uma coisa daquelas quando ele me entregou uma caixa.

— Experimenta.

Abri.

Dentro havia um par de sapatos como eu nunca tinha tido.

Bonitos demais até para pisar no chão.

Depois veio a roupa.

Linho.

Passei a mão pelo tecido sem coragem de perguntar quanto aquilo custava.

— Não precisa disso, seu Bertollo.

— Eu sei que não precisa.

Ele colocou a mão no meu ombro.

— Por isso mesmo estou dando.

Seu Bertollo gostava de mim.

Nunca entendi completamente por quê.

Talvez porque eu trabalhasse direito.

Talvez porque nunca tivesse lhe dado motivo para desconfiar de mim.

Ou talvez ele enxergasse alguma coisa naquele garoto que nem eu mesmo conseguia enxergar.

Os outros filhos dele não pareciam compartilhar da mesma opinião.

Eu percebia nos olhares.

Nunca diziam diretamente.
Não precisavam.
Para eles, eu podia vestir linho.
Podia calçar sapato bonito.
Podia até entrar pela porta da frente.
Mas continuava sendo Guilherme.
O filho de um empregado.
Na noite da festa, demorei para me reconhecer.
Minha mãe ajeitou minha roupa umas três vezes.
— Para de mexer, mãe.
— Fica quieto.
Meu pai estava sentado, olhando.
— Está parecendo filho de rico.
Não consegui descobrir se aquilo era elogio ou reclamação.
— Foi seu Bertollo quem me deu.
— Eu sei.
Ele ficou em silêncio.
Quando saí, ouvi sua voz atrás de mim:
— Guilherme.
Virei.
— Não esquece quem você é.
Aquela frase me acompanhou durante todo o caminho.
Eu já tinha visto a casa dos Bertollo iluminada.
Mas nunca daquele jeito.
Parecia que haviam trazido um pedaço da cidade para dentro da fazenda.
Havia música.
Mesas.

Gente que eu nunca tinha visto.
Homens bem vestidos, mulheres perfumadas, famílias inteiras
que falavam alto e pareciam conhecer umas às outras.
Por alguns minutos, tive vontade de voltar para casa.
Até que Letícia apareceu.
E todo o resto desapareceu.
Não sei explicar o vestido.
Nem lembro a cor direito.
Engraçado.
Passei a vida lembrando daquela noite e nunca consegui
lembrar a cor daquele vestido.
Mas lembro dela.
Lembro do cabelo.
Dos olhos.
Do sorriso quando me encontrou no meio das pessoas.
— Gui!
Meu estômago gelou.
Como sempre.
Só que daquela vez foi diferente.
Ela veio na minha direção.
Parou.
Olhou para mim dos sapatos até o cabelo.
— Nossa...
— O quê?
— Você está bonito.
Olhei para os lados.
— Fala baixo.
Ela riu.

— Está com vergonha?

— Não.

— Está sim.

— Vai cuidar da sua festa.

— É minha festa. Eu cuido dela do jeito que eu quiser.

A mesma Letícia.

Graças a Deus.

Porque aquela menina arrumada demais estava começando a me deixar nervoso.

— Vem.

— Para onde?

Ela segurou minha mão.

— Gui...

— O quê?

— Só vem.

E eu fui.

Talvez tenha sido a primeira vez que deixei Letícia me tirar de algum lugar sem reclamar.

Ela me levou para longe da música, passando pela lateral da casa, até um lugar onde as luzes da festa chegavam fracas.

— O que foi?

Ela não respondeu.

— Letícia?

— Você fez cara feia para mim o ano inteiro.

— Você me atormentou o ano inteiro.

— Eu te ensinei a escrever.

— Me atormentando.

Ela riu.

Depois ficou séria.

Foi aí que comecei a ficar com medo.

Não do escuro.

Dela.

Letícia deu um passo na minha direção.

Eu recuei meio passo.

— O que você está fazendo?

— Nada.

— Então para.

— Parar o quê?

— Isso.

— Isso o quê, Gui?

Eu não sabia.

Ela estava perto demais.

— Seu pai está lá dentro.

— Eu sei.

— Seus irmãos também.

— Eu sei.

— Se alguém vê a gente...

— Guilherme.

Ela nunca me chamava de Guilherme daquele jeito.

Fiquei quieto.

— Você gosta de mim?

A pergunta me acertou mais forte que a bainha do facão do meu pai.

— Claro que gosto.

— Não desse jeito.

— Que jeito?

Ela chegou mais perto.

Eu sabia.

Sabia exatamente de que jeito ela estava falando.

Só não tinha coragem de dizer.

Então fiz o que sempre fazia quando Letícia chegava perto demais de alguma verdade.

Fiz cara feia.

— Você é uma menina muito perturbada.

Ela sorriu.

— E você é muito mentiroso.

Foi Letícia quem me beijou.

Não foi um encostar de boca.

Não foi brincadeira.

Não foi coisa de criança.

Quando percebi o que estava acontecendo, minhas mãos não sabiam onde ficar, meu coração parecia bater no pescoço e todas as coisas que eu tinha passado um ano inteiro tentando organizar dentro de mim se misturaram de uma vez.

Eu devia ter me afastado.

Não me afastei.

Por alguns segundos, esqueci a fazenda.

Esqueci o senhor Bertollo.

Esqueci meus sapatos novos.

Esqueci os irmãos dela.

Esqueci meu pai dizendo para eu nunca esquecer quem eu era.

Só existia Letícia.

Quando ela afastou o rosto, fiquei olhando para ela sem saber o que dizer.

Ela também parecia assustada.

Talvez tivesse descoberto alguma coisa naquele beijo.

Eu certamente descobri.

— Gui...

Não respondi.

Ela sorriu.

— Agora você ficou sem cara feia.

Passei a mão pela boca.

Meu coração continuava disparado.

— Você é doida.

Ela riu.

E voltou correndo para a festa.

Fiquei sozinho.

Parado no escuro.

Aos dezessete anos, eu ainda não sabia quase nada sobre o amor.

Mas naquela noite descobri uma coisa:

passei tanto tempo evitando Letícia que acabei encontrando o caminho mais perto para sofrer.

E foi no beijo daquela garota perturbada que compreendi, pela primeira vez, que ela já era muito mais do que eu queria admitir.

Muito mais do que a filha do patrão.

Muito mais do que a menina que me tirava do trabalho.

Letícia Bertollo já ocupava uma parte de mim.

Talvez mais da metade.

E eu só descobri quando já era tarde demais para fazer cara feia.

FIM DO CAPÍTULO I



ORIGEM

CAPÍTULO II

CHUVA DE ARROZ

Quando amar exige coragem

Algumas pessoas nascem separadas apenas por uma cerca. O problema é descobrir que, às vezes, do outro lado dela existe um mundo inteiro.

Guilherme

1972

Aqui na Fazenda da Barra a vida seguia frenética.

Eu também.

Já estava com dezoito anos e começava a me achar um pouco mais esperto.

Talvez esperto não seja a palavra.

Confiante.

É.

Eu estava mais confiante.

Meus afazeres tinham aumentado bastante. Seu Bertollo confiava cada vez mais em mim e eu aproveitava cada oportunidade que ele me dava. Se aparecia alguma coisa que eu ainda não sabia fazer, perguntava. Se ninguém queria explicar, observava. Se não podia observar, dava um jeito de descobrir.

Eu queria aprender.

Tudo.

Não sei exatamente quando aquilo começou.

Talvez tenha sido Letícia.

Ela tinha me ensinado a melhorar a leitura e a escrita, mas acho que acabou me ensinando outra coisa sem perceber.

Eu podia aprender.

Parece pouca coisa quando a gente diz assim.

Não era.

Para um menino que crescera acreditando que sua vida seria acordar antes do galo, trabalhar e voltar para casa quando já estivesse escuro, descobrir que a cabeça também podia abrir porteiros era uma novidade e tanto.

Só havia um problema.

A professora tinha sumido.

Não literalmente.

Letícia continuava morando ali.

Eu a via.

Mas aquela garota que aparecia no curral gritando meu nome parecia ter ficado em algum lugar do passado.

Ela não me atormentava mais.

Não aparecia querendo andar a cavalo.

Não me chamava para colher goiaba.

Nunca mais pediu para ir comigo levar o leite.

Nem fui convidado para sua festa de dezesesseis anos.

Aquilo doeu mais do que eu gostaria de admitir.

Depois do beijo na festa de quinze, imaginei que alguma coisa mudaria entre nós.

E mudou.

Só não mudou como eu esperava.

Dona Bertollo começou a ocupar Letícia com tudo quanto era coisa.

Estudos.

Visitas.

Compromissos.

Gente nova.

Famílias que apareciam na fazenda e que eu nunca tinha visto antes.

Não posso afirmar que fosse de propósito.

Mas eu não era burro.

Também havia os irmãos dela.

Principalmente os mais velhos.

Nunca gostaram muito de me ver perto de Letícia.

Antes, quando éramos crianças, talvez achassem graça.

A filha do patrão correndo atrás do filho do empregado.

Depois que ela fez quinze...

parou de ter graça.

Pelo menos para eles.

Nunca ninguém chegou até mim e disse:

“Fique longe dela.”

Não precisava.

Existem recados que os ricos conseguem dar sem abrir a boca.

Letícia também estava diferente.

A menina franzina tinha desaparecido.

Agora andava sempre com os cabelos arrumados em cachos perfeitos. Os vestidos haviam mudado. O jeito de andar tinha mudado.

Até o cheiro dela tinha mudado.

Era um perfume tão bom que, quando passava perto do curral, parecia capaz de vencer cheiro de esterco, capim, couro e leite azedo de uma vez só.

Eu sabia quando Letícia havia passado por ali sem precisar vê-la.

Às vezes levantava a cabeça e ela estava vindo.

Meu coração ainda fazia aquela mesma besteira de sempre.

Mas agora ela não gritava:

— GUI!

Passava.

— Oi, Gui.

— Oi, Letícia.

Um sorriso de canto de boca.

Meio sem graça.

E seguia.

Sempre para algum lugar que eu não sabia onde era.

Eu ficava olhando.

Sentia saudade da menina perturbada.

Preferia mil vezes aquela Letícia que me tirava do serviço àquela moça educada que parecia pedir licença até para sentir alguma coisa.

Eu sabia que ela também não estava confortável.

Via nos olhos.

Mas nenhum de nós dizia nada.

Talvez porque ela tivesse aprendido alguma coisa com a família.

E eu tivesse aprendido alguma coisa com meu pai.

Cada um deve saber o seu lugar.

Foi um funcionário novo quem trouxe a notícia.

O sujeito havia chegado havia pouco tempo para trabalhar perto da moenda e ajudar no preparo da ração dos bois.

Não lembro por que ele resolveu falar comigo.

Talvez porque notícia ruim sempre encontre a pessoa certa.

Estávamos trabalhando quando ele soltou:

— Bonita a filha do patrão, hein?

Continuei o que estava fazendo.

— Qual delas?

Sabia exatamente de quem ele estava falando.

— A mais nova.

Não respondi.

— Dizem que está namorando.

Minha mão parou.

Só por um instante.

— Dizem muita coisa.

— Mas essa parece que é verdade.

Voltei ao trabalho.

— E você sabe porque está cuidando da vida dela?

Ele riu.

— Não estou cuidando, não. O pessoal comenta.

Fiquei quieto.

Era melhor.

Mas ele continuou:

— É filho de um ricoço. O pai tem uma fazenda de grãos que dizem ser uma das maiores do país.

Senti alguma coisa apertar dentro do peito.

— Bom para ela.

— Bom mesmo.

Ele foi embora.

Eu fiquei.

“Bom para ela.”

Passei o resto do dia repetindo aquilo para mim.

Bom para ela.

Bom para ela.

Bom para ela.

Até quase acreditar.

Comecei a juntar as pontas.

Duas vezes por semana chegava à Fazenda da Barra um caminhão FNM carregado.

Eu já tinha visto.

Todo mundo chamava de Fenemê.

O barulho daquele caminhão anunciava sua chegada antes mesmo de aparecer na estrada.

Entrava, seguia para o galpão novo e descarregava.

Eu não sabia exatamente o quê.

Naquele galpão, empregado não entrava.

Só os patrões e quem tivesse autorização.

Antes eu não ligava.

Depois daquela conversa, passei a ligar.

A família do rapaz fazia negócios com seu Bertollo.

O rapaz aparecia.

Letícia estava distante.

Os irmãos dela pareciam satisfeitos.

Dona Bertollo mantinha a filha ocupada.

Não precisava ser inteligente demais para montar uma história.

O problema era saber se a história era verdadeira.

Talvez Letícia tivesse entendido antes de mim aquilo que meu pai tentava me ensinar desde menino.

Existiam coisas que não eram para gente como nós.

E, no caso dela...

talvez eu fosse uma dessas coisas.

Então começaram os presentes.

Primeiro umas coisas pequenas.

Depois apareceu uma bicicleta.

Bonita.

Nova.

Letícia passava pela fazenda com ela e parecia feliz.

Tentei ficar feliz também.

Depois veio o cavalo.

Aí foi diferente.

Cavalo era comigo.

Eu conhecia os animais daquela fazenda. Sabia qual mancava quando o tempo mudava, qual não gostava que mexessem perto da orelha, qual aceitava qualquer um e qual precisava primeiro sentir o cheiro da mão.

Quando soube que o cavalo era dela, a primeira coisa que pensei foi:

“Vou cuidar.”

Nem precisei oferecer.

Letícia veio até mim.

Pela primeira vez em muito tempo.

— Gui.

Olhei para ela.

Aquele “Gui” quase parecia o antigo.

— Oi.

— Sobre o meu cavalo...

— Já vi.

— Bonito, né?

— Muito.

Ela ficou mexendo nas mãos.

Alguma coisa estava errada.

— Eu vim pedir uma coisa.

Meu coração idiota se animou.

— Pode falar.

— Não precisa cuidar dele.

Demorei para responder.

— Como?

— Já tem uma pessoa cuidando.

— Quem?

— Um rapaz que meu irmão indicou.

Aquilo me incomodou mais do que deveria.

— Eu cuido dos cavalos daqui.

— Eu sei.

— Então?

— Gui...

— Então por que outro vai cuidar?

Ela abaixou os olhos.

— Meu irmão pediu.

— Seu irmão manda no seu cavalo?

Ela me olhou.

Percebi que tinha passado do ponto.

— Desculpa.

— Não quero brigar com você.

— Nem eu.

Silêncio.

— Só achei que você fosse gostar de saber.

— Saber o quê?

Ela demorou.

— Que eu vim falar com você.

Quase respondi.

Não respondi.

Letícia sorriu daquele jeito triste que eu já estava começando a odiar.

— Tchau, Gui.

— Tchau.

Ela foi embora.

Dessa vez, o perfume ficou.

E eu tive vontade de odiar até aquilo.

O rapaz que cuidaria do cavalo estava aprendendo com um homem que aparecia aos domingos para tratar dos animais.

Diziam que era médico de bicho.

Eu nunca tinha ouvido alguém falar daquele ofício daquele jeito.

Ele examinava os animais, dava remédios, observava dentes, patas, ferimentos.

E eu queria estar perto.

Queria perguntar.

Queria saber o nome dos remédios.

Queria entender por que um animal adoecia e outro não.

Queria saber o que ele escutava quando encostava o ouvido no peito de um cavalo.

Mas não me deixavam acompanhar.

Aquilo me deixava louco.

Fui falar com seu Bertollo.

— Seu Bertollo, posso perguntar uma coisa?

— Fala, Guilherme.

— Por que eu não posso acompanhar o moço quando ele vem cuidar dos animais?

Ele me olhou por cima dos óculos.

— Quem disse que você não pode?

— Seu filho.

Seu Bertollo respirou fundo.

— Deixa isso para lá.

— Mas eu queria aprender.

— Eu sei.

— Então...

— Meu filho também precisa aprender o ofício, Guilherme. Um dia isso aqui vai ficar para eles. É bom que conheça as coisas da fazenda.

Concordei com a cabeça.

— Sim, senhor.

Eu entendia.

Mas não engolia.

Saí dali com alguma coisa latejando dentro da cabeça.

E dessa vez não era Letícia.

Era eu.

Comecei a olhar para a Fazenda da Barra de outro jeito.

Eu não queria apenas tirar leite.

Queria saber por que uma vaca produzia mais que outra.

Não queria apenas cortar cana.

Queria entender como ela crescia.

Queria saber da terra.

Da chuva.

Das máquinas.

Da moenda.

Queria saber como aquela cana virava garapa, açúcar, dinheiro.

Queria entender o caminhão que entrava no galpão.

Queria saber o que existia dentro daquele lugar onde eu não podia entrar.

Queria entender os negócios do senhor Bertollo.

Queria ler melhor.

Escrever melhor.

Fazer conta.

Conhecer o mundo que existia além daquela porteira.

Eu queria saber.

E quanto mais me impediam... mais eu queria.

Talvez fosse raiva.

Talvez ambição.

Talvez Letícia tivesse colocado aquilo dentro de mim quando se sentava comigo debaixo da gameleira e insistia:

“Você é inteligente, Gui.”

Eu ainda conseguia ouvir.

Quanto a ela...

Eu decidi não perguntar sobre o rapaz.

Não perguntaria se estavam namorando.

Não perguntaria sobre os presentes.

Não perguntaria sobre o cavalo.

Não perguntaria por que ela havia se afastado.

Se aquela era a vontade dela, eu teria que entender.

Mas havia uma coisa que ninguém sabia.

Nem meu pai.

Nem seu Bertollo.

Nem os irmãos dela.

Talvez nem Letícia.

Eu ainda guardava aquele beijo.

Guardava como quem esconde alguma coisa preciosa no único lugar onde ninguém consegue entrar.

No fundo do peito.

Às vezes eu via Letícia passar e imaginava outra vida.

Uma vida absurda.

Daquelas que um sujeito precisa ter vergonha até de sonhar.

Nessa vida, não existiam os irmãos dela me olhando de cima.

Não existia galpão proibido.

Não existia filho de ricoço.

Não existia “filho do empregado”.

Existia Guilherme.

Existia Letícia.

E bastava.

Eu imaginava chegar à casa grande pela porta da frente.

Não como funcionário.

Não para buscar ordem.

Não para levar leite.

Chegaria para falar com seu Bertollo olhando nos olhos.

E diria que queria a filha dele.

Pior.

Às vezes eu imaginava casamento.

Eu.

Guilherme.

O filho do empregado.

Casando com Letícia Bertollo.

Se meu pai descobrisse um pensamento daqueles,
provavelmente procuraria a baidha do facão.

Mas eu imaginava.

Via gente na porta.

Via Letícia sorrindo.

E, sabe-se lá por quê, até imaginava arroz sendo jogado sobre nós.

Chuva de arroz.

Coisa de rico.

Coisa de gente que podia escolher com quem casar.

Então eu voltava para a realidade.

O curral.

A cana.

O leite.

Minhas mãos calejadas.

E aquela distância enorme entre a casa onde eu dormia e a casa onde Letícia dormia.

Talvez seu pai pudesse devolver cada centavo que alguém gastasse com presentes.

Talvez eu pudesse trabalhar uma vida inteira e ainda assim nunca ter o dinheiro daquela família.

Talvez meu sobrenome nunca significasse nada para ninguém.

Mas naquela época comecei a pensar uma coisa perigosa:
e se eu pudesse mudar isso?

E se o lugar onde nasci não precisasse ser o lugar onde eu terminaria?

Olhei para a casa grande ao longe.

Depois para minhas mãos.

Pela primeira vez, eu não queria apenas ser o garoto de ouro do senhor Bertollo.

Eu queria ser alguma coisa por mim mesmo.

Ainda não sabia o quê.

Só sabia por quê.

E, embora eu tivesse vergonha de admitir...

parte daquele motivo ainda passava perto do curral de vez em quando, perfumando tudo, sorrindo de canto de boca e dizendo:

— Oi, Gui.

Eu respondia:

— Oi, Letícia.

E deixava que ela fosse.

Mas dentro de mim havia um rapaz que já não queria ficar parado esperando que alguém decidisse qual seria o seu lugar no mundo.

Se um dia existisse chuva de arroz na porta daquela casa...

eu queria ter o direito de sonhar que estaria debaixo dela.

Ao lado de Letícia.

FIM DO CAPÍTULO II



ORÍGEM

CAPÍTULO III

SÃO PAULO — SETE DE SETEMBRO

A partida

Existem distâncias que não podem ser medidas em quilômetros.

Guilherme

1974

Hoje é meu aniversário.

Vinte anos.

Engraçado.

Quando a gente é menino, vinte anos parece idade de homem velho. Agora que cheguei aqui, não me sinto tão diferente daquele garoto que acordava antes do galo e tinha medo de atravessar a Fazenda da Barra no escuro.

Talvez eu tenha mudado.

Talvez muito.

Às vezes penso que tudo o que vivi nesses últimos anos foi apenas um sonho.

Letícia está chegando aos dezoito.

E nós...

Bom.

Nem sei mais o que somos.

A Fazenda da Barra cresceu.

E eu cresci junto com ela.

Meus afazeres já não eram os mesmos.

Eu aprendera a negociar gado, entendia muito mais sobre criação e consegui ajudar a aumentar nosso rebanho de holandesas em quase seis vezes.

Não fiz isso sozinho, é claro.

Mas participei de tudo.
Aprendi observando.
Perguntando quando podia.
Escutando quando deixavam.
E, quando ninguém queria ensinar, descobrindo sozinho.
Eu ainda queria saber de tudo.
Seu Bertollo continuava confiando em mim.
Continuava me tratando com carinho.
Mas alguma coisa havia mudado.
Aquele entusiasmo que ele demonstrava quando eu era mais novo parecia ter desaparecido.
Às vezes eu o pegava me observando de longe.
Não era reprovação.
Também não parecia decepção.
Era outra coisa.
Talvez dúvida.
Ou arrependimento.
Hoje penso que seu Bertollo começava a perceber que poderia ter feito mais por mim.
Talvez se arrependesse de não ter permitido que eu acompanhasse aquele homem que cuidava dos animais.
Naquela época eu já sabia o nome correto do ofício.
Médico-veterinário.
Gostava até de dizer.
Parecia importante.
E era.
Quanto mais eu aprendia sobre os animais, mais percebia o tamanho de tudo o que ainda não sabia.
Naquela tarde, passei horas no pasto.

Estávamos trazendo o último lote para o confinamento.

Eu montava um dos cavalos acostumados ao manejo. Dois cavaleiros vinham comigo e quatro boiadeiros-australianos faziam aquilo que pareciam ter nascido sabendo fazer.

Era bonito assistir àqueles cachorros trabalhando.

Corriam pelas laterais, fechavam espaço, voltavam, latiam, mordiscavam o calcanhar de algum animal mais teimoso e colocavam o rebanho novamente no rumo.

A poeira subia.

O gado avançava pesado.

Eu já estava pensando no banho quando avistei um cavaleiro vindo em nossa direção.

Demorei para reconhecer.

Era seu Bertollo.

E vinha montado no quarto de milha mais caro da fazenda.

— O que esse velho está inventando?

Um dos peões riu.

Seu Bertollo chegou até nós com um sorriso que eu não via havia muito tempo.

O cavalo era um animal extraordinário.

Forte.

Musculoso.

Rápido.

Treinado para prova, para arrancadas e movimentos curtos e violentos em torno de obstáculos.

Não para aquilo.

— Seu Bertollo! — gritei. — Melhor o senhor ficar por fora!

Ele riu.

— Hoje eu trabalho, Guilherme!

— O senhor já trabalhou bastante!

— Está me chamando de velho?

Os outros riram.

Eu também.

Por alguns minutos, seu Bertollo parecia um garoto.

Emparelhou o cavalo comigo e seguimos tocando o gado.

— Vinte anos hoje, não é?

Olhei para ele.

— Como o senhor sabe?

— Eu sei das coisas que acontecem na minha fazenda.

Sorri.

— Parabéns, rapaz.

— Obrigado.

Seu Bertollo aproximou um pouco mais o cavalo do meu, inclinou o corpo na sela e sorriu.

— Virou homem.

Não sei por que aquela frase ficou comigo.

Talvez porque, poucos minutos depois, eu fosse descobrir o quanto ser homem podia custar.

A entrada do confinamento sempre exigia cuidado.

O gado vinha apertado.

Quando os primeiros animais entravam, os demais pressionavam atrás. Era peso demais, força demais e espaço de menos.

Quem conhecia o serviço mantinha distância.

Seu Bertollo não conhecia.

— Deixa que eu fecho! — ele gritou.

— Não! Seu Bertollo!

Ele avançou.

— Seu Bertollo, sai daí!
O cavalo recebeu um comando brusco.
Fez aquilo para que tinha sido treinado.
Girou.
Rápido demais.
Foi questão de um segundo.
Vi o corpo de seu Bertollo perder o eixo.
A mão tentando encontrar alguma coisa.
A perna escapando.
E então ele caiu.
Bem na frente do gado.
— SEGURA!

Tudo aconteceu ao mesmo tempo.
Gritos.
Cachorros latindo.
Cavalos assustados.
Poeira.
Muito pó.
Os primeiros bois tentaram desviar.
Os que vinham atrás não conseguiram.
Vi seu Bertollo no chão.
Depois não vi mais.
Só patas.
— SEU BERTOLLO!

Joguei-me do cavalo.
Alguém gritou meu nome.
Não ouvi.
Ou talvez tenha ouvido e não tenha me importado.

Entrei.

Até hoje não sei explicar como fiz aquilo.

Eu pulava entre os animais, empurrava, gritava, batia nas ancas, tentava abrir espaço.

Levei uma pancada no ombro.

Outra nas costas.

Caí.

Levantei.

Uma pata acertou minha perna.

Outra pegou de raspão na proteção que eu usava.

Não sentia dor.

Só procurava seu Bertollo.

— ABRE! ABRE!

Os peões tentavam dividir o gado.

Os cachorros enlouqueciam.

Então eu vi uma mão.

A mão dele.

Metade do corpo estava coberta de poeira.

Ceguei até ele.

— Seu Bertollo!

Nada.

— SEU BERTOLLO!

Abaixei.

Ele respirava.

Ou achei que respirava.

Passei os braços por baixo dele.

Um boi passou tão perto que senti o corpo do animal bater nas minhas costas.

Caí sobre seu Bertollo.
Levantei de novo.
Alguém conseguiu abrir espaço.
Depois outro homem chegou.
Depois outro.
Não sei quanto tempo levou.
Na minha memória foram horas.
Provavelmente foram segundos.
Quando finalmente o arrastamos para fora, caí sentado no chão.
Seu Bertollo não se mexia.
Havia sangue.
Muito sangue.
Olhei para minhas mãos.
Também havia sangue nelas.
Não sabia se era dele ou meu.
— Ele morreu?
Ninguém respondeu.
— ELE MORREU?
— Cala a boca, Guilherme!
Fiquei olhando.
Vinte anos.
Era meu aniversário de vinte anos.
E eu estava sentado no chão, coberto de terra, esterco e sangue,
olhando para o homem que havia me dado meu primeiro par de
sapatos bonitos lutar para continuar respirando.
Seu Bertollo foi levado às pressas.
Primeiro para atendimento na região.
Depois decidiram transferi-lo para São Paulo.

A capital.

Durante semanas, a Fazenda da Barra viveu entre boatos e silêncio.

— Morreu.

No dia seguinte:

— Não morreu.

— Está muito ruim.

Depois:

— Melhorou.

— Piorou de novo.

As notícias chegavam por telefone.

Aquela linha virou uma espécie de ligação entre a Fazenda da Barra e a vida de seu Bertollo.

Quando o telefone tocava na casa grande, parecia que até os animais esperavam.

A notícia da morte dele chegou mais de uma vez.

E mais de uma vez foi desmentida.

Seu Bertollo estava vivo.

Por pouco.

Enquanto o pai lutava pela vida em São Paulo, o filho mais velho assumiu a fazenda.

Foi quando conheci de verdade aquele homem.

Mão de ferro.

Era assim que gostava de administrar.

Ordens.

Gritos.

Ameaças.

Tudo parecia motivo para humilhar alguém.

Eu já desconfiava do caráter dele.

Mas nunca imaginei que fosse capaz de se tornar tão diferente do próprio pai.

E comigo era pior.

A família precisava de um culpado.

Encontraram.

Guilherme.

Alguns diziam que eu deveria ter impedido seu Bertollo de entrar com o cavalo.

Outros diziam que eu tinha conduzido o gado errado.

Teve quem dissesse que eu escolhera aquele animal para ele.

Mentira.

Mas mentira repetida dentro de uma família poderosa começa a vestir roupa de verdade.

Eu aguentei.

Não sei por quê.

Talvez porque meu pai tivesse me ensinado a aguentar.

Talvez porque eu soubesse que, se seu Bertollo abrisse os olhos, saberia o que realmente aconteceu.

Foi num sábado, quase ao anoitecer, que ouvi aquela voz.

— Gui...

Parei.

Fazia tempo que ninguém conseguia me paralisar apenas dizendo meu nome.

Virei.

Letícia.

Meu primeiro pensamento foi seu pai.

Pelo rosto dela, achei que ele tivesse morrido.

— O que aconteceu?

Ela não respondeu.

— Letícia, seu pai...

— Meu pai está vivo.

Respirei.

— Então o que foi?

Ela chegou mais perto.

Estava nervosa.

— Eu precisava falar com você.

Olhei ao redor.

— Agora?

— Agora.

Eu estava imundo.

Tinha passado o dia trabalhando.

Cheirava a suor, curral e, provavelmente, bosta de boi.

— Fala.

Ela respirou fundo.

— Eu sei que você não teve culpa.

Não respondi.

— Do acidente do meu pai.

— Sua família não acha isso.

— Eu não sou minha família.

Aquilo me atingiu.

Letícia continuou:

— Eu sei o que você fez. Os homens que estavam lá contaram.

Você entrou no meio do gado para tirar meu pai.

— Eu faria de novo.

Os olhos dela encheram.

— Eu sei.

Silêncio.

Então Letícia disse:

— Eu também preciso te pedir desculpas.

— Pelo quê?

— Por nós.

Meu coração começou.

Aquele maldito coração.

— Não existe “nós”, Letícia.

Ela baixou os olhos.

— Eu sei.

Arrependi-me imediatamente.

Mas não retirei.

— Eu me afastei porque deixei que fizessem isso comigo.

— Ninguém faz nada com você.

— Faz, sim, Gui.

Ela me olhou.

— Minha mãe. Meus irmãos. Todo mundo dizendo que nossos mundos eram diferentes. Que eu estava crescendo. Que precisava parar de andar atrás de você pela fazenda como uma criança.

Fiquei quieto.

— E eles estavam errados?

Ela demorou.

— Sobre nossos mundos serem diferentes?

— É.

— Não.

Aquilo doeu.

Então ela completou:

— Mas estavam errados sobre o que eu sinto.

Não consegui respirar direito.

— Letícia...

— Deixa eu terminar.

Fiquei quieto.

— Eu aceitei conhecer pessoas que eles queriam que eu conhecesse. Aceitei presentes. Aceitei companhia. Até aceitei um compromisso que nunca quis de verdade.

— O filho do fazendeiro.

Ela assentiu.

Então era verdade.

— Mas eu nunca beijei ele, Gui.

Olhei para ela.

— Não precisa me explicar.

— Preciso.

— Por quê?

Ela chegou perto.

— Porque eu nunca deixei ele pegar na minha mão como você pegou. Nunca fiquei sozinha com ele. Nunca deixei acontecer nada.

— Letícia...

— Porque eu amo você, Gui.

O mundo ficou quieto.

Não estou exagerando.

Ficou.

Eu não ouvia os animais.

Não ouvia os homens terminando o serviço.

Não ouvia nada.

Só aquela frase.

Eu amo você, Gui.

Ela respirou fundo.

— Sei que você não gosta mais de mim. Depois de tudo o que eu deixei acontecer...

Não deixei terminar.

Abracei Letícia.

Com roupa suja.

Com cheiro de curral.

Com esterco na bota.

Com tudo.

Abracei.

E ela me beijou.

Ou eu beijei ela.

Não sei.

Talvez os dois tenham feito ao mesmo tempo.

Diferente daquele primeiro beijo, nenhum de nós estava assustado.

Nós sabíamos.

Sabíamos exatamente o que estávamos fazendo.

Foi um beijo longo.

Demorado.

Um beijo de anos.

Um beijo de tudo o que não havíamos dito.

Minhas mãos seguravam o rosto dela e, pela primeira vez desde o acidente, senti que alguma coisa dentro de mim estava no lugar.

Eu não vi.

Letícia também não.

Mas dona Bertollo estava longe.

Parada.

Observando.

Quando nossas bocas se separaram, fiquei com a testa encostada na dela.

Sorri.

Ela não.

— O que foi?

Os olhos dela estavam molhados.

— Gui...

— O quê?

— Eu vou embora.

Meu sorriso desapareceu.

— Para onde?

— São Paulo.

Afastei o rosto.

— Quando?

Ela demorou um segundo.

— Sete de setembro.

Aquela data entrou na minha cabeça como ferro quente.

— Não.

— Gui...

— Não.

— Eu preciso terminar meus estudos.

— Você não precisa estudar mais. Você já é inteligente.

Ela quase sorriu.

— Não funciona assim.

— Seu pai está internado lá. Você vai ficar com ele?

— Meu pai vai voltar.

— Como assim?

— Recebeu alta.

Parei.

— Seu Bertollo vai voltar?

Ela assentiu.

— Dia sete.

Duas notícias.

No mesmo dia.

Seu Bertollo voltaria para casa.

Letícia iria embora.

Uma deveria ter me deixado feliz.

Não deixou.

— Quanto tempo?

— O quê?

— Quanto tempo você vai ficar em São Paulo?

Ela baixou os olhos.

— Quatro anos.

— Quatro...

Não consegui terminar.

Quatro anos.

Eu tinha vinte.

Quatro anos era um quinto de toda a minha vida.

— A menos que você vá me visitar.

Olhei para ela.

— Eu?

— São Paulo não é outro país, Gui.

Na minha cabeça era.

Talvez pior.

— E depois?

— Depois eu volto.

— Você promete?

Letícia me olhou.

Não respondeu imediatamente.

Eu queria que tivesse respondido.

— Eu vou tentar.

Foi a primeira vez que tive medo de uma frase tão pequena.

E eu ainda não sabia de tudo.

Pouco depois descobri que dona Bertollo pretendia manter

Letícia em São Paulo durante todo o período de seus estudos.

Seis anos.

Quando ouvi aquilo, senti ódio daquela mulher.

— Velha rabugenta...

Pensei com uma raiva que nem fiz questão de pedir perdão a Deus por sentir.

Quatro anos já me pareciam uma vida inteira.

Seis eram uma eternidade.

7 DE SETEMBRO DE 1974

O dia chegou.

Enquanto o país comemorava a Independência, eu descobria que algumas pessoas podem ficar presas a alguém mesmo quando essa pessoa está indo embora.

Letícia partiria para São Paulo naquela manhã.

Só que decidi não se despedir de mim.

Soube depois que não foi por falta de vontade.

Foi justamente pelo contrário.

Ela tinha medo de não conseguir ir.

Dona Bertollo providenciou tudo. Um motorista foi contratado especialmente para levá-la até a capital, e a viagem seria feita na Chevrolet C-10 da família.

Aquela caminhonete era uma preciosidade para seu Bertollo. Ninguém dirigia sem autorização.

Ele tinha mais ciúme daquela C-10 do que de muito cavalo caro da fazenda.

Naquela manhã, porém, ela levaria sua filha embora.

Eu não sabia exatamente a hora da partida.

Ninguém veio me avisar.

Letícia também não.

Mas algumas coisas a gente não fica sabendo.

A gente sente.

Eu estava trabalhando quando ouvi, ao longe, o motor de um carro.

Levantei a cabeça.

Não sei explicar o que aconteceu dentro de mim.

Larguei o que estava fazendo.

Corri até o cavalo.

— Vamos!

Montei e saí.

Quando alcancei uma parte mais alta do pasto, enxerguei a estrada.

Era a C-10.

Meu coração quase saiu pela boca.

— LETÍCIA!

Não havia como ela me ouvir.

A caminhonete já seguia pela estrada que cortava a propriedade em direção à saída da Fazenda da Barra.

Esporei o cavalo.

Ele arrancou.

Eu não podia seguir pela estrada.

Então cortei pelo pasto.

De um lado, a C-10 levantava poeira.

Do outro, eu galopava entre o capim, desviando de buraco e gado, procurando as passagens entre as cercas que conhecia desde menino.

Não pensei.

Só corri.

O vento batia no meu rosto.

O cavalo esticava o corpo a cada passada.

E eu olhava para aquela caminhonete como se dentro dela estivesse indo embora tudo o que eu possuía.

Talvez estivesse.

Letícia me viu.

Mais tarde ela me contou que primeiro achou que estava imaginando.

Depois colou o rosto no vidro.

Eu estava lá.

Galopando pelo pasto.

Tentando acompanhar a C-10.

Ela começou a chorar.

— Para o carro.

O motorista olhou pelo retrovisor.

— Senhorita?

— Para o carro!

Ele diminuiu.

— Aqui?

— PARA!

A C-10 freou na estrada.

Quando vi as luzes traseiras acenderem, puxei as rédeas.

O cavalo reduziu até parar junto à cerca que separava o pasto da estrada.

Desci antes mesmo que ele estivesse completamente quieto.

Letícia abriu a porta.

Pulou da caminhonete.

— Gui!

Correu.

Eu também.

Só havia uma cerca entre nós.

Naquele momento achei engraçado.

Durante tantos anos existiram dinheiro, sobrenome, família, empregados, patrões, estudos e um mundo inteiro entre Guilherme e Letícia.

Naquela manhã...

era só uma cerca.

Passei por ela.

Letícia se jogou nos meus braços.

— Por que você não me avisou?

Ela chorava.

— Eu não conseguia.

— Você ia embora sem falar comigo?

— Se eu fosse falar com você, eu não ia conseguir ir!

Apertei-a contra mim.

— Então não vai.

— Gui...

— Fica.

— Eu preciso ir.

— Não precisa.

— Preciso.

— Então eu vou com você.

Ela se afastou apenas o suficiente para olhar para mim.

Talvez tenha sido a coisa mais absurda que eu disse em toda a minha juventude.

Eu não tinha dinheiro.

Não conhecia São Paulo.

Não tinha onde morar.

Provavelmente não conseguiria chegar muito longe antes de alguém da Fazenda da Barra mandar me buscar.

Mas naquele instante eu iria.

Iria para qualquer lugar.

Letícia passou a mão pelo meu rosto.

— Você tem sua vida aqui.

— Minha vida está entrando naquela caminhonete.

Ela chorou ainda mais.

— Não fala isso.

— É verdade.

— Você vai fazer suas coisas, Gui. Vai aprender. Vai crescer. Vai ser tudo aquilo que sempre quis.

— E você?

— Eu vou estudar.

— Quatro anos...

Ela baixou os olhos.

— Eu sei.

— Quatro anos, Letícia.

— Eu sei, Gui.

— Isso é uma vida.

Ela segurou minhas mãos.

— Então vive a sua.

Aquilo doeu mais do que deveria.

— Sem você?

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Mas foi o que pareceu.

— Eu vou voltar.

— Quando?

Ela não respondeu.

— Letícia, quando?

— Eu não sei.

Era a resposta que eu menos queria ouvir.

Olhei para a C-10.

O motorista permanecia lá, fingindo não prestar atenção.

Olhei novamente para ela.

— Você ainda está com ele?

Letícia entendeu.

— Não.

— Tem certeza?

— Eu nunca estive de verdade.

Respirei.

— Então me promete uma coisa.

— O quê?

— Não esquece de mim.

Ela começou a chorar outra vez.

— Seu idiota.

— Promete.

— Como é que eu vou esquecer você?

— São Paulo é grande.

Ela apertou minhas mãos.

— Meu coração não é.

Não consegui responder.

Letícia segurou meu rosto com as duas mãos.

E me beijou.

Não havia festa.

Não havia vestido bonito.

Não havia perfume vencendo o cheiro do curral.

Não havia ninguém comemorando quinze anos.

Era diferente.

Aquele beijo tinha pressa.

Tinha medo.

Tinha saudade antes mesmo de a saudade começar.

Eu a apertei contra mim como se pudesse impedir o tempo de continuar andando.

Mas não podia.

Ninguém pode.

Quando nos afastamos, ela encostou a testa na minha.

— Vai me visitar?

— Vou.

— Promete?

— Prometo.

Eu não fazia ideia de como cumpriria aquela promessa.

Mas prometi.

O motorista finalmente abriu a porta.
— Senhorita... precisamos seguir.
Letícia fechou os olhos.
— Já vou.
Abraçou-me novamente.
Dessa vez não disse nada.
Também não consegui.
Existem despedidas em que qualquer palavra piora tudo.
Ela se afastou.
Deu dois passos.
Voltou.
Me beijou outra vez.
Depois correu para a caminhonete.
A porta fechou.
O motor aumentou de giro.
A C-10 começou a andar.
Fiquei parado junto à cerca.
Meu cavalo estava atrás de mim, respirando forte depois da corrida.
Letícia virou-se no banco.
Olhou pelo vidro traseiro.
Levantou a mão.
Levantei a minha.
A caminhonete foi ficando menor.
Menor.
Até virar apenas uma mancha no meio da poeira.
Depois...
nada.

Fiquei olhando para a estrada vazia.

Naquele instante compreendi uma coisa que nunca tinha sentido daquele jeito:

uma pessoa podia continuar viva, amar você e ainda assim desaparecer da sua vida.

Montei novamente.

Mas não voltei imediatamente para a fazenda.

Fiquei algum tempo parado no alto do pasto, olhando na direção em que a C-10 havia sumido.

São Paulo.

Onde você está agora, Letícia?

Em que lugar daquele universo eu vou encontrar você?

Naquela manhã, a cidade que eu nunca tinha visto já parecia grande demais.

Grande o suficiente para esconder minha menina de mim.

E eu ainda não sabia que aquele seria apenas o começo da distância.

Horas depois, outro veículo apareceu pela mesma estrada.

Dessa vez, trazendo alguém de volta.

Seu Bertollo.

Enquanto Letícia seguia para São Paulo, o pai finalmente retornava à Fazenda da Barra.

A mesma estrada havia levado uma parte da minha vida... e estava trazendo outra de volta.

A notícia correu.

Os funcionários se juntaram.

A família estava na casa grande.

Quando o vi descer, senti o peito apertar.

Ele estava mais magro.

Muito.

Movia-se com dificuldade e precisava de ajuda.

Aquele homem que eu vira montado no quarto de milha como um menino agora parecia ter envelhecido vinte anos em poucos meses.

Mas estava vivo.

Houve abraços.

Choro.

Gente agradecendo a Deus.

Prepararam comida.

Depois virou festa.

Uma comemoração improvisada pela volta do patrão.

Eu fiquei distante.

Até que alguém veio me procurar.

— Guilherme.

— O quê?

— Seu Bertollo está chamando.

Meu coração disparou.

Entrei na casa.

Havia familiares.

Funcionários.

Os filhos.

Dona Bertollo.

Todos.

Seu Bertollo estava acomodado em seus aposentos.

Quando me viu, levantou a mão.

— Vem aqui, rapaz.

Aproximei-me.

— Senhor.

Ele olhou para todos.

Depois para mim.

— Durante o tempo que passei naquele hospital, teve uma coisa que não saiu da minha cabeça.

Ninguém falou.

— Eu pensei muitas vezes que ia morrer.

Engoli seco.

— E quando achava que ia morrer, pensava: “Como posso ir embora deixando que acreditem que aquele rapaz teve culpa?”

Os filhos ficaram imóveis.

Seu Bertollo continuou:

— Guilherme não provocou meu acidente.

Olhei para ele.

— Eu fui imprudente.

Silêncio.

— E se estou aqui hoje...

Ele apontou para mim.

— ...é porque esse rapaz entrou no meio do gado e salvou minha vida.

Senti meus olhos queimarem.

— Seu Bertollo...

— Deixa eu falar.

Fiquei quieto.

— Obrigado, meu filho.

Meu filho.

Nunca esqueci.

Ele estendeu a mão.

Segurei.

Não consegui dizer muita coisa.

— Eu faria de novo, senhor.

Ele apertou minha mão.

— Eu sei.

Olhei ao redor.

Ninguém tinha coragem de olhar para mim.

Nem os filhos.

Nem dona Bertollo.

Naquele momento, meu nome estava limpo.

Meu pai ficaria orgulhoso.

Seu Bertollo estava vivo.

Eu deveria estar feliz.

E talvez estivesse.

Só que, naquela noite, enquanto todos comemoravam, eu saí por alguns minutos e fiquei olhando para a estrada.

A mesma estrada por onde Letícia havia partido.

São Paulo.

Eu tentava imaginar onde ela estaria.

Que rua.

Que casa.

Que janela.

Que mundo.

A fazenda estava em festa.

Mas dentro de mim não havia música.

Seu Bertollo tinha voltado.

Meu nome tinha sido devolvido.

E, ainda assim, parecia que alguém havia arrancado de mim a única coisa que fazia tudo aquilo ter sentido.

Olhei para o céu.

Era uma noite bonita.

Mas fazia frio dentro de mim.

Um frio que setembro nenhum deveria ter.

Naquele 7 de setembro, enquanto muita gente comemorava liberdade...

foi a minha vida que parou.

E, pela primeira vez, São Paulo deixou de ser apenas o nome de uma cidade.

Virou o lugar que tinha levado a minha menina.

FIM DO CAPÍTULO III



ORIGEM

CAPÍTULO IV

JOÃO PORTEIRA

O lugar de cada um

Existem presentes que compram gratidão. E existem perdas que devolvem a um homem a vontade de partir.

Guilherme

1977

Três anos.

Fazia três anos que Letícia tinha ido embora.

Eu estava com vinte e três.

Ela, chegando aos vinte e um.

Às vezes me perguntavam por que eu havia mudado tanto.

Eu respondia que não tinha mudado.

Mentira.

Tinha.

E muito.

O rapaz que correria a cavalo atrás daquela C-10 no dia 7 de setembro de 1974 ficou parado naquela cerca.

Quem voltou para a Fazenda da Barra foi outro Guilherme.

Mais calado.

Mais duro.

E, infelizmente, mais amigo da bebida.

Eu continuava trabalhando direito.

Talvez até melhor.

Ninguém podia reclamar de mim dentro da fazenda.

Se havia gado para buscar, eu buscava.

Se havia negócio para fazer, eu fazia.

Se alguma coisa precisava ser resolvida, eu resolvia.
Meu problema começava depois.
Quando o trabalho terminava.
Foi nessa época que comecei a beber com frequência.
Primeiro aos sábados.
Depois no meio da semana.
Depois comecei a inventar motivos.
Fim de colheita.
Negócio fechado.
Aniversário de alguém.
Chuva.
Falta de chuva.
Qualquer coisa servia.
Meus amigos perceberam.
— Você está bebendo demais, Gui.
— Cuida da sua vida.
Eu nunca tinha respondido daquele jeito.
Foi quando percebi que eles talvez tivessem razão.
Mas não parei.
A bebida não fazia Letícia desaparecer.
Só fazia a saudade ficar bêbada comigo.
Seu Bertollo também percebeu.
Ele nunca perguntou diretamente.
Talvez não precisasse.
Eu me afastara até dele.
Depois do acidente, nossa relação havia ficado ainda mais forte
por algum tempo. Mas, conforme os anos passavam, fui me
fechando.

Seu Bertollo sabia.

Ou achava que sabia.

Hoje acredito que ele compreendia que minha tristeza tinha alguma relação com Letícia.

Só não fazia ideia do tamanho.

Para ele, talvez eu sentisse falta da amiga de infância.

Da menina que me acompanhava pela fazenda.

Da filha dele que sentava comigo debaixo da gameleira.

Ele não sabia que a ausência daquela menina tinha provocado um holocausto dentro do coração daquele esperançoso aprendiz de príncipe.

Príncipe...

Olha eu.

Filho de empregado.

Bota suja.

Mão calejada.

Cheirando a boi.

E ainda me achando personagem de história.

A bebida fazia dessas coisas.

Foi depois de uma das melhores colheitas que a Fazenda da Barra já tivera que seu Bertollo apareceu em nossa casa.

Era uma noite fria.

Meu pai já havia terminado de comer e minha mãe arrumava as coisas quando ouvimos alguém do lado de fora.

— Guilherme!

Parei.

Conhecia aquela voz.

— Ô, Guilherme! Já estão dormindo?

Minha mãe olhou para meu pai.

Meu pai olhou para mim.

— É o patrão?

Fui até a porta.

Seu Bertollo estava ali.

Sozinho.

— Seu Bertollo?

Ele abriu os braços.

— Vai me deixar morrer de frio ou vai convidar esse velho para entrar?

— Entre!

Minha mãe apareceu atrás.

— Meu Deus... seu Bertollo!

Ele tirou o chapéu.

— Boa noite.

Meu pai levantou imediatamente.

— O senhor precisava de alguma coisa?

— Preciso.

Todos ficamos esperando.

Seu Bertollo olhou para a panela.

— Tem como colocar água nesse feijão?

Minha mãe não entendeu.

— Como?

Ele sorriu.

— Esse velho amigo gostaria de jantar com vocês nesta noite especial.

Nunca vi minha mãe se mexer tão rápido.

Parecia que o presidente da República tinha pedido comida em nossa casa.

— Claro! Senta, seu Bertollo. Guilherme, pega outra cadeira!

— Eu estou pegando, mãe.

— Pega o prato bom!

Nós tínhamos um prato bom.

Um.

E naquela noite foi dele.

Seu Bertollo comeu.

Repetiu.

Elogiou a comida umas quatro vezes.

Conversou com meu pai sobre a colheita.

Perguntou sobre minha mãe.

Falou de coisas da fazenda.

Até que colocou os talheres sobre o prato.

— Eu vim aqui por outro motivo.

Meu pai ficou sério.

— Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu.

Seu Bertollo olhou para nós.

— Vocês chegaram aqui quando quase não existia nada.

Meu pai abaixou os olhos.

— Trabalharam comigo desde o começo.

Silêncio.

— Ajudaram a construir muita coisa que hoje chamam de
Fazenda da Barra.

Meu pai tentou interromper.

— Seu Bertollo...

— Deixa eu falar.

Ele continuou:

— A fazenda matriz tem perto de novecentos alqueires.

Eu sabia.

Conhecia aquelas terras melhor do que muita gente da família dele.

— Eu decidi separar dez.

Meu pai franziu a testa.

— Dez?

— Dez alqueires.

Seu Bertollo olhou para meu pai e minha mãe.

— Para vocês.

Ninguém falou.

Minha mãe levou a mão à boca.

Meu pai ficou imóvel.

— Não, senhor.

Seu Bertollo riu.

— Eu sabia.

— Não podemos aceitar.

— Podem.

— É terra demais.

— Para quem me ajudou durante uma vida inteira? Não é.

Meu pai balançava a cabeça.

— Não, seu Bertollo.

Eu interrompi:

— Eu aceito.

Todos olharam para mim.

Meu pai principalmente.

— Guilherme!

— O quê?

— Não se aceita uma coisa dessas.

Olhei para seu Bertollo.

— Se ele está dando porque acha que a gente merece, eu aceito.

Seu Bertollo sorriu.

— Pelo menos um homem sensato nessa casa.

Minha mãe começou a chorar.

Meu pai ainda tentou argumentar.

Não adiantou.

Naquela noite, pela primeira vez, minha família teria um pedaço de chão que poderia chamar de seu.

Dez alqueires.

Talvez para seu Bertollo aquilo fosse pouco.

Para nós...

era um mundo.

Depois daquele dia, alguma coisa voltou a se aproximar entre mim e ele.

Uma vez por semana, quase sempre no fim da tarde, cavalgávamos pelas divisas da Fazenda da Barra.

Seu Bertollo nunca mais se meteu a tocar gado.

Depois do acidente, finalmente aprendera que administrar a fazenda montado num cavalo era bem diferente de querer ser peão.

Agora supervisionava.

Observava.

Conversava.

E mantinha atenção principalmente sobre o filho mais velho, que continuava envolvido na administração.

A família Bertollo tinha quatro filhos.

Dois homens.

Duas mulheres.

Letícia era a caçula.

E, embora ninguém falasse muito nela quando eu estava por perto, eu sabia que continuava presente em tudo.

Pelo menos para mim.

Uma vez por mês, mais ou menos, Letícia telefonava.

Ligação de São Paulo para a fazenda não era coisa banal.

Telefone naquela época não servia para passar horas falando bobagem como se não custasse nada. Uma chamada interurbana era tratada com atenção — e, naquela casa, quando Letícia ligava, todo mundo sabia.

Eu nunca participava.

Até aquele dia.

Um empregado veio correndo.

— Guilherme!

— O que foi?

— Seu Bertollo está chamando.

— Onde?

— Na casa grande. Agora.

Achei que tivesse acontecido alguma coisa.

Fui depressa.

Quando entrei, seu Bertollo estava perto do telefone.

Olhou para mim.

— Vem.

— Aconteceu alguma coisa?

Ele estendeu o aparelho.

— Fala.

Olhei para aquilo.

— Com quem?

Seu Bertollo quase riu.

— Minha filha.

Meu coração parou.

— Letícia?

— Não tenho outra filha estudando em São Paulo, tenho?

Fiquei imóvel.

— Pega, rapaz. A ligação custa dinheiro.

Segurei o telefone.

Não sabia nem como colocar direito no ouvido.

— Alô?

Nada.

— Alô?

Então ouvi.

— Gui?

Três anos.

Três anos sem ouvir aquela voz.

Precisei fechar os olhos.

— Sim.

— Gui! Meu Deus...

Ela riu.

Eu não.

Não porque não quisesse.

Porque não conseguia.

Olhei para seu Bertollo.

Ele estava ali.

— Como você está?

— Bem, senhorita Letícia.

Silêncio do outro lado.

— Senhorita Letícia?

— Sim, senhora.

— Gui, sou eu.

— Eu sei.

— Está tudo bem?

— Sim, senhora.

Ela riu sem graça.

— Você continua trabalhando demais?

— Sim, senhora.

— E os cavalos?

— Estão bem.

— E a gameleira?

Aquilo quase me desmontou.

Olhei para seu Bertollo outra vez.

— Está lá.

— Você ainda senta embaixo dela?

— Às vezes.

Mentira.

Eu evitava aquele lugar.

— Sinto saudade daí.

Não respondi.

— Muita.

— Entendo.

— Gui...

— Pois não, senhora?

Ela ficou quieta.

— Você está bravo comigo?

Eu queria dizer:

Estou com saudade.

Queria perguntar se ela lembrava da cerca.

Da C-10.

Do beijo.

Da promessa.

Queria perguntar se alguém tinha aparecido.

Se ela ainda me amava.

Se São Paulo tinha conseguido fazer aquilo que a família dela não conseguiu.

Mas seu Bertollo estava ali.

E eu continuava sendo o filho do empregado falando com a filha do patrão.

— Não, senhora.

Seu Bertollo pareceu perceber.

Fez um gesto com a cabeça e saiu.

Ficamos sozinhos.

Eu e Letícia.

Ou o mais perto de sozinhos que duas pessoas separadas por centenas de quilômetros podiam estar.

— Gui?

— Estou aqui.

— Agora fala comigo direito.

Sorri pela primeira vez.

— Não sei falar nesse negócio.

Ela riu.

Aquele riso.

Fechei os olhos.

Por alguns segundos, eu tinha dezesseis anos outra vez.

— Eu sinto falta de você — ela disse.

Meu coração apertou.

— Eu também.

Finalmente.

— Então por que estava falando comigo daquele jeito?

— Seu pai estava aqui.

— E daí?

Quase ri.

A mesma Letícia.

— Você não mudou nada.

— Mudei, sim.

— Espero que não muito.

Ficamos em silêncio.

Havia tanta coisa para dizer que nenhuma parecia caber naquela ligação.

— Gui...

— Oi.

— Eu preciso desligar daqui a pouco.

Foi aí que a raiva veio.

Não dela.

De tudo.

Dos três anos.

De São Paulo.

Daquela família.

Do telefone.

De mim.

— Letícia...

— Oi?

— Um homem tem um coração que automaticamente perde a razão quando o amor da gente vai embora.

Silêncio.

Meu peito disparou.

Continuei:

— E quando o amor vai embora, às vezes não sobra muita coisa.

— Gui...

— No fim das contas, acho que não me resta mais nada além de ser o João Porteira desta fazenda.

— Não fala assim.

— É o que eu sou.

— Não é.

— Para você talvez não.

— Guilherme...

Foi quando percebi.

Seu Bertollo estava novamente atrás de mim.

Não sei há quanto tempo.

Mas ouvira.

Principalmente uma parte.

“Quando o amor da gente vai embora.”

Seu rosto tinha mudado.

Ele se aproximou.

Estendeu a mão.

— Acabou.

— Seu Bertollo...

— A ligação está cara.

Pegou o telefone da minha mão.

— Pai, espera...

Ouvi Letícia ainda tentando falar.

Seu Bertollo colocou o aparelho no gancho.

A ligação morreu.

Assim.

— Volta para o trabalho, Guilherme.

Olhei para ele.

— Senhor?

— Você ouviu.

O homem que alguns minutos antes havia me deixado sozinho para conversar com a filha agora parecia outro.

— Eu só estava...

— Eu não perguntei nada.

Silêncio.

— Volta para seus afazeres.

— Sim, senhor.

Saí.

Naquele momento comecei a entender uma coisa que deveria ter compreendido muitos anos antes.

Seu Bertollo sabia que eu gostava de Letícia.

Mas não sabia como.

Talvez acreditasse que fosse carinho.

Amizade.

Um sentimento de irmãos criados próximos.

Na cabeça dele, colocar Letícia no telefone faria bem aos dois.

Mataria a saudade da infância.

Da fazenda.

Da gameleira.

Mas amor?

Não.

A palavra mudou tudo.

Depois daquele dia, seu Bertollo esfriou comigo.

Não aconteceu de uma vez.

Foi pior.

Aconteceu aos poucos.

Parou de me chamar para algumas decisões.

Nossas cavalgadas pelas divisas diminuíram.

Depois acabaram.

Quando me encontrava, cumprimentava.

Só isso.

— Bom dia, Guilherme.

— Bom dia, senhor.

O homem que tinha sentado à mesa da minha família e comido feijão no nosso único prato bom agora mal sustentava uma conversa comigo.

Eu entendi o recado.

Meu erro havia sido acreditar que o carinho de seu Bertollo por mim significava que eu poderia fazer parte da família dele.

Não significava.

Eu podia salvar a vida dele.

Podia multiplicar o rebanho.

Podia cuidar da fazenda.

Podia receber terra.

Podia até ser chamado de “meu filho”.

Mas existia uma coisa que eu não podia fazer.

Amar a filha dele.

Algumas semanas depois, eu estava longe da casa.

Um boi havia escapado e eu saí com alguns homens e os cachorros para procurar.

Meu pai e minha mãe estavam descansando na varanda quando ouviram cavalos se aproximando.

Dessa vez seu Bertollo não gritou meu nome.

Não pediu água no feijão.

Não veio sozinho.

Chegou acompanhado de funcionários da fazenda.

Parou diante da casa.

Meu pai levantou.

— Seu Bertollo?

Ele permaneceu montado.

— Vim avisar uma coisa.

Minha mãe apareceu à porta.

— Aconteceu alguma coisa?

Seu Bertollo não desceu do cavalo.

— A terra.

Meu pai ficou quieto.

— O que tem?

— Os dez alqueires.

Pausa.

— Voltam para a Fazenda da Barra.

Minha mãe não entendeu.

— Como assim?

— A partir de hoje vocês não têm mais posse daquela área.

Meu pai ficou olhando para ele.

— Mas o senhor deu aquelas terras para nós.

— E estou reivindicando de volta.

— Fizemos alguma coisa?
Seu Bertollo não respondeu.
— Seu Bertollo, fizemos alguma coisa?
— É uma decisão minha.
Meu pai respirou fundo.
Não implorou.
Nunca faria isso.
— Entendido.
Seu Bertollo puxou as rédeas.
Minha mãe ainda tentou:
— Mas e Guilherme?
Ele parou.
Por um instante.
— Principalmente Guilherme.
E foi embora.
Quando voltei, já estava escurecendo.
Vi minha mãe sentada.
Meu pai estava calado.
Conhecia aquele silêncio.
— O que aconteceu?
Ninguém respondeu.
— Pai?
Ele levantou os olhos.
— Seu Bertollo veio aqui.
Meu coração apertou.
— Para quê?
— Pegou a terra de volta.
Não entendi.

— Que terra?

Meu pai olhou para mim.

— A nossa.

Fiquei parado.

— Ele não pode.

— Pode.

— Ele deu para vocês.

— E agora disse que quer de volta.

Senti o sangue subir.

— Por quê?

Meu pai ficou em silêncio.

Minha mãe respondeu:

— Não disse.

Eu sabia.

Talvez não soubesse juridicamente.

Talvez não tivesse prova.

Mas sabia.

Letícia.

Saí da varanda.

— Onde você vai? — meu pai perguntou.

— Falar com ele.

— Não vai.

Parei.

— Pai...

— Não vai.

— Ele humilhou vocês por minha causa!

— E você vai fazer o quê? Bater no dono da fazenda?

Fechei os punhos.

— Eu não sei.

Meu pai se levantou.

— Então descobre antes de sair andando com raiva.

Fiquei ali.

Tremendo.

Não de medo.

De ódio.

Naquela noite eu bebi.

Muito.

Talvez mais do que já tivesse bebido em toda a minha vida.

E quanto mais bebia, mais uma frase voltava à minha cabeça.

Cada um deve saber o seu lugar.

Era isso?

Depois de tantos anos?

Depois de tudo?

Meu lugar continuava sendo aquele?

O empregado.

O peão.

O sujeito que abre a porteira para os outros passarem.

João Porteira.

Ri sozinho.

Depois chorei.

Não sei em que momento uma coisa virou a outra.

Só sei que naquela noite comecei a considerar, pela primeira vez de verdade, uma possibilidade que até então parecia impossível.

Ir embora da Fazenda da Barra.

Talvez meu jeito capiau não servisse para aquele mundo.

Talvez eu tivesse confundido carinho com pertencimento.
Talvez tivesse passado a vida tentando conquistar um lugar
numa família que jamais me aceitaria.
Mas uma coisa eu sabia.
Se eu fosse embora...
não imploraria.
Meu pai havia me ensinado isso.
Homem orgulhoso não implora.
Mesmo quando o coração perde a razão.
Mesmo quando o amor da gente vai embora.
Mesmo quando é aí...
que o João Porteira chora.

FIM DO CAPÍTULO IV



ORIGEM

CAPÍTULO V

MELHOR AGORA

O desencontro

Às vezes, duas pessoas percorrem o mesmo caminho para se encontrar. O destino só precisa fazê-las partir em direções contrárias.

Guilherme

1978

Fiquei.

Essa talvez tenha sido a coisa mais difícil que fiz naquele ano.

Depois que seu Bertollo tomou de volta as terras que havia dado à minha família, pensei que não conseguiria passar mais uma noite na Fazenda da Barra.

Passei.

Depois outra.

Outra.

E, quando percebi, quase um ano havia se passado.

Continuei trabalhando.

Não por ele.

Nem pelos filhos dele.

Muito menos pela fazenda.

Fiquei pelos meus pais.

Eles já estavam velhos, embora minha mãe brigasse quando eu dizia isso.

— Velha é sua avó.

— Minha avó já morreu, mãe.

— Então respeita ela.

Era impossível discutir com aquela mulher.

Meu pai continuava trabalhando, mas o corpo já não acompanhava a disposição. Eu percebia quando ele demorava para se levantar de uma cadeira ou quando colocava a mão nas costas depois de carregar alguma coisa.

Aquilo me preocupava.

Ao mesmo tempo, as coisas na Fazenda da Barra pioravam.

Seu Bertollo adoeceu.

Não era como depois do acidente. Dessa vez parecia ser o desgaste dos anos cobrando sua parte.

Ele se afastou cada vez mais da administração.

E o filho mais velho assumiu oficialmente os negócios.

Quando isso aconteceu, as novas regras começaram.

Funcionário não podia mais usar cavalo fora do horário de serviço.

Determinadas áreas da fazenda passaram a ter acesso restrito.

Horários foram endurecidos.

Ordens que antes eram resolvidas numa conversa passaram a ser comunicadas como se estivéssemos num quartel.

A Fazenda da Barra continuava sendo o lugar onde nasci como homem.

Mas já não parecia minha casa.

Foi então que uma conversa chegou aos meus ouvidos.

Contadores.

Advogados.

Reuniões escondidas.

O filho mais velho de seu Bertollo queria encontrar uma maneira de tirar minha família de vez dali.

Quando soube, curiosamente, não senti raiva.

Senti medo.

Não por mim.

Pelos meus pais.

Comecei a acreditar que minha presença era o problema.

Enquanto Guilherme estivesse ali, existiria Letícia.

Enquanto existisse Letícia, existiria o incômodo.

Então comecei a pensar:

Talvez, se eu desaparecesse, deixassem meus pais em paz.

Foi assim que minha partida deixou de ser uma vontade.

Virou um plano.

O último 7 de setembro chegou.

Quatro anos.

Eu nunca havia esquecido aquela data.

Na minha cabeça, aquele era o prazo.

Letícia havia dito quatro anos.

Depois vieram os seis que dona Bertollo pretendia para os estudos da filha, mas meu coração preferiu guardar a primeira promessa.

Quatro.

E quatro tinham acabado.

Naquele 7 de setembro, fui até a divisa da fazenda.

A pé.

Já não tinha autorização para pegar cavalo fora do serviço.

Caminhei até a mesma cerca onde, quatro anos antes, desmontara desesperado enquanto a C-10 levava Letícia para São Paulo.

Fiquei ali.

Olhei para a estrada.

Por alguns instantes, juro que consegui ver tudo outra vez.

A poeira.

A caminhonete.
Meu cavalo ofegante.
Letícia correndo.
— Gui!
Fechei os olhos.
Nada.
Só vento.
— Você prometeu voltar.
Falei sozinho.
Esperei.
Talvez por uma estupidez.
Talvez por esperança.
Fiquei ali até escurecer.
Letícia não voltou.
Então tomei minha decisão.
Se ela não voltava para mim...
eu iria até ela.
Esperei o fim da colheita.
Não contei aos meus pais.
Se contasse, minha mãe choraria.
Meu pai tentaria me impedir.
E eu não podia correr o risco de desistir.
Escolhi um domingo.
Madrugada.
A Fazenda da Barra dormia quando saí.
Levei pouca coisa.
Algumas roupas.
Um pouco de dinheiro.

Comida.

A carta.

E uma coragem que, olhando hoje, talvez fosse só desespero vestido de valentia.

Peguei o cavalo que costumava montar durante o serviço.

Meu cachorro veio atrás.

Aquele danado não me deixava sair sozinho nem se eu implorasse.

Seguimos.

Não fui diretamente para a estrada.

Cavalguei até uma área afastada da propriedade que nós, boiadeiros, usávamos como ponto de descanso durante os períodos de manejo nos pastos mais distantes.

Eu conhecia a escala.

Em poucos dias, meus companheiros passariam por ali.

Deixei o cavalo numa área cercada, com água e alimento em abundância.

Meu cachorro ficou comigo até perceber que eu seguiria sem ele.

— Você fica.

Ele tentou vir.

— Fica!

Choramingou.

Aquilo quase acabou comigo.

Abaixei e segurei a cabeça dele.

— Não faz isso comigo.

Ele lambeu minha mão.

— Os homens vêm buscar vocês. Eu deixei tudo preparado.

Levantei.

Dei alguns passos.

Ele veio.

— FICA!

Parou.

Olhou para mim.

Voltei e o abracei.

— Cuida deles para mim.

Não sei se cachorro entende despedida.

Acho que aquele entendeu.

Deixei água e alimento muito além do necessário, mesmo sabendo que os boiadeiros chegariam antes que aquilo terminasse.

E fui embora.

A pé.

Sem cavalo.

Sem cachorro.

Sem me despedir dos meus pais.

Sem olhar para trás.

Porque eu sabia:

se olhasse, talvez voltasse.

Quando perceberam minha ausência, começou a procura.

Soube disso muito tempo depois.

Primeiro pensaram que eu tivesse saído para trabalhar.

Depois estranharam.

Meu pai perguntou.

Ninguém sabia.

Minha mãe começou a se desesperar.

Procuraram nos pastos.

Nos currais.

Nas estradas.

Perguntaram nas propriedades vizinhas.

Nada.

Dias depois, os boiadeiros encontraram meu cavalo.

E encontraram meu cachorro.

Foi pior.

Se eu havia deixado para trás os dois companheiros que nunca abandonavam minhas jornadas, alguma coisa grave deveria ter acontecido.

Acidente.

Assalto.

Morte.

Meu pai não acreditava.

Minha mãe acreditava em tudo.

Seu Bertollo mandou homens me procurar.

O filho mais velho, pelo que soube, não demonstrou a mesma preocupação.

Mas eu estava vivo.

E cada vez mais longe da Fazenda da Barra.

A ESTRADA Nunca tinha feito uma viagem daquele tamanho sozinho.

São Paulo.

O grande monstro de pedras.

Eu tinha prometido a Letícia que iria visitá-la.

Demorei quatro anos para cumprir.

E agora nem sabia onde encontrá-la.

Não tinha o endereço da escola.

Não tinha telefone.

Não sabia onde ela morava.
Tinha apenas o nome completo.
Letícia Bertollo.
E uma certeza absurda de que isso bastaria.
Hoje eu rio.
Na época não achei graça nenhuma.
Peguei carona.
Andei.
Esperei.
Subi em caminhão.
Desci de caminhão.
Dormia onde conseguia.
Comia quando dava.
Quanto mais me aproximava da capital, menos reconhecia o mundo.
As estradas ficavam mais movimentadas.
As construções aumentavam.
Os carros pareciam surgir de todos os lados.
E então...
São Paulo.
Pela primeira vez entendi a expressão selva de pedra.
Aquilo não era cidade.
Era um bicho.
Um monstro.
Prédios.
Concreto.
Barulho.
Gente.

Ônibus.

Carros.

Buzinas.

Mais gente.

Todo mundo parecia saber exatamente para onde estava indo.

Menos eu.

— Letícia Bertollo.

Repetia o nome como se fosse endereço.

Não era.

Procurei.

Perguntei.

Fui mandado de um lugar para outro.

Cada resposta criava mais três perguntas.

Durante dias tentei encontrar algum rastro.

Nada.

O pouco dinheiro começou a acabar.

A fome chegou.

Depois o frio.

Dormir se tornou um problema.

Eu, que conhecia cada canto de quase novecentos alqueires, não sabia encontrar um único lugar seguro para fechar os olhos naquela cidade.

São Paulo tinha milhões de pessoas.

E eu nunca tinha me sentido tão sozinho.

O pior era que eu havia ensaiado durante toda a viagem o que diria quando encontrasse Letícia.

Eu tinha um discurso pronto.

Diria que tinha ido buscá-la.

Que não aceitava mais viver esperando.
Que não era porque parecia que eu não ligava que não estivesse sofrendo escondido.
Diria que tínhamos perdido tempo demais.
Diria que era melhor cuidarmos do nosso amor agora, antes que algum dia descobríssemos que não havia mais volta.
Ensaiaava.
Mudava uma frase.
Repetia.
Às vezes até sorria sozinho.
Só havia um problema.
Eu não encontrava Letícia.
E jamais poderia imaginar que, enquanto eu procurava por ela em São Paulo...
Letícia estava voltando para casa.
A VOLTA
Na Fazenda da Barra, prepararam uma festa.
A filha caçula dos Bertollo estava voltando.
Depois de anos estudando longe, Letícia atravessou novamente a entrada da propriedade.
A família esperava.
Funcionários.
Comida.
Abraços.
Seu Bertollo, mesmo adoentado, fez questão de recebê-la.
A menina que havia partido já não existia.
Voltava uma mulher.
Mas bastaram poucos minutos para perceber que uma coisa continuava igual.

Ela procurava alguém.
Em cada rosto.
Em cada grupo de funcionários.
Em cada movimento perto do curral.
Guilherme.
Não estava.
Letícia tentou esperar.
Talvez estivesse trabalhando.
Talvez estivesse no pasto.
Até perguntar:
— Cadê o Gui?
O silêncio respondeu antes das pessoas.
— Onde está Guilherme?
Seu Bertollo desviou o olhar.
A mãe tentou mudar de assunto.
— Você acabou de chegar, minha filha.
— Pai?
Ele respirou fundo.
— Guilherme desapareceu.
Letícia perdeu o sorriso.
— Como assim desapareceu?
— Ninguém sabe onde ele está.
— Há quanto tempo?
Contaram.
Contaram sobre o cavalo.
Sobre o cachorro.
Sobre as buscas.
Sobre o medo de que tivesse sofrido algum acidente.

— Ele morreu?

— Não sabemos.

Letícia ficou branca.

— Não.

Ninguém respondeu.

— Ele não morreu.

Era uma afirmação.

Não uma esperança.

— Eu conheço o Gui.

Tentaram acalmá-la.

Não adiantou.

A festa continuou.

Mas, para Letícia, havia terminado.

Naquela noite, depois de abraçar pessoas, responder perguntas e fingir uma alegria que já não sentia, Letícia subiu para o quarto.

O antigo quarto.

Tudo parecia menor.

Talvez porque ela tivesse crescido.

Fechou a porta.

Ficou sozinha.

Pensou em Guilherme.

Onde você está?

Foi até a janela.

Aquela janela dava para uma parte da propriedade que ela conhecia desde criança.

Abriu.

Uma rajada de vento entrou.

Alguma coisa caiu.
Um papel.
Letícia olhou para o chão.
Abaixou.
Era uma carta.
Estava castigada pelo tempo.
Poeira.
Umidade.
Algumas marcas de chuva.
Mas ainda inteira.
Letícia abriu.
Antes mesmo de ler, reconheceu a letra.
Sorriu.
Guilherme.
As letras estavam caprichadas.
Bonitas.
Quase perfeitas.
Por um instante ela voltou para debaixo da gameleira.
— Sua letra está horrorosa, Gui.
— Então para de olhar.
— Vou ensinar você.
— Não preciso.
— Precisa, sim.
Ela passou os dedos pela escrita.
O menino tinha aprendido.
E muito.
Então começou a ler.
A CARTA

Oi, Letícia.

Se você estiver lendo estas linhas, é porque não nos encontramos.

Os olhos dela marejaram na primeira frase.

Continuou.

E, se isso aconteceu, talvez Deus esteja querendo testar outra vez a paciência deste pobre boiadeiro.

Na sua ausência, muitas coisas ficaram claras para mim.

Meu amor por você foi uma delas.

Minha insignificância diante da sua família foi outra.

Não escrevo isso com raiva. Já tive muita. Talvez ainda tenha um pouco. Mas descobri que carregar raiva pesa mais do que qualquer saco que já carreguei nesta fazenda.

Quero que você saiba de uma coisa: eu fui ao seu encontro.

Letícia parou.

Leu novamente.

Eu fui ao seu encontro.

— Meu Deus...

Levantou os olhos.

Entendeu.

— São Paulo.

Guilherme não estava desaparecido.

Guilherme estava procurando por ela.

Voltou à carta.

Quando estiver lendo isto, provavelmente já estarei no caminho de São Paulo. Não sei se conseguirei chegar àquele grande monstro de pedras. Muito menos se conseguirei encontrar você no meio dele.

Mas vou tentar.

Se eu falhar, quero que guarde no coração a certeza de que tentei.

E, se a vida decidir que nossos caminhos não devem mais se encontrar, espero ter sido, pelo menos por algum tempo, o grande amor da sua vida.

Porque você foi o da minha.

Letícia levou a mão à boca.

As lágrimas caíram.

Eu te amo desde a primeira vez que você me atormentou.

Ela riu.

Chorando.

Desde o primeiro:

“Gui, vamos andar de cavalo?”

Desde a primeira goiaba.

Desde a primeira vez que você me tirou do trabalho e eu fiz cara feia fingindo que aquilo me incomodava.

Queira Deus que tudo isso não passe de um sonho ruim e que, quando eu abrir os olhos, você esteja novamente debaixo daquela gameleira, com um livro na mão, dizendo que escrevi alguma palavra errada.

Letícia passou os dedos sobre as letras.

Tomara que ainda possamos nos encontrar.

Nos abraçar.

Conversar.

Rir.

Fazer os planos que nunca tivemos coragem de fazer direito.

E, se isso acontecer, prometo não fazer cara feia.

Bom...

Talvez só um pouquinho.

Ela riu novamente.
Então continuou.
Agora faça uma coisa.
Cheire este papel.
Letícia franziu a testa.
Cheirou?
Ela obedeceu.
Levou a carta ao nariz.
E começou a rir antes mesmo de terminar a próxima linha.
Pois esse é o perfume do seu boiadeiro.
E não venha reclamar.
Hoje eu sei que aquele cheiro de esterco das holandesas que
você tanto implicava comigo era cheiro de dinheiro.
Puro dinheiro.
Você tinha seus perfumes caros.
Eu tinha as minhas holandesas.
Acho que estávamos quites.
Letícia chorava e ria ao mesmo tempo.
Se você riu agora, já valeu a pena escrever esta carta.
Ela fechou os olhos.
— Idiota...
E beijou o papel.
Depois continuou.
Quanto à sua família, não quero levar comigo ódio de ninguém.
Nem mesmo do seu pai.
Eu amo seu Bertollo como se fosse meu próprio pai.
Demorei para entender algumas coisas que ele fez. E algumas
ainda doem.

Mas hoje consigo compreender que, quando ele tentou me afastar de você, talvez não estivesse tentando destruir minha vida.

Estava tentando proteger a sua.

Para ele, eu talvez fosse um futuro sem futuro.

Um rapaz sem estudo, sem dinheiro, sem sobrenome importante e sem nada para oferecer à filha dele além de um coração cheio de vontade.

Não posso odiá-lo por ter medo disso.

Talvez, se um dia eu tiver uma filha, eu entenda.

Letícia respirou fundo.

Só espero que ele também entenda alguma coisa quando perceber que fui embora.

Espero que todos entendam.

Não quero que sofram.

Mas talvez a minha ausência mostre coisas que minha presença nunca conseguiu mostrar.

Durante anos estive ali.

Todos os dias.

Resolvi problemas.

Cuidei dos animais.

Ajudei na lavoura.

Fiz o melhor que pude.

E talvez tenham se acostumado tanto comigo que esqueceram que eu também podia sair pela porta.

Agora eu saí.

E não sei se existe volta.

Letícia parou.

Aquela frase doeu.

Talvez seu pai descubra que aquele rapaz que parecia não ligar para nada sofria escondido muito mais do que demonstrava.

Talvez minha mãe chore.

Meu pai provavelmente vai ficar calado.

Esse é o jeito dele de chorar.

E você...

Espero que não chore.

Letícia enxugou o rosto.

— Tarde demais.

Embora eu saiba que vai.

Ela sorriu entre as lágrimas.

Só não quero que se arrependa de ter ido embora naquele 7 de setembro.

Você precisava ir.

Hoje eu entendo.

Talvez nós dois precisássemos.

Você precisava descobrir o seu mundo.

E eu precisava descobrir se existe algum mundo para mim além da Fazenda da Barra.

Estou indo procurar.

Só queria que soubesse que, em algum lugar desse caminho, existe um homem caminhando na direção de São Paulo com quase nada nos bolsos e você inteira dentro do peito.

Se eu encontrar você...

a gente conversa sobre o resto.

Se não encontrar...

lembre-se de mim daquele jeito.

Debaixo da gameleira.

Com a cara fechada.

Fingindo não gostar quando você gritava:

“Gui!”

Eu gostava.

Sempre gostei.

Eu te amo, Letícia.

Guilherme.

Letícia terminou.

Ficou imóvel diante da janela.

Depois apertou a carta contra o peito.

— Ele foi me buscar...

Olhou para a escuridão.

— Pai!

Saiu correndo do quarto.

— PAI!

A casa se assustou.

Letícia desceu as escadas segurando a carta.

— Ele está vivo!

Seu Bertollo levantou-se.

— Quem?

— Guilherme!

A mãe apareceu.

— Como você sabe?

Letícia levantou o papel.

— Ele foi para São Paulo.

Seu Bertollo ficou parado.

— O quê?

— Ele foi me buscar.

O velho abaixou os olhos.

Talvez naquele instante tenha finalmente compreendido a dimensão daquilo que durante tantos anos tentou não enxergar. Não era brincadeira de infância. Não era amizade. Não era carinho de irmãos. Guilherme amava sua filha. E sua filha amava Guilherme. Naquela mesma noite, centenas de quilômetros dali, eu caminhava por uma calçada de São Paulo. Com fome. Frio. Cansado. Olhei para os prédios. Para as janelas. Eram tantas. Milhares. Talvez milhões. Atrás de alguma delas eu esperava encontrar Letícia. Não sabia que ela já não estava ali. Parei. Sentei na calçada. Meu discurso continuava inteiro na cabeça. Eu só precisava encontrá-la. Dizer que tínhamos perdido tempo demais. Que eu sofrera escondido. Que não queria mais esperar. Que, se algum dia nós dois tivéssemos uma chance, era melhor cuidar do nosso amor agora.

Antes que fosse tarde.

Antes que um de nós saísse por uma porta e descobrisse que não havia volta.

Encostei a cabeça na parede.

Fechei os olhos.

— Onde você está, Letícia?

Na Fazenda da Barra, naquele mesmo instante, talvez ela estivesse olhando pela janela e fazendo exatamente a mesma pergunta.

Onde você está, Gui?

Nós tínhamos atravessado uma distância enorme para nos encontrar.

Eu fui para São Paulo.

Ela voltou para Jaú.

Passamos anos esperando o mesmo momento.

E, quando ele finalmente chegou...

partimos em direções contrárias.

Talvez esse seja o problema do amor.

Às vezes ele não acaba.

Às vezes ninguém deixa de amar.

Às vezes não existe traição, mentira ou falta de sentimento.

Às vezes...

é só o tempo que chega errado.

FIM DO CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

DÉCIMO SEGUNDO ANDAR

Entre desistir e continuar

Há alturas que dão medo quando olhamos para baixo.

E distâncias que assustam quando olhamos para trás.

Guilherme

1979

Meses.

Já fazia meses que eu estava naquela selva.

E nada de Letícia.

São Paulo tinha conseguido fazer comigo uma coisa que nem a Fazenda da Barra, com toda sua grandeza, havia conseguido: me fazer sentir pequeno.

Muito pequeno.

Procurei enquanto tive dinheiro.

Depois procurei enquanto tive forças.

Quando o dinheiro e as forças começaram a acabar juntos, passei a procurar também um lugar para dormir.

Foi nessa época que conheci meus primeiros amigos de verdade em São Paulo.

Eram cachorros.

Não sei de quem eram.

Talvez não fossem de ninguém.

Viviam perto da rodoviária e, depois de algumas noites, entenderam que eu também não tinha dono naquele lugar.

Fizemos um acordo.

Eu conseguia alguma coisa para eles comerem.

Eles me aqueciam.

Funcionava.

Eu dormia encostado numa parede, e eles se amontoavam perto de mim.

Às vezes acordava com um deles praticamente em cima das minhas pernas.

— Você está abusando da amizade.

Ele levantava a cabeça.

— Eu arrumo comida e você me dá um pedaço do chão. Foi esse o trato.

O cachorro deitava novamente.

Não respeitavam contratos.

Mas eram boa companhia.

Foi numa dessas noites que conheci seu Zem.

Acordei com alguém me chamando.

— Meu filho...

Abri os olhos.

Um homem estava parado na minha frente.

— Meu filho, acorda.

Levantei assustado.

Por um segundo, achei que fosse meu pai.

A voz parecia.

— Quem é o senhor?

Ele olhou para mim como se eu tivesse feito a pergunta mais estranha do mundo.

— Vem. Você precisa ir para casa.

— Casa?

— É.

— Que casa?

— Minha casa.

Sentei.

— O senhor me conhece?

Ele sorriu.

— Você é um velho conhecido.

Aquilo me assustou ainda mais.

Eu nunca tinha visto aquele homem.

Ou pelo menos não lembrava.

— Conhecido de onde?

— Depois a gente conversa. Levanta.

Os cachorros acordaram.

E não gostaram dele.

— Calma...

Tarde demais.

Um avançou.

Depois outro.

— Ei!

Seu Zem começou a gritar.

— TIRA! TIRA!

Levantei desesperado.

— PARA! SAI! LARGA!

Coitado.

Tomou mordida na perna, na roupa e não sei onde mais até eu conseguir afastar os bichos.

— Vocês ficaram malucos?

Seu Zem respirava ofegante.

Olhei para ele.

— O senhor está bem?

— Seus amigos são muito educados.

Quase ri.

— Desculpa.

Ele ajeitou a roupa.

— Vamos?

Ainda fiquei desconfiado.

Pensei em seu Bertollo.

Pensei no filho mais velho.

Vai saber.

Talvez tivessem mandado alguém me buscar.

Ou pior.

Talvez tivessem encomendado minha morte.

Mas, se fosse para me matar, aquele homem tinha escolhido uma maneira muito complicada.

Além disso, acabara de apanhar dos meus cachorros.

Fui.

Com medo mesmo.

Os cães tentaram nos acompanhar.

Quando conseguimos uma carona, correram atrás por algum tempo.

Depois ficaram.

Olhei pela traseira do veículo até não enxergá-los mais.

Aquilo doeu.

Eu já tinha abandonado meu cachorro na fazenda.

Agora abandonava aqueles também.

— Eles vão ficar bem — seu Zem disse.

— Como o senhor sabe?

— Cachorro de rua sabe viver melhor que muito homem.

Talvez soubesse mesmo.

Olhei para ele.

— Seu nome é o quê?

— Zem.

— Zem?

— Seu Zem.

— Isso é nome?

Ele me olhou.

— Guilherme também não é grande coisa.

Gostei dele naquele instante.

A casa de seu Zem ficava num lugar que eu nem sabia explicar.

Barraco.

Madeira.

Pedaços de telha.

Chão irregular.

Quando chovia, descobri depois, chovia mais dentro do que fora.

Na primeira noite fiquei olhando para tudo.

Pensei na casa dos meus pais.

Humilde.

Simples.

Mas tínhamos espaço.

Terra.

Água.

Comida.

Animais.

Tínhamos céu.

Ali, as casas pareciam disputar cada pedaço de chão.

Eu não podia dizer para seu Zem, porque seria uma falta de respeito.

Mas a casa dele era pior que o barracão dos porcos da Fazenda da Barra.

Muito pior.

Foi ali que aprendi uma coisa.

Eu não era pobre.

Ou, pelo menos, nunca tinha conhecido a pobreza daquele jeito.

Na roça a gente tinha pouco dinheiro.

Mas tinha comida.

Tinha leite.

Ovo.

Fruta.

Carne quando precisava.

Tinha lenha.

Tinha vizinho.

Tinha terra para pisar.

Em São Paulo descobri que alguém podia morar no meio de milhões de pessoas e não ter nada.

Aqui havia conhecimento.

Dinheiro.

Prédios.

Empresas.

Prosperidade.

Mas parecia que tudo isso era para alguns.

Só alguns.

Seu Zem, que tinha tão pouco, dividiu comigo justamente o pouco que tinha.

Nunca esqueci.

Ele trabalhava numa empresa de construção.

— Construção de quê?

— Prédio.

Eu já tinha visto aqueles monstros.

Mas não entendia como alguém podia morar naquilo.

— Então são casas empilhadas?

Seu Zem riu.

— Mais ou menos.

— Uma em cima da outra?

— É.

— Parece casa de cupim.

Ele riu tanto que começou a tossir.

— Não fala isso perto do engenheiro.

Seu Zem conseguiu um bico para mim.

Ajudante.

Dele mesmo.

Foi assim que o boiadeiro da Fazenda da Barra virou ajudante de pedreiro em São Paulo.

Seu Zem era um dos homens que levantavam aquelas casas de cupim gigantes.

Assentava tijolo.

Fazia parede.

Misturava cimento.

E eu carregava o que precisasse.

Aprendi rápido.

Trabalho pesado nunca foi problema para mim.

Minha busca por Letícia continuava.

Só que agora eu tinha onde dormir.

Tinha algum dinheiro.

Tinha comida.

E tinha seu Zem.

Não sei de onde aquele homem tirara que eu era um “velho conhecido”.

Perguntei algumas vezes.

— Seu Zem, de onde o senhor me conhece?

Ele respondia:

— Da vida.

— Que lugar é esse?

— Grande demais para explicar.

Depois mudava de assunto.

Parei de perguntar.

Algumas respostas, aprendi, aparecem quando querem.

A obra subia.

Um andar.

Outro.

Outro.

Quanto mais alto, menos eu gostava.

Na fazenda eu subia em árvore.

Subia em telhado.

Montava cavalo bravo.

Entrava no meio do gado.

Mas aquilo era diferente.

Quando chegamos ao último pavimento, seu Zem anunciou:

— Décimo segundo.

Olhei para baixo.

— Doze?

— É.

— Tem certeza?

— Quer descer contando?

Afastei-me da beirada.

— Não.

Era alto demais.

Dali, as pessoas pareciam pequenas.

Os carros pareciam brinquedos.

E meu coração fazia coisas estranhas.

Acelerava.

Depois parecia parar.

Eu sentia calafrios.

Uma inquietação.

Como se alguma coisa estivesse perto.

Ou alguém.

Letícia.

— Estou ficando maluco.

— Falou comigo? — seu Zem perguntou.

— Não.

— Então está ficando maluco mesmo.

Num intervalo, sentei perto de uma pilha de material.

Olhei para frente.

Havia um conjunto enorme de construções do outro lado.

Movimento.

Pessoas entrando e saindo.

— Seu Zem.

— Oi.

— Que lugar é aquele?

Ele olhou.

— Aquilo?

— É.

— Faculdade.

— Faculdade?

— Lugar de gente que estuda.

— Eu sei o que é faculdade.

— Então por que perguntou?

— Que faculdade?

Ele pensou.

— Dizem que é coisa de medicina. Tem hospital junto, escola...
não sei direito.

Meu corpo gelou.

— Medicina?

— É.

Levantei.

— Medicina de quê?

Seu Zem riu.

— Ué, Guilherme. Medicina de gente.

— Medicina de animal.

Não achei graça.

Fiquei olhando para o lugar.

Meu coração disparou novamente.

Letícia.

Não fazia sentido.

São Paulo era enorme.

Existiam muitos lugares para estudar.

Mas eu sentia.

Não sei explicar.

Eu sentia.

Quando o expediente terminou, atravessei a rua.

Fui até a entrada.

— Boa tarde.

O segurança me olhou.

Eu ainda estava sujo de obra.

— Pois não?

— Estou procurando uma pessoa.

— Aqui?

— É.

— Nome?

Engoli seco.

— Letícia Bertollo.

Ele esperou.

— E?

— Só isso.

— Curso?

— Medicina.

— Ano?

— Não sei.

— Matrícula?

— O que é isso?

O homem respirou fundo.

— Não dá para procurar alguém assim.

— Ela estudou aqui.

— Como sabe?

— Não sei.

Ele me olhou.

— Então como sabe?

Pensei.

— Meu coração está dizendo.

Ele quase riu.

— Amigo, vai para casa.

— Eu preciso saber.

— Não posso ajudar.

Fui embora.

No dia seguinte voltei.

Depois de novo.

E novamente.

Começaram a me conhecer.

— O boiadeiro chegou.

Não gostava quando me chamavam assim.

Mas era melhor que ser expulso.

Até que uma funcionária da secretaria ouviu minha história.

Talvez tenha ficado com pena.

Talvez estivesse cansada de me ver no portão.

— Qual o nome completo?

— Letícia Bertollo.

Ela procurou.

Esperar aqueles minutos foi pior que esperar notícia de seu Bertollo no hospital.

Então a mulher voltou.

— Ela estudou aqui.

Não respondi.

— Senhor?

Sentei.

Minhas pernas simplesmente perderam força.

— Ela esteve aqui?

— Sim.

Comecei a rir.

A mulher provavelmente achou que eu fosse maluco.

Talvez estivesse certa.

Meses.

Meses procurando.

Fome.

Frio.

Rodoviária.

Cachorros.

E Letícia havia estudado ali.

Do outro lado da rua.

— Onde ela está?

A mulher ficou séria.

— Não está mais aqui.

Meu sorriso morreu.

— Como?

— Ela foi embora.

— Para onde?

— Não posso fornecer informações pessoais.

— Mas eu sou...

Parei.

Eu era o quê?

Namorado?

Não oficialmente.

Parente?

Não.

Marido?

Muito menos.

— Eu preciso encontrar ela.

Contei tudo.

A fazenda.

A gameleira.

A viagem.

A carta que deixei.

O desencontro.

A mulher ouviu.

E, aos poucos, outras pessoas começaram a ajudar.

Foi assim que conheci pequenos pedaços da vida que Letícia tivera em São Paulo.

Histórias.

Hábitos.

Amizades.

Descobri que havia uma moça especialmente próxima dela.

As duas dividiram moradia durante parte daquele período.

Confidentes.

Amigas de verdade.

— Onde ela está?

Ninguém sabia ao certo.

A amiga também havia deixado os estudos.

— Por quê?

Uma das pessoas respondeu:

— Sentiu muito a partida da Letícia.

Aquilo me impressionou.

Então veio a informação que mudou tudo.

A amiga guardava algumas coisas de Letícia.

Entre elas...

um diário.

E, segundo alguém se lembrava, havia também uma carta.

Uma carta endereçada a um homem.

Guilherme.

Eu.

Passei a procurar a amiga.

Dias.

Semanas.

Enquanto isso, a obra chegava ao fim.

O décimo segundo andar estava pronto.

E eu não tinha encontrado a mulher.

No último dia naquela região, sentei durante o descanso e olhei para a faculdade.

Meu coração começou novamente.

— Para.

Coloquei a mão no peito.

— Para com isso.

Seu Zem estava longe.

— Você já me trouxe problema demais.

Comecei a conversar com meu próprio coração.

Não sei se era cansaço.

Saudade.

Ou loucura.

Talvez tudo junto.

— Você foi gostar justamente de quem não podia.

Meu coração batia.

— Agora aguenta.

Olhei para baixo.

Doze andares.

— Não adianta querer pular daí, não.

Levantei.

— Não tem paraquedas para nós dois nesse lugar.

Ri sozinho.

Depois chorei.

Baixinho.

Para seu Zem não ouvir.

Talvez até para meu peito não perceber.

Lembrei das noites na fazenda.

Da bebida.

Da ressaca.

Da raiva.

De Letícia.

Sempre Letícia.

— Vai ter que desapaixonar.

Falei.

Meu coração acelerou.

— Está vendo? Você não me escuta.

Parecia que havia dois Guilhermes.

Um queria desistir.

O outro dizia:

Procura.

Um dizia:

Acabou.

O outro:

Procura.

Um dizia:

Volta para casa.

E o outro:

Procura.

Então compreendi.

Minha missão naquele lugar havia terminado.

Não minha busca.

Quando recebi o pagamento da obra, procurei seu Zem.

— Vou embora.

Ele ficou quieto.

— Arrumou outro serviço?

— Não.

— Então vai para onde?

— Procurar uma pessoa.

— A amiga?

— É.

Ele assentiu.

— Sabia que isso ia acontecer.

— O senhor me ajudou muito.

— Não fiz nada.

— Fez.

Estendi a mão.

Seu Zem não aceitou.

Me abraçou.

— Vai com Deus, meu filho.

Aquela palavra outra vez.

Meu filho.

— E escuta.

— O quê?

— Minha casa continua lá.

— Eu sei.

— Não sabe, não. Estou falando sério. Enquanto não resolver sua vida ou arrumar seu canto, pode dormir lá.

— Seu Zem...

— Não discute.

Sorri.

— Obrigado.

— Vai embora antes que eu chore.

— O senhor chora?

— Não.

— Então não tem perigo.

Ele me empurrou.

— Some.

Eu não fui embora imediatamente.

Ainda tinha uma dívida.

Não de dinheiro.

De gratidão.

Com parte do que ganhei, comprei telhas.

A casa de seu Zem precisava delas mais do que eu precisava daquele dinheiro.

Durante uma semana, aproveitei os horários em que ele estava trabalhando.

Tirei o que precisava.

Consertei.

Troquei.

Cobri.

Uma vizinha tentou contar.

Seu Zem chegava tão cansado que nem prestava atenção.

Só descobriu no fim de semana.

Choveu.

Ele estava dentro de casa esperando a primeira goteira.

Nada.

Esperou a segunda.

Nada.

Olhou para cima.

O teto estava seco.

Saiu.

Olhou o telhado.

A vizinha apareceu.

— Eu tentei avisar.

Seu Zem ficou olhando para as telhas novas.

Não sei se chorou.

Ele jura que não.

Eu acho que sim.

Quem faz o bem merece encontrar o bem de volta.

Talvez essa seja uma das poucas leis da vida que eu realmente entendo.

Naquela semana passei praticamente todos os dias perto da universidade.

Uma nova informação surgiu.

A amiga de Leticia ainda precisava buscar documentos na secretaria.

Não sabiam quando.

Mas apareceria.

Então esperei.

Manhã.

Tarde.

Outro dia.

Mais outro.

O segurança já nem perguntava.

— Nada ainda, Guilherme.

— Eu espero.

No último dia, desisti.

De verdade.

Levantei.

Peguei minhas coisas.

— Chega.

Comecei a andar.

Foi quando ouvi:

— GUILHERME!

Virei.

O segurança estava no portão.

— Guilherme!

Corri.

— O que foi?

Ele apontou para dentro.

— A moça está aí.

Meu coração parou.

— Que moça?

— A amiga da Letícia! Está na secretaria. Deve sair daqui a pouco.

Não sabia o que fazer.

— Como ela é?

Ele me lembrou das características que haviam me dado.

Esperei.

Então ela apareceu.

Olhei.

Era ela.

Fui até a moça.

— Com licença.

Ela se assustou.

— Sim?

— Você conheceu Letícia Bertollo?

O rosto dela mudou drasticamente.

— Quem é você?

Engoli seco.

— Guilherme.

Os olhos da moça encheram de lágrimas.

— Guilherme?

— É.

Ela levou as mãos à boca.

— Meu Deus.

E, antes que eu entendesse qualquer coisa, aquela desconhecida correu e me abraçou.

— Você existe!

Fiquei parado.

— Como?

Ela ria e chorava.

— Você existe de verdade!

— Eu acho que sim.

Ela se afastou e olhou para mim.

— Letícia falava tanto de você que às vezes eu achava que tinha inventado esse homem.

Sorri.

— Dependendo do que ela contou, talvez fosse melhor eu ser inventado.

Ela riu.

— Eu tenho uma coisa sua.

Meu coração acelerou.

— Minha?

— Dela.

Pausa.

— Para você.

Fomos até onde ela morava.

Durante o caminho, ouvi histórias de uma Letícia que eu não conhecia.

A Letícia estudante.

A Letícia que saía com as amigas.

A Letícia que recusava os rapazes.

A Letícia que falava da fazenda.

Dos cavalos.

Da gameleira.

De mim.

— Ela nunca esqueceu você — a amiga disse.

Não respondi.

Tinha medo de acreditar.

Quando chegamos, ela abriu uma caixa.

Havia objetos de Letícia.

Papéis.

Anotações.

Algumas fotografias.

Um caderno.

— O diário.

Passei a mão pela capa.

— Posso?

— Não.

Olhei para ela.

— Letícia me fez prometer que não entregaria o diário.

— Então por que mostrou?

— Porque queria que você soubesse que existe.

Respirei.

Ela procurou outra coisa.

Então retirou um envelope.

Meu nome estava escrito.

Guilherme.

Reconheci a letra.

— Isso eu posso entregar.

Peguei.

Minhas mãos tremiam.

— Ela deixou para mim?

— Com uma condição.

— Qual?

— Se algum dia aparecesse aqui um rapaz chamado Guilherme procurando por ela, eu deveria entregar.

Fechei os olhos.

Letícia sabia.

De algum jeito...

ela sabia que eu iria.

Abri.

A CARTA DE LETÍCIA

Guilherme,

se algum dia você estiver lendo esta carta, é porque ainda não nos reencontramos.

Gui, quero que saiba que não houve um dia sequer longe de você em que eu tenha te esquecido.

Nem nos dias tristes.

Nem nos dias felizes.

Às vezes eu saía com as meninas.

Fazíamos piqueniques.

Passeávamos.

Tínhamos companhia dos meninos também.

Alguns eram bonitos.

Alguns muito bonitos.

Mas eu preferia não trocar olhares.

Não por medo.

É que não tinha graça nenhuma olhar nos olhos de outro homem quando os olhos que eu queria estavam tão longe.

Eles acabaram percebendo.

Minha história ficou conhecida entre nossos amigos.

E ninguém se atreveu a me cortejar de verdade.

Às vezes brincavam:

“Nas férias vamos todos para a Fazenda da Barra buscar Guilherme para devolver vida à vida de Letícia.”

Eu ria.

Mas depois ficava com mais saudade.

Porque, quando a brincadeira terminava, você continuava longe.

Eu contei cada dia desses quatro anos.

Talvez cada hora.

Minha mãe queria que eu permanecesse em São Paulo por mais dois anos, aprofundando minha formação.

Eu não fiquei.

E preciso contar uma coisa que talvez faça você rir.

Ou talvez fique orgulhoso.

Quero que você saiba antes mesmo dos meus pais.

Eu não me formei na Medicina que eles imaginaram para mim.

Não sou médica de gente.

Sou médica, sim.

Mas dos nossos bichos.

Eu me tornei médica-veterinária.

Não sei como meus pais vão reagir.

Espero que não me matem.

Você sabe como minha mãe é.

Foi difícil.

Muito.

E preciso admitir que quase enlouqueci tentando aprender tantos ossos.

Gui, você precisa ver aquilo.

Cada animal parece ter sido montado de um jeito diferente.

Às vezes eu pensava:

“Guilherme ia adorar isso.”

E continuava estudando.

Talvez você tenha alguma culpa.

Lembra daquele homem que aparecia na fazenda para cuidar dos animais?

Lembra de como você ficava irritado porque não deixavam você acompanhá-lo?

Eu lembro.

Talvez tenha sido ali que alguma coisa também começou em mim.

Escolhi me aprofundar principalmente no cuidado de equinos e bovinos.

Sim.

Cavalos e bois.

Pode rir.

Eu, Letícia Bertollo, que reclamava do cheiro do curral.

A vida tem senso de humor.

Também estudei muito sobre cães.

Gosto deles demais.

Mas não posso sair dizendo que sou especialista em cachorro só porque gosto deles.

Então prefiro dizer apenas que tento cuidar bem de todos.

Talvez um dia eu possa cuidar dos animais da Fazenda da Barra.

Talvez um dia...

possamos cuidar deles juntos.

Não sei onde você está agora.

Não sei o que aconteceu com sua vida durante esses anos.

Não sei se ainda pensa em mim.

Talvez tenha conhecido outra pessoa.

Talvez tenha me esquecido.

Mas, se está lendo esta carta, alguma coisa fez você chegar até aqui.

Por isso vou pedir:

Gui, não desista de você.

E, se ainda existir em seu coração alguma coisa daquela promessa que fizemos...

não desista de nós.

Durante esses anos pedi muitas vezes a Nossa Senhora Aparecida que intercedesse por nós junto a Jesus.

Continuo pedindo.

Tenho fé que Ele encontrará um jeito de colocar nossos caminhos um diante do outro novamente.

Talvez você esteja perto.

Talvez esteja muito longe.

Não importa.

Você nunca estará tão alto que eu não possa sentir você.

Se for preciso esperar...

eu espero.

Novinha ainda...

ou velhinha.

Eu estarei esperando por você.

Eu te amo.

Letícia.

FIM DO CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

ARROZ E FEIJÃO

O valor das coisas simples

Depois de tanto procurar pelo amor, descobri que o caminho mais difícil talvez fosse justamente o de voltar para casa.

Guilherme

1979

Depois daquela carta, alguma coisa mudou dentro de mim.

Não sei explicar direito.

Talvez esperança tenha peso.

Talvez tenha cheiro.

Talvez até faça barulho.

Só sei que saí daquela casa diferente do homem que havia entrado.

Durante meses caminhei por São Paulo sem saber se Letícia ainda pensava em mim. Dormi com cachorros na rodoviária, passei fome, frio, trabalhei no alto de um prédio e conversei tantas vezes com meu próprio coração que comecei a desconfiar que havia dois Guilhermes dentro de mim.

Agora não.

Agora eu sabia.

Letícia me amava.

Não era lembrança minha.

Não era esperança de homem apaixonado.

Não era invenção daquele boiadeiro besta que atravessou um estado procurando uma mulher numa cidade com milhões de pessoas.

Estava escrito.

Com a letra dela.

“Eu estarei esperando por você.”

Li aquela frase tantas vezes que quase decorei o desenho das letras.

Eu precisava voltar.

Antes, porém, me despedi das pessoas que tinham me ajudado.

A amiga de Letícia foi a primeira.

Agradei por guardar a carta.

Agradei pelas histórias.

Agradei até por ter acreditado que eu existia.

— Agora acredito — ela disse.

— Ainda bem.

— Letícia vai enlouquecer quando souber que você esteve aqui.

— Espero poder contar pessoalmente.

Ela sorriu.

— Vai.

Passei também pela faculdade.

O segurança me viu chegando e abriu um sorriso.

— Encontrou?

Levantei a carta.

— Encontrei mais do que estava procurando.

Ele riu.

— Então valeu a pena ficar enchendo minha paciência todos aqueles dias.

— Eu sabia que o senhor gostava de mim.

— Vai embora, boiadeiro.

Apertei a mão dele.

— Obrigado.

Talvez aquele homem nunca soubesse o tamanho da participação que teve na minha história.

Mas eu sabia.

E não esqueceria.

Faltava seu Zem.

Voltei àquela comunidade que, meses antes, me parecera o lugar mais pobre que eu já tinha visto.

Dessa vez enxerguei diferente.

Continuava faltando dinheiro.

Faltava conforto.

Faltava muita coisa.

Mas havia algo ali que eu demorara para perceber.

As pessoas dividiam.

Comida.

Café.

Conversa.

Problemas.

Até telhado, se precisasse.

Eu havia chegado achando que aquele lugar era miserável.

Saí entendendo que pobreza não era apenas não ter dinheiro.

Aquele lugar era pobre de coisas.

Mas riquíssimo de gente.

Seu Zem estava em casa quando cheguei.

— Olha quem apareceu.

— Vim me despedir.

Ele parou.

— Então encontrou o que procurava?

Pensei antes de responder.

— Ainda não encontrei ela.

— Mas encontrou o caminho.

Olhei para ele.

Aquela resposta me incomodou.

Não pelo que dizia.

Mas pela certeza com que dizia.

Seu Zem sentou.

— Querido Guilherme, sei que sua peregrinação está chegando numa fase de êxito.

Fiquei quieto.

— Embora você ainda não tenha encontrado fisicamente quem veio buscar, agora pôde tirar suas dúvidas sobre o que sentiam um pelo outro.

Meu coração deu um salto.

Como ele sabia?

Eu nunca havia contado a seu Zem que deixara uma carta para Letícia.

Muito menos tudo que havia acontecido entre nós antes de eu sair da Fazenda da Barra.

Nem sequer tinha contado o conteúdo da carta que acabara de receber.

Olhei para ele.

— Seu Zem...

— O quê?

Quase perguntei.

Como o senhor sabe?

Mas alguma coisa me fez ficar quieto.

Talvez medo da resposta.

Talvez eu simplesmente não quisesse estragar aquele momento tentando entender um homem que, desde a primeira noite, dizia que eu era um velho conhecido.

— Nada.

Ele sorriu.

— Então vá.

Abracei seu Zem.

Dessa vez demoramos.

— Nunca vou conseguir pagar tudo que o senhor fez por mim.

Ele me afastou.

— Já pagou.

— Com umas telhas?

— Não estou falando das telhas.

— Então do quê?

Seu Zem bateu no meu peito.

— Um dia você entende.

Outra frase estranha.

Aquele velho gostava de me deixar perguntas.

— Sua casa continua sendo minha também?

— Enquanto eu estiver vivo.

Sorri.

— Então talvez eu volte.

— Vai voltar.

Olhei para ele novamente.

— O senhor tem certeza de tudo, não é?

— Alguém precisa ter.

Ri.

E fui embora.

Minha intenção era simples.

Voltar para a região de Jaú.

Encontrar Letícia.

Depois...

eu não fazia ideia.

Mas, pela primeira vez, não precisava saber o depois.

Precisava chegar até ela.

Peguei estrada.

Caminhei.

Consegui caronas.

Às vezes avançava muitos quilômetros de uma vez.

Outras vezes passava horas esperando.

Já conhecia melhor aquele mundo.

Aprendera a perguntar.

A observar placas.

A conversar com caminhoneiros.

A guardar referências.

Meu caminho ainda era confuso, mas eu não era mais o mesmo homem perdido que chegara a São Paulo.

E foi justamente perto de uma rodoviária que aconteceu uma coisa que eu jamais esperava.

Ouvi um latido.

Continuei andando.

Outro.

Parei.

Olhei.

Um cachorro estava me encarando.

Magro.

Baixinho.

Comprido demais para a altura das pernas.

Uma mistura que Deus provavelmente começou fazendo um basset, desistiu no meio e terminou com um vira-lata caramelo.

— Não acredito.

Ele inclinou a cabeça.

— É você?

O rabo começou.

Primeiro devagar.

Depois tão rápido que parecia querer arrancar o cachorro do chão.

— Rapaz...

Ele veio.

Correu.

Pulou em mim.

Era um dos três.

Meus companheiros das noites na rodoviária.

Justamente o mais dócil.

O mais carinhoso.

Abaixei e abracei o bicho.

— Onde estão os outros?

Ele me lambeu.

— Isso não responde.

Outra lambida.

— Você continua sem saber conversar.

Não encontrei os outros dois.

Não sei que destino tiveram.

Mas aquele...

aquele me encontrou.

Ou eu encontrei ele.

Não importa.

O fato é que, dali em diante, não segui mais sozinho.

— Vamos?

Ele abanou o rabo.

— Só vou avisando que a viagem é longa.

O cachorro começou a andar.

— Ah, então você decidiu.

Fui atrás.

Pela primeira vez em muito tempo, ri sozinho numa estrada sem que a risada terminasse em choro.

Seguimos.

Eu e meu novo velho companheiro.

Consegui uma carona que nos levou por uma boa distância.

O motorista quase não deixou o cachorro subir.

— Ele não vai sujar nada, não.

O cachorro estava imundo.

O homem olhou para mim.

Depois para ele.

— Está bem. Mas vai atrás.

— Nós dois?

— Os dois.

Melhor que caminhar.

Fomos.

A cada quilômetro, a Fazenda da Barra ficava mais perto.

E, quanto mais perto, mais perguntas apareciam.

Como eu seria recebido?

Seu Bertollo ainda estava doente?

Meu pai?

Minha mãe?

E Letícia?

Será que estava realmente lá?

A carta havia renovado minhas forças.

Mas não resolvia um problema:

eu não podia simplesmente entrar na Fazenda da Barra como se tivesse saído na manhã anterior.

Muita coisa poderia ter acontecido durante minha ausência.

As últimas notícias que tive antes de partir já não eram boas.

O filho mais velho de seu Bertollo tinha assumido a administração.

Funcionários novos haviam chegado.

Regras tinham mudado.

Minha família estava ameaçada de ser retirada das terras.

E eu desaparecera.

Voltar pela porteira da frente talvez fosse a pior ideia possível.

Poderiam me expulsar.

Me prender.

Me dar uma surra.

Ou coisa pior.

Eu não sabia como estavam os ânimos.

Principalmente depois de tudo que acontecera.

Pensei em meus pais.

Talvez minha ausência tivesse feito bem para eles.

Talvez, sem mim por perto, os Bertollo os tivessem deixado em paz.

Era justamente por isso que eu havia partido.

Se aparecesse de repente...

poderia colocar tudo em risco novamente.

— O que eu faço?

O cachorro me olhou.

— Você também não sabe.

Continuou andando.

— Grande ajuda.

Quando calculava estar a pouco mais de cem quilômetros da região da fazenda, cheguei a um pequeno patrimônio de beira de estrada.

Casas.

Comércio.

Uma pensão.

Caminhoneiros.

Viajantes.

Gente entrando e saindo.

Eu precisava comer.

Precisava tomar banho.

E, principalmente, precisava pensar.

Entrei na pensão.

Perguntei quanto custava passar a noite.

Cabia no pouco dinheiro que ainda tinha.

— E o cachorro? — a mulher perguntou.

Olhei para ele.

— O que tem?

— Não entra no quarto.

— Ele dorme onde?

— Lá fora.

Olhei para o cachorro.

Ele olhou para mim.

— Você ouviu.

O rabo parou.

— Não faz essa cara.

A mulher riu.

— Tem uma cobertura nos fundos. Ele pode ficar lá.

— Está bom.

Deixei minhas coisas.

Tomei banho.

A água levou embora poeira de estrada suficiente para formar outra pessoa.

Depois fui comer.

Sentei.

Colocaram diante de mim um prato.

Arroz.

Feijão.

Ovo.

Um pedaço de carne.

Fiquei olhando.

Era simples.

Tão simples que, meses antes, talvez eu nem reparasse.

Peguei a colher.

Misturei um pouco do feijão no arroz.

O cheiro me levou para casa.

Minha mãe.

A cozinha.

Meu pai sentado.

A Fazenda da Barra.

Letícia entrando sem pedir licença.

Engoli.

— Está ruim? — a mulher perguntou.

— Não.

— Então por que está olhando desse jeito?

Sorri.

— Porque está bom demais.

Comecei a comer.

Depois de tudo que vivera em São Paulo, aquele prato parecia um banquete.

Arroz e feijão.

Simples.

Sem surpresa.

Sem luxo.

Mas sustentava.

Foi enquanto comia que comecei a prestar atenção numa conversa algumas mesas adiante.

Homens de estrada.

Caminhoneiros.

Falavam de propriedades rurais da região.

Nomes.

Fazendas.

Negócios.

Não liguei.

Até ouvir:

— ...lá pros lados da Fazenda da Barra.

Minha colher parou.

Levantei os olhos.

Outro homem respondeu:

— Dos Bertollo?

Meu coração acelerou.

— Essa mesma.

Não me mexi.

Continuei olhando para o prato.

Mas já não sentia o gosto de nada.

— Conhece aquilo lá? — perguntou um deles.

— Conheço. Faz tempo.

— Mudou muito.

Apertei a colher.

Mudou muito.

Aquelas duas palavras bastaram.

Embora tentasse demonstrar tranquilidade, eu estava tenso.

Continuei comendo, mas meus ouvidos estavam naquela mesa.

Fazenda da Barra.

Ouvir aquele nome depois de tanto tempo mexeu comigo.

Eu precisava saber quem eram aqueles homens.

Esperei alguns minutos, levantei e procurei a dona da pensão.

— Dona Zilda.

— Oi, filho.

— A senhora conhece aqueles homens sentados na mesa da frente?

Ela olhou discretamente.

Depois olhou para mim.

— Por quê?

— Curiosidade.

— Curiosidade costuma dar problema.

— Às vezes resolve também.

Ela apertou os olhos.

— Conheço.

— Quem são?

Dona Zilda apoiou o pano que carregava sobre o ombro.

— Negociantes.

— De quê?

— De tudo que fazendeiro compra e vende. Esses homens vivem rodando por aí procurando negócio. Gado, ração, máquina, semente... o que aparecer.

Olhei novamente para a mesa.

— E aquele da ponta?

— Qual?

— Do lado esquerdo.

A expressão dela mudou.

— Senhor Mendes.

— Ele mora por aqui?

— Aquele homem? Não sei nem se ele mora em algum lugar.

Ri.

— Como assim?

— Vive na estrada. Representa gente grande. Fazenda grande mesmo. daquelas que a gente só acredita vendo.

— De onde?

— Lá para os extremos do Brasil. Goiás, Tocantins... aqueles lados. Dizem que ele atravessa mil quilômetros como quem vai daqui na venda comprar açúcar.

Olhei novamente para Mendes.

Homem de aparência simples.

Nada nele parecia anunciar o tamanho da importância que dona Zilda lhe atribuía.

— Dizem muita coisa sobre ele — ela continuou. — Inclusive que é perigosamente poderoso.

— Perigoso?

— Não falei perigoso. Falei perigosamente poderoso. Sei lá. Você entendeu.

Sorri.

— Entendi.

— É homem que conhece muita gente.

Pensei alguns segundos.

— A senhora poderia me apresentar?

Dona Zilda arregalou os olhos.

— Para quê?

— Quero conversar com ele.

— Sobre o quê?

— Fazenda da Barra.

Ela ficou séria.

— Guilherme...

— Por favor.

Dona Zilda respirou fundo.

— Posso apresentar. Mas veja lá o que vai falar.

— Por quê?

— Porque aquele é um dos meus melhores clientes. E não só porque come aqui. Ele traz gente. Indica minha pensão por onde passa.

Olhou para a velha caminhonete estacionada do lado de fora.

— Está vendo aquela caminhonete?

— Estou.

— Foi ele quem me vendeu.

— Senhor Mendes?

— Ele mesmo. E deixou eu pagar como podia.

Fiquei surpreso.

— Então é boa pessoa.

— Eu não disse isso.

— Mas...

— Eu disse que foi bom comigo. É diferente.

Gostei daquela resposta.

Dona Zilda continuou:

— Depois que meu velho morreu, eu fiquei perdida. Nós não tivemos filhos. Pensei até em largar tudo. Vendi parte da propriedade, me desfiz dos animais e fiquei só com esta pensão. Olhou ao redor.

— Modesta, mas minha.

— E parece que vai bem.

— Vai. E boa parte desse movimento começou pelas indicações dele.

Ela apontou discretamente para Mendes.

— É um homem misterioso. Mas comigo sempre foi generoso.

— Então me apresenta?

— Você é insistente.

— Um pouco.

— Um pouco?

Ela riu.

— Está bem. Eu apresento.

— Obrigado.

— Mas, Guilherme...

— Senhora?

— Eu conheço aquele homem mais do que conheço você. E, para falar a verdade, não sei quase nada sobre você.

— Já contei um pouco.

— Contou o que quis contar.

Fiquei quieto.

Ela sorriu.

— Mas alguma coisa me diz que você é boa gente.

— Minha mãe dizia a mesma coisa.

— Mãe não conta. Mãe acha filho bonito até quando parece um gambá.

Ri.

— Espere um pouco. Vou terminar de servir.

— Posso ajudar?

— Não precisa.

Peguei uma travessa.

— Para qual mesa?

— Guilherme!

— Qual?

Ela apontou, contrariada.

E lá fui eu.

Ajudei dona Zilda a servir.

Levei prato.

Busquei copo.

Retirei louça.

Limpei mesa.

Quando percebi, estava trabalhando na pensão.

— Você não consegue ficar parado, não? — ela perguntou.

— Não sei.

— Estou percebendo.

Juntei alguns restos de comida.

— Posso dar isso para o cachorro?

— Pode.

Fui aos fundos.

Meu companheiro estava esperando.

— Hoje você está importante.

Coloquei a comida.

— Carne.

Ele atacou.

— Nem agradece.

Voltei.

Quando o movimento diminuiu, dona Zilda enxugou as mãos no avental.

— Agora.

Meu coração acelerou.

Ela caminhou até a mesa dos negociantes.

Eu fiquei esperando.

— Guilherme!

Olhei.

— Ô, Guilherme! Venha cá!

Fui.

Dona Zilda abriu espaço.

— Senhor Mendes, este é um amigo meu. Guilherme. Ele entende de fazenda, gado, plantação, essas coisas.

Olhei para ela.

Durante os quase sete dias em que eu estava hospedado ali, tinha contado parte da minha história.

Não tudo.

— Está a caminho de um novo futuro — ela acrescentou. — E anda procurando oportunidades. Como sei da influência do senhor e dos seus talentos para encontrar negócio até onde não existe, fiz questão que vocês se conhecessem.

— Dona Zilda...

— O quê?

— A senhora está me vendendo melhor do que eu sou.

Mendes riu.

— Isso é qualidade de comerciante.

Estendi a mão.

— Bão demais. Me chamo Guilherme. Sou de umas bandas por perto.

Ele apertou minha mão com firmeza.

— Mendes.

— Como vai o senhor?

— Melhor agora.

A frase me pegou desprevenido.

— Que bom.

Ele continuou me observando.

Resolvi falar.

— Eu estava almoçando na mesa em frente. Não pude deixar de ouvir um pouco da conversa dos senhores. Me perdoe pela intromissão.

— Ouviu alguma coisa interessante?

— Talvez.

— Então dona Zilda resolveu nos apresentar.

— Foi.

Mendes apontou para uma cadeira.

— Sente-se.

Dona Zilda imediatamente se afastou.

— Vou deixar vocês conversarem. Preciso ver a cozinha.

— Obrigado, dona Zilda.

Ela apontou o dedo para mim.

— Juízo.

Mendes riu.

— Ela fala assim com todo mundo?

— Acho que agora fala comigo.

— Então gostou de você.

Puxei a cadeira.

— Conte, rapaz. Em que posso ser útil ao novo amigo de dona Zilda?

Respirei.

— Bom... primeiro, obrigado pela atenção. Eu venho de uma fazenda...

Ele me interrompeu.

— Fazenda da Barra.

Congelei.

— Como?

— Você vem da Fazenda da Barra.

Olhei para os outros homens.

Depois para ele.

— Como o senhor sabe?

Mendes se recostou.

— Sei de muitas coisas, menino.

Sorriu.

— Inclusive que você é o fujão.

Alguns homens riram.

Eu não.

Fechei a cara.

— Não sou covarde.

O sorriso de Mendes desapareceu.

— Não falei covarde.

— Quem foge é fujão.

— E quem sai para sobreviver?

Não respondi.

— Também é?

A mesa ficou silenciosa.

— Eu não abandonei minha família porque tive medo.

— Eu sei.

— Então não me chame de fujão.

Mendes levantou uma das mãos.

— Calma.

Respirei fundo.

— Desculpe.

— Não peça desculpas por defender seu nome. Só aprenda a escolher quando vale a pena brigar por ele.

Aquilo me desmontou um pouco.

Mendes apontou para a cadeira.

— Sente.

Sentei novamente.

— Eu conheço sua história, Guilherme.

— Como?

Ele sorriu de canto.

— Na verdade, quando você entrou nesta pensão, eu já imaginava quem era.

Meu estômago gelou.

— Então aquela conversa...

— Você ouviu exatamente o que eu queria que ouvisse.

Olhei para ele.

— Fazenda da Barra?

— Fazenda da Barra.

— Por quê?

— Porque eu queria ver se você viria até mim.

— E se eu não viesse?

— Eu daria outro jeito.

Aquilo começou a me incomodar.

— Quem é o senhor?

Mendes juntou as mãos sobre a mesa.

— Agora chegamos à parte interessante.

Os outros homens ficaram em silêncio.

— Anos atrás, a Fazenda da Barra começou a usar uma nova formulação de alimentação animal.

Pensei.

Lembrava da mudança.

Rações diferentes.

Suplementação.

Produtos que começaram a chegar em caminhões.

— Lembro.

— Fui eu.

— O senhor?

— Eu representava a Fazenda Pena Branca.

— Aquela de Goiás?

Ele balançou a cabeça.

— A operação cresceu para muito além de Goiás. Hoje os negócios chegam até o Tocantins e outras regiões. Mas isso não importa agora.

Mendes aproximou-se.

— Eu vim de muito longe para fechar pessoalmente o fornecimento com os Bertollo.

— Com seu Bertollo?

— A negociação começou com ele. Mas quem assumiu grande parte da conversa foi o filho mais velho.

Meu rosto endureceu.

— Imaginei.

— Naquele tempo, muita coisa era resolvida na palavra.

Mendes passou os dedos pelo próprio bigode.

— Negócio de bigode.

Um dos homens assentiu.

— Minha comissão seria dez por cento sobre o que fosse fornecido por intermédio da minha representação.

— E o que aconteceu?

Mendes sorriu sem humor.

— O filho do seu patrão descobriu de onde vinha o produto.

Já imaginei.

— Foi direto neles.

— Exatamente.

— Para economizar sua parte.

— Dez por cento.

Balancei a cabeça.

Conhecia o jeito dele.

Mendes continuou:

— Procurou o filho do proprietário da Pena Branca e fechou por fora. Naquele tempo eu não tinha contrato de exclusividade como tenho hoje. Minha garantia era a palavra.

— E eles aceitaram?

— Aceitaram.

— Então traíram o senhor também.

— Negócio ensina rápido, Guilherme.

Ele tomou um gole.

— Quem aprende, continua. Quem não aprende, desaparece.

— E o senhor aprendeu.

— Muito.

Mendes sorriu.

— Hoje a história é diferente. A Pena Branca renovou comigo. Desta vez no papel. Tenho representação exclusiva para determinados produtos em todo o território nacional.

Comecei a compreender.

— E a Fazenda da Barra ainda compra deles?

— Compra.

— Então...

— O contrato está perto de vencer.

Mendes recostou-se novamente.

— E desta vez, se quiserem continuar usando o que usam, terão que conversar comigo.

Um dos homens riu.

— O desconto que conseguiram durante aqueles anos vai sair caro.

Mendes levantou o dedo.

— Não é vingança.

Olhou para mim.

— Nunca faça negócio por vingança, Guilherme. Vingança faz homem inteligente virar burro.

Guardei aquilo.

— É negócio.

— Exatamente.

— E não existe outro fornecedor?

— Existem outros produtos. Mas não iguais, pelo menos não com a mesma formulação e resultado que eles já incorporaram à criação.

Fiquei pensando.

— Então o senhor conhece bem a Fazenda da Barra.

Mendes sorriu.

— Melhor do que alguns que moram lá.

Silêncio.

Aquela frase tinha alguma coisa por trás.

— E conhece os Bertollo.

— Conheço negócios dos Bertollo.

— É diferente?

— Muito.

Mendes ficou alguns segundos me observando.

Então abriu os braços.

— Mas chega de falar de mim.

Apontou para meu peito.

— Você veio até esta mesa. Ouviu uma conversa que eu queria que ouvisse. Pediu para dona Zilda apresentar você. E agora descobriu que eu sei quem você é, de onde veio e conheço pessoas que talvez você esteja tentando evitar.

Ele fez uma pausa.

— Então vamos economizar tempo. Em que posso ser útil, Guilherme?

Naquele instante, muitas vontades passaram pela minha cabeça.

A mais forte delas não foi bonita.

Pensei em aproveitar a sacanagem que haviam feito com aquele homem para me vingar do filho mais velho de seu Elmo Bertollo.

Confesso.

Por alguns segundos, gostei da ideia.

Eu poderia ajudar Mendes a apertar justamente onde doeria mais: nos negócios da Fazenda da Barra.

Depois pensei em seu Bertollo.

Pensei nos meus pais.

Pensei em tudo que aquela fazenda representava para mim.

E pensei em Letícia.

Foi suficiente.

Por maior que fosse a raiva que ainda rondava minha alma, o amor que eu sentia era maior.

Não atravesssei São Paulo para aprender a destruir pessoas.

Atravessei para encontrar uma.

Então deixei meu coração escolher o que pedir.

Mendes me observava em silêncio.

E havia algo naquele homem que continuava me incomodando. Seus olhos pareciam conhecer minha resposta antes mesmo que as palavras chegassem à minha boca.

Respirei fundo.

— Oportunidade.

Mendes ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— Como?

— O senhor perguntou em que poderia me ajudar. É a única palavra que me vem agora: oportunidade.

Ele permaneceu calado.

— Pelo que estou vendo, o senhor sabe muito sobre minha vida. Talvez até mais do que eu gostaria. Então deve saber também o que sei fazer.

Olhei para minhas mãos.

— Sei cuidar de gado. Sei lidar com cavalo. Conheço cana. Aprendi sobre leite, criação, compra e venda de animais. Sei comandar peão porque fui peão a vida inteira. Não tenho estudo igual aos homens que trabalham com o senhor. Não entendo de contrato, dessas contas grandes nem dessas palavras bonitas de negócio...

Levantei os olhos.

— Mas aprendo.

Mendes continuava imóvel.

— E trabalho.

Fiz uma pausa.

— Então, conhecendo-me como parece conhecer... será que o senhor poderia me oferecer uma oportunidade?

Ninguém naquela mesa falou.

Mendes recostou-se lentamente na cadeira.

Olhou para mim por alguns segundos.

Depois surgiu aquele sorriso de canto que eu já começava a desconfiar que significava alguma coisa.

— Interessante...

— O quê?

— Com tudo que você poderia ter me pedido, pediu trabalho.

Não respondi.

Ele passou a mão pelo bigode.

— Muito interessante, Guilherme.

Então voltou a me provocar:

— Mas me diga uma coisa. Tendo em vista suas habilidades, onde acha que poderia contribuir comigo? Que tipo de trabalho acredita que eu poderia lhe proporcionar? Me dê uma luz.

A pergunta me pegou desprevenido.

— Mas quem está querendo a oportunidade sou eu.

Ele sorriu.

— Justamente.

— Então acho que é o senhor quem precisa me dizer onde precisa de mim.

Os homens da mesa riram.

Mendes também.

— Gostei. Mas vou ajudar. Poderia trabalhar comigo nas vendas?

Pensei.

— Nunca vendi essas coisas que o senhor vende.

— Poderia aprender. E catálogo? Organização dos clientes? Pedidos? Entregas? Poderia dirigir para nós?

— Se o senhor me ensinar, aprendo qualquer uma dessas coisas.

— Qualquer uma?

— O que eu não souber fazer, aprendo.

Mendes cruzou os braços.

— Então me diga o que você já sabe fazer.

Aquilo era mais fácil.

— Animal.

— Seja mais específico.

— Gado e cavalo, principalmente.

Ele fez um gesto para que eu continuasse.

— Sei fazer manejo. Conheço algumas raças, comportamento, alimentação. Sei cuidar de gado leiteiro e de corte. Trabalhei muitos anos com holandesas. Fazia ordenha, separava o leite da casa, preparava os latões, cuidava da distribuição e depois aprendi a negociar os animais também.

Mendes deixou de sorrir.

Agora estava prestando atenção de verdade.

— Continue.

— Aprendi sobre cruzamento controlado. Escolha de reprodutor, acompanhamento dos animais, preparação do gado para venda e para corte. Não sou veterinário, é lógico. O que sei aprendi fazendo.

— Cavalos?

— Também.

— Monta?

Quase me ofendi.

— Se tiver quatro pernas e aceitar sela, eu monto.

Os homens riram.

— Quarto de milha?

— Sim.

— Mangalarga?

— Também.

— Treina?

— Dependendo do animal.

Mendes assentiu.

— Continue.

Comecei a perceber que aquela conversa talvez fosse mais importante do que imaginava.

— Também entendo um pouco de muares.

— Muares?

— Cruzamento para produzir mula. Principalmente animal forte para tropeiro. Tem mula que marcha melhor que muito cavalo e pensa mais rápido que muito homem.

Um dos homens gargalhou.

Mendes apontou para ele.

— Inclusive alguns que trabalham comigo.

A mesa caiu na risada.

Até eu ri.

— E de lavoura? — Mendes perguntou.

— Cana.

— Só?

— “Só” é muita coisa.

Ele sorriu.

— Explique.

— Conheço plantio, corte, transporte e aproveitamento. Sei alguma coisa desde o açúcar e o álcool até o uso do bagaço e do farelo na alimentação. Passei a vida vendo aquilo funcionar.

— Máquinas?

— Sei operar algumas. Outras eu aprendo.

— Construção?

— Curral eu faço.

— Casa?

— Pequena.

— Galpão?

— Se tiver alguém que entenda mais do que eu para começar, quando chegar na metade provavelmente já estou fazendo junto.

Mendes soltou uma risada.

— Modesto você não é.

— O senhor perguntou.

— E terra?

Pensei.

— Um pouco.

— Um pouco quanto?

— Sei entrar numa área e perceber se gosto dela.

Ele franziu a testa.

— Isso não significa nada.

— Para mim significa.

— Como?

— Vegetação. Umidade. Cor da terra. O que nasce espontaneamente. Inclinação. Água por perto. Se o gado gosta de ficar naquele pedaço ou evita. Tem coisa que a terra conta antes de alguém cavar.

Mendes ficou sério.

— Você analisa solo?

— Não desse jeito que o senhor está pensando. Não tenho estudo para isso.

Apontei para meus olhos.

— Eu olho.

Depois para as mãos.

— Pego.

— E?

— Cheiro.

Um dos homens riu.

— Cheira terra?

Olhei para ele.

— Boi também. E geralmente descubro muita coisa.

A gargalhada voltou.

Mendes, porém, não ria.

— Continue.

— Sei identificar quando uma área está cansada. Sei alguma coisa de pastagem, drenagem, lugares melhores para curral, água, acesso de animal...

Parei.

— Enfim, seu Mendes, fiz muita coisa.

Ele permaneceu quieto.

Resolvi terminar:

— Minha função principal sempre foi cuidar do gado e dos cavalos. Mas numa fazenda, se o sujeito fica esperando alguém dizer que aquilo não é serviço dele, não aprende nada.

Mendes concordou lentamente.

— Boi de junta?

— Também sei.

— Ainda usam?

— Cada vez menos. Hoje temos trator, implemento, máquina... tecnologia. Acho que daqui para frente vão usar menos ainda.

Mendes apoiou os cotovelos na mesa.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e quatro.

Ele olhou para os outros homens.

Depois novamente para mim.

— Vinte e quatro...

— É.

— E sabe fazer tudo isso?

— Sei fazer algumas coisas direito. Outras sei o suficiente para não atrapalhar. E as que não sei...

Ele completou:

— Você aprende.

— Exatamente.

Mendes ficou alguns segundos em silêncio.

Então bateu uma vez com a mão sobre a mesa.

— Bom.

Meu coração acelerou.

— Estou fazendo um levantamento de algumas propriedades nesta região.

— Para comprar?

— Talvez.

— Talvez?

— Primeiro preciso saber o que estou olhando. Existem terras pouco aproveitadas, propriedades antigas, gente querendo vender, outras querendo arrendar. Às vezes o dono olha para uma terra e enxerga mato. Eu preciso olhar e enxergar negócio. Aquilo me interessou.

— E quer que eu olhe essas terras?

— Quero que me ajude a olhar.

Fiquei em silêncio.

— Você vai comigo. Quero ouvir o que percebe antes de eu lhe contar o que penso.

— Mas eu não sou agrônomo.

— Eu sei.

— Nem engenheiro.

— Também sei.

— Então por que eu?

Mendes sorriu.

— Porque agrônomo eu contrato.

Apontou para mim.

— Guilherme eu acabei de encontrar.

Não soube o que responder.

Ele continuou:

— Também vou lhe ensinar os produtos que represento. Um por um. Quero que entenda o que vendemos, para que serve, para quem serve e, principalmente, quando não serve.

— Quando não serve?

— Essa é a diferença entre vendedor e picareta. Vendedor bom precisa saber quando não vender.

Gostei daquilo.

— Vai aprender pedidos, preços, comissão, cliente, prazo, transporte...

Minha cabeça já começava a girar.

— Devagar, seu Mendes.

Ele riu.

— Foi exatamente o que eu ia dizer. Tudo calmamente.

Então ficou sério.

— Só existe um problema.

— Qual?

— Eu ainda não sei se posso pagar você.

Fiquei olhando para ele.

— Como assim?

— Exatamente como falei.

— O senhor acabou de dizer que representa uma das maiores fazendas do país.

— E daí?

— Achei que tivesse dinheiro.

Mendes caiu na gargalhada.

— Está vendo? Primeira aula.

— Qual?

Ele se inclinou na minha direção.

— Nunca confunda movimentar dinheiro com ter dinheiro.

A mesa ficou em silêncio.

— Posso movimentar negócios enormes, Guilherme. Isso não significa que posso sair contratando gente sem saber quanto ela vai me custar e quanto vai produzir.

Assenti.

Aquilo fazia sentido.

— Então não tenho emprego?

— Eu não disse isso.

— Disse que não sabe se pode me pagar.

— E não sei.

Ele apontou para mim.

— Mas também não sei quanto você vale.

Aquela frase me atingiu.

Passei anos ouvindo, de uma forma ou de outra, quanto eu não valia.

Filho de empregado.

Peão.

Boiadeiro.

João Porteira.

Agora aquele homem estava dizendo que ainda precisava descobrir quanto eu valia.

Mendes levantou-se.

— Faça uma experiência comigo.

— Quanto tempo?

— Até descobrirmos duas coisas.

— Quais?

— Se você é tão bom quanto diz...

Pegou o chapéu.

— ...e se eu sou inteligente o suficiente para não deixar você escapar.

Sorri.

— E até lá?

— Comida, estrada e lugar para dormir ficam por minha conta quando estivermos viajando. O que você produzir nos negócios que eu colocar na sua mão, nós acertamos uma participação.

— Comissão?

— Está aprendendo rápido.

Estendi a mão.

— Então temos um acordo?

Mendes olhou para minha mão.

Depois para mim.

— Ainda não.

Recolhi.

— O que falta?

— Amanhã cedo eu vou visitar uma propriedade.

— Onde?

Ele colocou o chapéu.

— Não muito longe daqui.

— E?

— Você vem comigo.

— Para quê?

Mendes abriu aquele sorriso de canto.

— Você disse que a terra conversa com você.

Caminhou alguns passos e virou-se.

— Amanhã quero ver se ela responde.

E foi embora.

Os outros homens também se levantaram. Aos poucos, a mesa ficou vazia e o movimento da pensão diminuiu.

Fiquei sentado por alguns instantes, tentando entender o que acabara de acontecer.

Eu tinha chegado àquele lugar procurando uma maneira de alcançar Letícia.

Agora, pela primeira vez na vida, alguém estava me oferecendo uma oportunidade que não dependia de seu Bertollo, da Fazenda da Barra ou do sobrenome de ninguém.

Levantei e comecei a recolher os pratos para ajudar dona Zilda.

Foi quando parei diante do lugar onde Mendes estivera sentado.

— Esse homem não come nada...

O prato estava quase pela metade.

Arroz.

Feijão.

E um pedaço generoso daquela carne de porco de panela que só gente do interior sabe fazer direito.

Olhei para a cozinha.

Depois para o prato.

Pensei nos dias em que passei fome em São Paulo.

Jogar comida fora agora me parecia quase um pecado.

Peguei o prato.

— Dona Zilda!

— Oi!

— Seu Mendes deixou isso aqui. Posso comer?

Ela apareceu na porta da cozinha, olhou para mim e depois para o prato.

— Guilherme, eu faço outro para você.

— Pra quê? Esse está pronto.

— Mas é resto.

Olhei novamente.

— Resto é quando ninguém precisa.

Ela ficou quieta.

Puxei a cadeira e sentei.

— E eu preciso.

Dona Zilda sorriu e voltou para a cozinha.

Misturei o arroz com o feijão.

Cortei um pedaço daquela carne de porco do interior.

Estava fria.

Mesmo assim, achei uma delícia.

Enquanto comia, fiquei pensando nas coisas que Mendes havia perguntado.

Gado.

Cavalo.

Cana.

Terra.

Curral.

Leite.

Coisas que, para mim, sempre foram apenas trabalho.

Coisas comuns.

Arroz com feijão.

Talvez eu tivesse passado a vida inteira acreditando que precisava aprender algo extraordinário para me tornar alguém importante.

Seu Mendes parecia pensar diferente.

Para ele, tudo aquilo que eu aprendera desde menino tinha valor.

Olhei para o prato pela metade que aquele homem havia deixado.

Engraçado.

Até algumas horas atrás, eu estava preocupado apenas em descobrir como entrar novamente na Fazenda da Barra.

Agora havia outra pergunta rondando minha cabeça:

E se eu não precisasse voltar para lá do mesmo jeito que saí?

Comi mais uma colherada.

Eu continuava querendo Letícia.

Mais do que qualquer coisa.

Mas talvez encontrá-la não significasse simplesmente voltar correndo para a vida que eu tinha antes.

Talvez fosse hora de construir uma nova.

Terminei o arroz.

Terminei o feijão.

E não deixei nem o caldo da carne.

Levei o prato para a cozinha.

— Obrigado, dona Zilda.

— Estava bom?

— Bom demais.

Ela riu.

Fui para o quarto.

Antes de entrar, ainda olhei para a estrada.

Em algum lugar, não tão distante dali, estava a Fazenda da Barra.

Estavam meus pais.

Estava Letícia.

Mas, pela primeira vez desde que comecei aquela viagem, consegui pensar em alguma coisa além dela.

Amanhã eu teria trabalho.

E aquele trabalho poderia ser o primeiro que não receberia por ser filho de empregado, protegido de patrão ou boiadeiro de fazenda.

Seria meu.

Deitei.

E as últimas palavras de Mendes voltaram à minha cabeça:
“Você disse que a terra conversa com você.”

Sorri no escuro.

— Então amanhã nós vamos conversar.

Mas dormir foi outra história.

No outro dia, quando o dia ainda nem tinha decidido se começava, eu já estava na frente da pensão.

Na verdade, quase não dormi.

Passei boa parte do fim da madrugada sentado do lado de fora, com meu companheiro de viagem no colo.

O cachorro que eu havia reencontrado nas proximidades da rodoviária parecia ter esquecido completamente que um dia fora um andarilho das ruas de São Paulo.

Na pensão de dona Zilda, ele já se sentia proprietário.

Entrava.

Saía.

Conhecia a cozinha.

Sabia onde ficavam as sobras.

E havia conquistado dona Zilda de uma maneira que eu jamais conseguiria.

Ela até lhe dera um nome.

Linguiça.

Quando ouvi pela primeira vez, reclamei:

— Linguiça? Dona Zilda, isso não é nome de cachorro.

Ela olhou para o bichinho, comprido, com aquelas pernas curtas, e respondeu:

— Olha bem para ele, Guilherme. Se isso aí não é um Linguiça, eu não sei mais o que é.

— Coitado. Ele merece um nome de respeito.

— Então dê um.

Abri a boca.

Pensei.

Não saiu nada.

Dona Zilda cruzou os braços.

— Estou esperando.

— Preciso pensar.

— Pois enquanto você pensa, ele é Linguiça.

Ela se abaixou.

— Linguiça!

O traidor veio correndo.

Dona Zilda abriu um sorriso de vitória.

— Está vendo?

— A senhora acostumou ele.

— Acostumei nada. Ele gostou.

Olhei para o cachorro.

— Você não tem dignidade nenhuma.

Linguiça abanou o rabo.

— Está vendo? — ela disse. — Até concordou.

Balancei a cabeça.

— Pronto. Perdi meu cachorro.

— Não perdeu. Agora só sabemos o nome dele.

E foi assim.

Sem votação, sem minha autorização e, aparentemente, com a aprovação do principal interessado, meu companheiro de estrada passou a se chamar Linguiça.

Naquela madrugada, ele estava esparramado no meu colo quando ouvi a porta da pensão abrir.

Dona Zilda apareceu.

Ainda estava escuro.

Ela deu dois passos.

Olhou para mim.

Levou a mão ao peito.

— Meu Deus do céu!

Quase derrubou o que carregava.

— O que foi?

— O que você está fazendo aí, criatura?

— Sentado.

— Eu estou vendo que está sentado! Quase me matou de susto!

Tentei segurar o riso.

— Desculpa.

Ela olhou para minhas coisas.

Depois para o cachorro.

Depois novamente para mim.

— Não me diga que está indo embora.

Percebi preocupação verdadeira na voz dela.

— Não, dona Zilda.

Ela respirou aliviada.

— Então por que está acordado a essa hora?

— Estou esperando o pessoal do seu Mendes.

— Agora?

— Ele disse cedo.

— E você resolveu esperar desde ontem?

— Não consegui dormir direito.

Ela balançou a cabeça.

— Por quê?

Olhei para a estrada.

— Hoje ele vai fazer uma experiência comigo.

— Experiência?

— Vai me levar para conhecer umas terras. Quer saber se sou tão bom quanto falei.

— E é?

— Hoje a gente descobre.

Ela abriu a porta.

— Entre antes que pegue uma friagem e descubra que é bom mesmo é em ficar doente.

Levantei.

Linguiça pulou do meu colo e entrou antes de nós dois.

— Olha isso — reclamei.

— Ele mora aqui agora.

— Mora nada.

— Você vai embora. Ele pode ficar.

— Nem pense.

— Pergunta para ele.

— Não vou disputar meu cachorro com a senhora.

Ela riu.

Entramos.

Enquanto dona Zilda preparava o café, fiquei por perto.

O cheiro começou a tomar o salão.

Café fresco.

Pão.

Alguma coisa assando na cozinha.

Olhei para aquela mulher trabalhando.

— Dona Zilda.

— Hum?

— Queria agradecer novamente.

Ela continuou mexendo nas coisas.

— Pelo quê?

— Tudo.

— Tudo o quê?

— A senhora sabe.

Ela parou.

Olhou para mim.

— Meu filho, vou confessar uma coisa.

— Pode falar.

— Quando você chegou aqui com aquela aparência de andarilho...

Olhei para minha roupa.

— Eu estava tão ruim assim?

— Pior.

— Obrigado.

— E ainda apareceu acompanhado desse cachorro comprido...

Linguiça levantou a cabeça.

— ...confesso que tive minhas dúvidas.

— Sobre mim?

— Sobre vocês dois.

— Achou que eu fosse ladrão?

— Pensei em algumas possibilidades.

— E nenhuma boa?

— Nenhuma.

Ri.

Ela voltou a preparar o café.

— Mas não precisa agradecer.

— Preciso, sim.

— Não precisa.

— A senhora me recebeu.

— E você tem sido muito útil aqui.

Ela apontou para as mesas.

— Serve comida, limpa prato, carrega coisa, conserta o que encontra quebrado...

— A senhora está se aproveitando de mim.

Dona Zilda virou-se imediatamente.

— Guilherme!

Comecei a rir.

— Estou brincando.

— Pois não brinque com uma velha.

— A senhora não é velha.

— Agora está querendo café de graça.

— Já era de graça.

Ela tentou segurar o sorriso.

Depois ficou séria.

— Não estou me aproveitando de você.

— Eu sei.

Ela abaixou um pouco a voz.

— É que...

Parou.

— O quê?

— Depois que meu marido morreu, muita coisa ficou silenciosa demais por aqui.

Não respondi.

Ela continuou trabalhando enquanto falava.

— Tenho meus colaboradores. Tenho meus amigos. Conheço praticamente todo mundo que entra por aquela porta. Gente que sabe quem eu fui, quem era meu marido, o que aconteceu com nossa propriedade...

Colocou as xícaras sobre o balcão.

— Às vezes faz bem conversar com alguém que não conhece nosso passado.

Aquilo me atingiu.

— Engraçado.

— O quê?

— Eu precisava exatamente da mesma coisa.

Ela me olhou.

Por alguns segundos, nenhum de nós falou.

Depois dona Zilda sorriu.

— Então talvez tenha sido por isso que você parou aqui.

— Talvez.

— Tem sido muito bom ter você nesta casa, Guilherme.

Engoli seco.

— Para mim também.

— E quando for embora...

— Ainda nem fui.

— Mas vai.

Ela sabia.

Eu também.

— Quando for, não esqueça daqui.

— Não vou esquecer.

— E venha me visitar.

— Venho.

Ela apontou uma colher para mim.

— Mas não demore muito.

— Sim, senhora.

— E traga o Linguíça.

— Ah, isso é o que a senhora quer!

Ela começou a rir.

— Descobriu.

Foi quando ouvimos movimento do lado de fora.

Homens conversando.

Passos.

A porta abriu.

Dois dos homens que acompanhavam Mendes entraram no salão.

— Bom dia, dona Zilda.

— Bom dia. Sentem que o café está saindo.

Outros chegaram logo depois.

Linguíça foi cheirar as botas de cada um, como se fosse funcionário da recepção.

Então Mendes apareceu.

Entrou ajeitando o chapéu e cumprimentou dona Zilda.

— Bom dia.

— Bom dia, senhor Mendes.

Ele olhou para mim.

Depois para Linguíça.

Depois novamente para mim.

— Dormiu bem, Guilherme?

— Mais ou menos.

— Ansioso?

— Um pouco.

Dona Zilda respondeu antes de mim:

— Um pouco nada. Quando acordei, esse doido já estava sentado lá fora esperando o senhor.

Mendes riu.

— Que horas?

— Nem o galo tinha resolvido trabalhar ainda.

— Dona Zilda...

— Estou mentindo?

— Não.

Mendes puxou uma cadeira.

— Então sente e tome café.

— Estou pronto.

— Não perguntei se está pronto.

Apontou para a mesa.

— Mandei tomar café.

Obedeci.

Os homens começaram a se servir.

Sentei junto deles.

Mas mal conseguia comer.

Na minha cabeça só existia uma pergunta:

Que terra Mendes queria que eu avaliasse?

Ele parecia tranquilo.

Eu não.

Peguei a xícara.

Minhas mãos estavam inquietas.

Mendes percebeu.

— Guilherme.

— Senhor?

— Terra não foge.

Alguns homens riram.

— Então coma.

Peguei um pedaço de pão.

Mendes tomou um gole de café.

— Hoje não quero que você tente me impressionar.

— Não?

— Não.

— Então o que o senhor quer?

Ele colocou a xícara sobre a mesa.

— Que olhe.

— Só isso?

— Olhe. Cheire. Cave. Pergunte. Faça o que você disse que sabe fazer.

Mendes inclinou-se ligeiramente na minha direção.

— E depois me diga o que você enxerga naquela propriedade.

Assenti.

— Certo.

Ele voltou ao café.

Para ele, parecia apenas mais uma manhã.

Para mim, não.

Eu estava prestes a fazer alguma coisa que nunca havia feito na vida:

ser avaliado não pela força dos meus braços, mas pelo conhecimento que havia dentro da minha cabeça.

E isso...

me dava muito mais medo do que qualquer boi bravo que eu já tivesse enfrentado.

Depois do café, seguimos viagem.

Foi somente naquela manhã que vi a caminhonete de seu Mendes.

Novinha.

Grande.

Tração nas quatro rodas.

Até então eu não sabia onde ele a escondia. Provavelmente nos fundos da pensão de dona Zilda.

Fiquei olhando para o carro.

Aquilo não combinava muito com a imagem que Mendes fazia questão de apresentar.

Roupas simples.

Chapéu comum.

Botas gastas.

Nada de relógio chamativo ou qualquer coisa que denunciasse dinheiro.

Talvez fosse justamente esse o segredo.

Aquela caminhonete parecia revelar uma condição financeira que seu dono preferia não anunciar.

Linguiça veio atrás de mim.

— Você fica.

Ele tentou subir.

— Fica.

Dona Zilda apareceu na porta.

— Pode deixar comigo.

Linguiça olhou para mim.

Depois para ela.

E entrou na pensão.

— Traidor.

Dona Zilda riu.

— Vá trabalhar, Guilherme.

Entrei na caminhonete.

Seguimos.

O destino era a Fazenda Riacho Preto, uma propriedade conhecida principalmente pela criação de gado de corte.

No caminho, Mendes não explicou muita coisa.

Disse apenas que havia uma área da propriedade sendo negociada.

— E o problema?

— Você vai descobrir.

— Mas...

— Não pergunte.

Olhei para ele.

— O senhor gosta disso, não é?

— Do quê?

— De deixar os outros sem saber das coisas.

— Faz o homem prestar atenção.

Desisti.

Quando chegamos à Riacho Preto, percebi que seu Mendes não era um visitante qualquer.

Fomos recebidos como gente importante.

O proprietário apareceu pessoalmente.

Filhos.

Funcionários.

Gerente.

Gente apertando mão.

Café.

Conversa.

E eu ali no meio, tentando entender por que um homem que dizia não saber se poderia pagar pelos meus serviços era tratado daquela maneira.

Mendes me apresentou apenas:

— Esse é Guilherme. Está trabalhando comigo.

Só isso.

Mas aquelas palavras mexeram comigo.

Trabalhando comigo.

Talvez fosse a primeira vez que alguém me apresentava sem mencionar meu pai, a Fazenda da Barra ou para quem eu trabalhava anteriormente.

Eu era Guilherme.

E estava trabalhando com Mendes.

Passamos praticamente o dia inteiro conhecendo a fazenda.

O proprietário fazia questão de mostrar tudo.

Currais.

Instalações.

Gado.

Depósitos.

Pastagens.

Bebedouros.

Animais prontos para corte.

Outros ainda em crescimento.

Mendes perguntava muito.

Eu falava pouco.

Observava.

Algumas vezes ele me olhava, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

Eu não dizia.

Se aquilo era uma prova, eu não sabia exatamente qual era a pergunta.

Almoçamos na fazenda.

Comida farta.

Carne.

Arroz.

Feijão.

Verdura.

Farofa.

Conversa de negócio.

Em nenhum momento Mendes perguntou minha opinião.

Comecei a pensar que talvez aquela tal experiência tivesse sido conversa para me tirar da pensão.

Foi somente no fim da tarde que ele falou:

— Vamos conhecer a área.

Finalmente.

Montamos.

Éramos muitos.

Não sei exatamente quantos, mas devia haver uns doze cavalos seguindo em direção àquela parte mais distante da propriedade.

Mendes e o dono do Riacho Preto iam à frente.

Eu seguia alguns metros atrás.

Quando chegamos, entendi o problema.

Era uma área extensa, plana em boa parte, cortada nas proximidades por um curso d'água que mantinha alguns trechos mais úmidos.

O capim estava ruim.

Falhado.

Em alguns lugares, parecia simplesmente não querer voltar.

Segundo o proprietário, já haviam tentado recuperar os piquetes, mas a pastagem demorava demais para rebrotar.

Aquilo atrapalhava o rodízio do gado.

Sem pasto recuperado no tempo correto, era necessário manter os animais por mais tempo em outras áreas, sobrecarregando o restante da fazenda.

Por isso queriam se desfazer daquele pedaço.

Descemos dos cavalos.

Mendes começou a conversar com o proprietário.

Alguns homens cavaram.

Pegaram terra.

Falavam de chuva.
Capim.
Produção.
Adubo.
Eu me afastei.
Não muito.
Comecei a andar.
Chutei o solo.
Abaixei.
Peguei uma moita.
Arranquei com raiz.
Sacudi.
Olhei.
Cheirei.
Andei mais.
Fiz novamente.
Em alguns lugares, enfiei os dedos na terra.
Em outros, usei um pedaço de madeira para abrir alguns centímetros.
Olhei a vegetação próxima ao curso d'água.
Voltei para a parte mais alta.
Comparei.
Arranquei outra moita.
A raiz veio cheia de barro úmido.
Aproximei do rosto.
Cheirei.
Esfarelei um pouco entre os dedos.

E fiz uma coisa que aparentemente chamou a atenção de Mendes.

Coloquei um pequeno torrão na boca.

Não engoli.

Só senti.

Cuspi.

— Esse rapaz come terra? — ouvi alguém perguntar.

Não respondi.

Continuei andando.

O sol já estava querendo se esconder quando Mendes avisou:

— Vamos.

Só isso.

Vamos.

Eu quase perguntei:

“E a experiência?”

Mas fiquei quieto.

Voltamos aos cavalos.

Antes de partirmos, Mendes agradeceu ao proprietário pela recepção.

— Conversamos depois.

Os dois seguiram um pouco à frente.

Pediram que ficássemos para trás.

Conversaram sozinhos durante alguns minutos.

Não consegui ouvir nada.

Quando voltaram, apertaram as mãos.

Seguimos para a sede.

Já era noite quando entramos na caminhonete.

Mendes assumiu o volante.

Eu esperei.

Nada.

Pegamos estrada.

Nada.

Olhei algumas vezes para ele.

Nada.

Parecia ter esquecido completamente que me levara até lá para uma experiência.

Chegamos à pensão de dona Zilda.

Linguíça foi o primeiro a nos receber.

O bicho pulou em mim como se eu tivesse ficado fora um mês.

— Sai.

Lambeu minha mão.

— Você me abandonou de manhã.

Abanou o rabo.

— Agora quer amizade.

Entramos.

Dona Zilda serviu o jantar.

Dessa vez sentei com Mendes e seus homens.

Era estranho.

No dia anterior eu retirava os pratos daquela mesa.

Agora estava sentado nela.

Tentei comer.

Não consegui direito.

Queria saber se tinha passado na prova.

Ou se havia prova.

Mendes comeu menos ainda.

Deixou o prato quase cheio.

Levantou-se.

— Vou tomar um ar.

Saiu.

Continuei olhando para meu prato.

Alguns minutos depois, ouvi:

— Guilherme.

Levantei imediatamente.

— Senhor?

— Venha aqui.

Fui.

Do lado de fora, Mendes acendeu um picão de palha.

A fumaça parecia ajudar a afastar os pernilongos e borrachudos.

Ele tragou.

— Quer?

— Obrigado.

Peguei meu próprio palheiro.

Acendi.

Ficamos ali.

Dois homens fumando no escuro.

Durante algum tempo, Mendes não falou de terra.

Perguntou:

— O que achou do gado?

— Bom.

— Só?

— O senhor quer que eu fale?

— Estou perguntando.

Comecei.

Falei dos animais.

Dos lotes.

Do estado corporal.

Do manejo que percebera.

Comentei algumas coisas que me agradaram e outras que eu faria diferente.

Ele escutou.

Depois perguntou sobre os currais.

Respondi.

Perguntou sobre a água.

Respondi.

Sobre a divisão dos animais.

Respondi.

Sobre alimentação.

Respondi.

Parecia uma sabatina.

E nada da terra.

Comecei a achar que ele não perguntaria.

Até que Mendes deu mais uma tragada e falou:

— E aquele maço de capim?

— Qual?

— Não se faça de besta.

Fiquei quieto.

— Aquele que você arrancou lá no fim da área ruim. As raízes estavam cheias de barro.

— Ah.

— Você colocou aquilo na boca.

— Coloquei.

Ele riu.

— De longe, juro que pensei que tivesse até uma minhoca no meio.

Sorri.

— Não tinha.

— Ainda bem.

Silêncio.

Então veio a pergunta:

— O que você viu?

Olhei para ele.

— Nada.

O rosto de Mendes mudou.

— Como assim, nada?

— Não vi nada.

— Guilherme, eu levei você até lá para avaliar aquela terra!

— Eu sei.

— Você passou quase uma hora chutando chão, arrancando capim, cheirando barro, colocando terra na boca e agora me diz que não viu nada?

— Não vi.

Ele ficou irritado.

— Então o que diabos você estava fazendo?

Traguei meu palheiro.

— Sentindo.

Mendes parou.

— O quê?

— Eu não vi, seu Mendes.

Olhei para a escuridão.

— Eu senti.

Ele ficou em silêncio.

— Sentiu o quê?

— A terra.

— Explique.

— Fiz aquilo minha adolescência inteira na Fazenda da Barra.

A irritação dele desapareceu.

— Continue.

— Aquela terra não está morta.

— Como sabe?

— Porque não está.

— Isso não é resposta.

— Então deixe eu explicar.

Abaixei.

Peguei um pouco da terra ao lado da estrada.

— Terra fala de um monte de jeito.

Esfarelei entre os dedos.

— Cor. Cheiro. Umidade. O jeito que gruda. O jeito que solta. O que cresce nela. O tamanho da raiz. Até os bichinhos que vivem debaixo dela contam alguma coisa.

— E aquela?

— Aquela está viva.

— Muito?

Olhei para Mendes.

— Se quer minha opinião, aquele é um dos pedaços de terra mais saudáveis que vi naquela fazenda.

Ele tirou o picão da boca.

— O pasto não cresce.

— O pasto.

— Exatamente.

— O problema pode estar justamente aí.

— Onde?

— No pasto.

Mendes franziu a testa.

— Estão culpando a terra porque o capim não responde como querem. Eu faria o contrário.

— Como?

— Perguntaria se colocaram naquela terra o capim que ela quer. Ele ficou quieto.

Continuei:

— Tem água perto. Tem umidade. A várzea é boa. As raízes que arranquei não estavam me dizendo que faltava vida. Pelo contrário.

— E o que você faria?

— Primeiro descobriria exatamente o que querem produzir ali. Depois escolheria a pastagem certa para aquele solo e para aquela quantidade de água. Dividiria os piquetes direito. Não deixaria o gado acabar com tudo antes de mudar de área. E faria teste com outras culturas também.

— Quais?

Pensei.

— Café, dependendo das partes mais altas e da drenagem. Outras culturas também. Precisaria estudar melhor.

— Então você compraria?

— Eu?

— Você.

Olhei para ele.

— Se tivesse dinheiro?

— Se tivesse.

— Compraria.

— Mesmo com todo mundo dizendo que é a pior parte da propriedade?

— Principalmente se o preço estiver sendo calculado como se fosse a pior.

Mendes sorriu.

— Agora estamos conversando.

Deu outra tragada.

— Quanto vale?

— Não sei o preço daqui.

— Use a Fazenda da Barra.

Pensei.

— A melhor terra da Fazenda da Barra?

— Sim.

Fiz algumas contas de cabeça.

— Se aquela terra estiver sendo vendida barato por causa desse problema de pastagem, eu pagaria nela o equivalente ao preço da boa terra da Barra.

Parei.

— Talvez até mais.

— Quanto mais?

— Uns quarenta por cento.

Mendes quase engasgou.

— Quarenta?

— Se tudo que percebi estiver certo.

— Você pagaria quarenta por cento acima da melhor terra da Fazenda da Barra por uma área que o proprietário está querendo se desfazer porque considera improdutiva?

— Pagaria.

Ele me encarou.

— Por quê?

— Porque ele está vendendo capim ruim.

Apontei na direção em que imaginava estar a fazenda.

— Eu estaria comprando terra boa.

Mendes não disse nada.

Foi a primeira vez que vi aquele homem verdadeiramente surpreso.

Depois sorriu.

— Vá jantar.

— Só isso?

— Só.

— Passei?

— Eu disse que era prova?

— Disse experiência.

— Então experimente esperar.

E entrou.

Fiquei sozinho.

— Homem desgraçado...

Ouvi a voz dele lá de dentro:

— Escutei!

— Eu falei “homem engraçado”!

As gargalhadas vieram da mesa.

Sorri.

Talvez tivesse passado.

Talvez não.

Nos dias seguintes, Mendes voltou à Riacho Preto.

Depois voltou novamente.

E outra vez.

Eu fui em algumas.

Em outras, não.

Ele nunca mais me perguntou se aquela terra era boa.

Em vez disso, começou a me ensinar.

Produtos.

Preços.

Clientes.

Pedidos.

Prazos.

Margens.

Comissão.

Frete.

Negociação.

Aprendi que vender não era convencer alguém a comprar qualquer coisa.

Era entender o problema antes de oferecer a solução.

E Mendes cumpriu o que prometera.

Eu não tinha salário.

Tinha participação.

Quando ajudava numa venda, recebia uma parte.

No começo, pouco.

Depois mais.

E comecei a guardar.

Aprendi também a ler catálogo.

Depois a ajudar a montar um.

Conheci produtos que nunca tinha visto.

Viajei.

Visitei propriedades.

Ouvi fazendeiros.

Fui percebendo que muita gente com dinheiro sabia menos sobre o próprio gado do que alguns peões que nunca haviam sentado numa escola.

Mendes me obrigava a observar antes de falar.

— Primeiro descubra o problema.

— Depois?

— Depois descubra se você tem a solução.

— E se não tiver?

— Diga que não tem.

— E perde a venda?

— Às vezes.

— Isso é ruim.

— Perder cliente é pior.

Guardei.

O tempo começou a correr.

Meses.

Depois um ano.

Voltei muitas vezes à Riacho Preto.

E vi coisas mudarem.

Alguns produtos que representávamos passaram a ser utilizados ali.

Eu já recebia participação nessas vendas.

O proprietário confiava cada vez mais em Mendes.

E, aos poucos, em mim.

Aquela área considerada ruim continuava praticamente abandonada.

Mendes parecia não ter pressa.

Até que, depois de muito tempo, fez uma proposta.

Não pela fazenda inteira.

Pela grande área que os proprietários haviam separado para venda.

Era terra suficiente para um projeto enorme.

Quando ouvi os números pela primeira vez, assustei.

Depois de estruturada, com recuperação das pastagens, divisão adequada dos piquetes, água, suplementação e manejo intensivo, Mendes acreditava que aquela propriedade poderia sustentar, ao longo do desenvolvimento do projeto, um rebanho próximo de quinze mil cabeças.

Quinze mil.

Eu nunca tinha imaginado administrar uma coisa daquele tamanho.

O negócio não foi fechado imediatamente.

Demorou.

Negociação.

Documento.

Medição.

Conversa.

Preço.

Mais conversa.

Enquanto isso, trabalhávamos.

Já estávamos próximos de completar dois anos juntos quando finalmente saiu o acordo.

Eu sabia que Mendes havia comprado a terra.

O que eu não sabia...

era como.

Descobri algum tempo depois.

E da pior maneira possível.

Ou da melhor.

Depende de como se olha.

Estávamos analisando a compra de um grande lote de gado da própria Riacho Preto.

Animais mais fracos.

Alguns abaixo do padrão dos melhores lotes da fazenda.

Para muita gente, problema.

Para nós, oportunidade.

Mendes perguntou:

— Quantos?

— Quantos o quê?

— Quantos você compraria?

Observei.

Fizemos contas.

Pasto.

Água.

Recuperação.

Suplementação.

Tempo.

— Dois mil e quinhentos.

Ele virou o rosto.

— Tem certeza?

— Tenho.

— É muito gado.

— Para a terra que temos, é começo.

Ele sorriu.

— A terra que temos?

— Sua.

Mendes ficou quieto.

— Nossa.

Achei que tivesse escutado errado.

— Como?

— Nossa terra.

— Sua terra.

— Nossa.

— Seu Mendes...

Ele tirou uma pasta de dentro da caminhonete.

Jogou no meu colo.

— Leia.

Abri.

Papel.

Muito papel.

Eu já lia bem melhor naquela altura.

Contratos tinham se tornado parte da minha vida.

Procurei os nomes.

Encontrei o dele.

Continuei.

Então encontrei o meu.

Guilherme.

Li novamente.

— O que é isso?

— Documento.

— Eu sei que é documento!

— Então por que perguntou?

— Por que meu nome está aqui?

— Porque você é proprietário.

Comecei a rir.

— Não.

— Sim.

— Eu não comprei terra nenhuma.

— Comprou.

— Com que dinheiro?

Mendes ficou olhando para mim.

— Está vendo?

— O quê?

— Dois anos.

— Dois anos o quê?

— Dois anos trabalhando comigo e você ainda não aprendeu.

— Aprendi o quê?

Ele se aproximou.

— A não confundir dinheiro com valor.

Fiquei quieto.

Aquela frase.

A mesma.

— Eu não tenho dinheiro para comprar metade disso.

— Quem disse que você pagou em dinheiro?

— Então foi presente?

Mendes fechou a cara.

— Não me ofenda.

— Mas...

— Eu não dou uma propriedade desse tamanho de presente para ninguém.

Pegou os documentos da minha mão.

— Sua participação nos negócios desses últimos dois anos, parte das comissões que reinvestimos, o trabalho de prospecção, avaliação, acompanhamento, as negociações em que você entrou comigo... tudo foi contabilizado.

— Mas não chega nisso.

— A preço cheio, não.

Sorriu.

— Mas nós não compramos a preço cheio.

Meu coração acelerou.

— Quanto pagamos?

— O suficiente.

— Seu Mendes!

Ele riu.

— Você vai aprender outra coisa: nem todo número precisa ser gritado no meio da estrada.

Olhei novamente para o documento.

— Quanto é meu?

Ele respondeu:

— Metade.

Parei.

— Metade?

— Sociedade.

— Cinquenta por cento?

— Você sabe fazer conta.

Não consegui falar.

Mendes continuou:

— Eu entrei com capital, relacionamento, estrutura comercial e parte maior dos recursos. Você entrou com participação acumulada, trabalho, conhecimento e aquilo que fez esse negócio existir.

— O quê?

Ele apontou para a terra.

— Você enxergou valor onde o proprietário enxergava problema.

Fiquei olhando.

— Mas foi o senhor que negociou.

— E foi você quem me disse para comprar.

— Eu disse que compraria se tivesse dinheiro.

— Eu tinha.

Começou a rir.

— Então resolvi a parte que faltava.

Não sabia se ria ou chorava.

— Seu Mendes...

— Não agradeça.

— Como não?

— Porque não é presente.

Apontou para mim.

— Se essa terra der prejuízo, metade é seu também.

Aquilo me trouxe de volta à realidade.

— Ah.

— Gostou menos agora?

Comecei a rir.

— Um pouco.

Ele bateu no meu ombro.

— Bem-vindo ao mundo dos negócios.

Olhei para aquela imensidão.

Metade.

Não fazia sentido.

Filho de empregado.

Peão.

Boiadeiro.

João Porteira.

Agora proprietário.

E não de qualquer pedaço.

De uma terra que, se nosso plano desse certo, poderia um dia receber milhares de animais.

— E o gado?

Mendes perguntou.

Olhei para o lote.

— Dois mil e quinhentos.

— Continua achando?

— Agora mais ainda.

A negociação foi longa.

E inteligente.

Parte significativa do valor dos animais acabou compensada com produtos, serviços, comissões e negócios que havíamos realizado com a Riacho Preto durante aqueles anos.

O restante foi organizado em condições que Mendes parecia ter nascido sabendo negociar.

Compramos.

Duas mil e quinhentas cabeças.

Não eram os melhores animais daquela fazenda.
Eram justamente os que muitos consideravam fracos.
Eu os olhava diferente.
Talvez porque me identificasse.
Também já tinham olhado para mim e enxergado pouco.
Talvez aqueles animais só precisassem daquilo que eu também precisiei.
Uma oportunidade.
Dois anos haviam se passado desde o dia em que sentei à mesa de Mendes pela primeira vez.
Para quem me visse agora, talvez parecesse que eu havia esquecido Letícia.
Eu trabalhava.
Viajava.
Negociava.
Estudava os produtos.
Acompanhava gado.
Conhecia propriedades.
Falava com homens que, poucos anos antes, eu teria chamado de “senhor” sem sequer levantar os olhos.
E quase não pronunciava o nome dela.
Mas esquecer é uma coisa.
Aprender a continuar vivendo enquanto se espera é outra.
Todas as noites, em algum momento, ela voltava.
Às vezes no cheiro da terra.
Às vezes no relincho de um cavalo.
Às vezes numa menina rindo ao longe.

Às vezes quando eu via alguém estudando alguma coisa e lembrava daquela garota sentada debaixo da gameleira tentando ensinar um boiadeiro teimoso a escrever direito.

Eu não havia esquecido Letícia.

Muito pelo contrário.

Agora existia um problema ainda maior.

Eu tinha saído da Fazenda da Barra para encontrá-la.

Atravessei São Paulo por ela.

Encontrei sua faculdade.

Encontrei suas amigas.

Li sua carta.

Descobri que ela me amava.

Cheguei a pouco mais de cem quilômetros de casa.

E então...

parei.

Primeiro por alguns dias.

Depois semanas.

Meses.

Um ano.

Dois.

Às vezes eu mesmo não entendia.

Talvez fosse medo.

Não de seu Bertollo.

Nem dos irmãos dela.

Muito menos dos capangas da fazenda.

Era outro medo.

Eu havia passado a juventude inteira querendo ser bom o bastante para merecer Letícia.

Agora, pela primeira vez, estava descobrindo que talvez precisasse ser bom o bastante para mim mesmo.

E quanto mais minha vida crescia, mais uma pergunta me perseguia:

Por que eu ainda não voltei?

Numa tarde, enquanto observávamos as primeiras cabeças daquele grande lote entrarem na nossa propriedade, Mendes parou ao meu lado.

Ficamos assistindo.

Gado entrando.

Poeira subindo.

Homens gritando.

Cavalos trabalhando.

Meu coração parecia estar novamente na Fazenda da Barra.

Mendes falou:

— Bonito, não é?

— Demais.

— Dois mil e quinhentos.

— É só o começo.

Ele sorriu.

— Quinze mil?

— Um dia.

— Você é ambicioso.

— Apreendi com o senhor.

— Não coloque a culpa em mim.

Rimos.

Ficamos em silêncio.

Então Mendes perguntou:

— Guilherme.

— Senhor?

— Agora que você tem terra...

Olhei para ele.

— ...gado...

Continuei olhando.

— ...dinheiro entrando...

Ele fez uma pausa.

— ...e já descobriu que não é mais o João Porteira que saiu daquela fazenda...

Meu sorriso desapareceu.

Mendes terminou:

— o que ainda está esperando para buscar a moça?

Não respondi.

Porque, pela primeira vez em dois anos...

eu também queria saber.

Naquela altura, eu já tinha minha própria caminhonete.

Lembro do primeiro dia em que estacionei ao lado da de seu Mendes.

Ele olhou para uma.

Depois para a outra.

Por fim, olhou para mim.

— Está querendo competir comigo?

— A minha é para trabalhar.

— E a minha?

— Para aparecer.

Ele estreitou os olhos.

— Você está ficando abusado.

— Aprendi com o senhor.

— Pare de colocar seus defeitos na minha conta.

Rimos.

Mas a caminhonete talvez fosse a menor demonstração de quanto minha vida havia mudado.

Aquela terra que um dia fora considerada problemática começava a se transformar numa propriedade completamente diferente.

Construímos uma sede.

E não foi qualquer casa.

Seu Mendes dizia que, quando terminássemos, o antigo proprietário da Riacho Preto pediria para comprar a fazenda de volta só para poder morar nela.

Era grande.

Bonita.

Mas eu não queria luxo por luxo.

Queria uma varanda comprida.

Mesa grande.

Cozinha espaçosa.

Quartos suficientes para receber quem precisasse passar a noite.

E uma janela de onde eu pudesse enxergar a propriedade acordando pela manhã.

Porém, se houve uma construção em que realmente exagerei... foi o curral.

Pelo menos era o que seu Mendes dizia.

— Guilherme, você está construindo um curral ou uma cidade?

— Espere ficar pronto.

A estrutura foi dividida em setores.

Apartação.

Embarque.

Desembarque.

Áreas de manejo.

Corredores independentes.

Divisões que permitiam trabalhar diferentes lotes ao mesmo tempo sem transformar tudo numa confusão.

Não era um curral para colocar quinze mil cabeças de gado lá dentro ao mesmo tempo.

Seria loucura.

Ele foi projetado para servir a uma fazenda que, no futuro, tivesse capacidade para trabalhar com um rebanho próximo de quinze mil animais.

E havia uma parte daquele projeto da qual eu tinha orgulho especial.

A balança.

Balança para pesar gado já existia.

Eu não inventei aquilo.

O que fiz foi pensar num jeito diferente de colocar a pesagem dentro do próprio fluxo do manejo.

Passei anos vendo peão fazer o mesmo serviço duas vezes.

Tocava o animal.

Separava.

Voltava.

Pesava.

Tornava a separar.

Depois tocava novamente.

Eu queria que o boi entrasse por um lado e percorresse todo o processo sem precisar voltar.

Desenhei.

Apaguei.

Desenhei novamente.

Conversei com carpinteiro.

Ferreiro.

Homens que conheciam balança melhor do que eu.

E fomos modificando.

Quando ficou pronta, a estrutura parecia quase uma pequena casa construída no corredor de saída.

O animal passava.

Era pesado.

Depois seguia para a divisão correspondente.

No primeiro dia em que conseguimos fazer um lote inteiro percorrer o sistema sem aquela correria que eu conhecera durante toda a vida, fiquei parado olhando.

Seu Mendes apareceu ao meu lado.

— Satisfeito?

— Muito.

— Agora invente alguma coisa para fazer boi obedecer.

— Isso já existe.

— O quê?

— Peão bom.

Ele riu.

Mas havia outra construção naquela propriedade que significava muito mais para mim.

Uma pequena escola.

Fiz questão.

Seu Mendes não entendeu quando falei.

— Escola?

— Escola.

— Aqui?

— Aqui.

— Para quem?

— Para os filhos dos funcionários.

Ele ficou me olhando.

— E quem vai pagar professor?

— Nós.

— Nós quem?

— A empresa.

— Que empresa?

— A nossa.

Ele balançou a cabeça.

— Engraçado. Quando é para gastar dinheiro, a empresa vira nossa muito rápido.

Sorri.

— Criança nenhuma que crescer aqui vai precisar esperar a filha do patrão sentar debaixo de uma árvore para ensinar a ler direito.

O sorriso desapareceu do rosto de seu Mendes.

Ele sabia de quem eu estava falando.

Não perguntou.

Apenas assentiu.

— Faça.

E eu fiz.

Era pequena.

Simples.

Mas bonita.

Quando colocaram as primeiras carteiras naquela sala, fiquei parado na porta durante algum tempo.

Voltei muitos anos.

Vi uma gameleira.

Um caderno.

Um lápis.

E uma menina reclamando:

— Está errado, Gui.

Sorri sozinho.

Talvez Letícia nunca soubesse.

Mas aquela escola também era dela.

A fazenda ainda não tinha nome.

Nos papéis havia referências, números, divisas.

Para nós era simplesmente:

a fazenda.

Até a noite em que comemoramos a primeira venda importante de um lote terminado ali.

Foi uma noite especial.

Funcionários.

Parceiros.

Comida.

Café.

Alguma bebida.

Pela primeira vez, eu olhava para aqueles animais saindo e percebia que não estava apenas trabalhando para alguém.

Aquilo também era resultado das minhas decisões.

Seu Mendes se aproximou.

— Essa terra precisa de nome.

— Para quê?

— Fazenda sem nome é igual homem sem sobrenome.

— Eu tenho nome.
— E ela não.
— Escolha o senhor.
— Não.
— Por quê?
— Porque foi você quem enxergou primeiro.
Pensei.
Olhei para o curral.
Para a sede.
Para as luzes.
Para aquela terra que um dia fora tratada como problema.
Então uma data apareceu.
Não precisei procurar.
Ela estava dentro de mim havia anos.
— Sete de Setembro.
Mendes franziu a testa.
— Independência?
Sorri.
— Pode ser.
— Fazenda Sete de Setembro?
Balancei a cabeça.
— Fazenda 7 de Setembro.
Ele me observou durante alguns segundos.
— Tem outra história aí.
— Talvez.
Seu Mendes começou a rir.
— Não precisa contar.
Depois colocou a mão no meu ombro.

— Quem sabe um dia.

E assim ficou.

Fazenda 7 de Setembro.

Para quem passasse pela porteira, provavelmente parecia uma homenagem ao Brasil.

Para mim...

era outra coisa.

Sete de setembro havia sido o dia em que vi uma C-10 levando Letícia para longe.

O dia em que galopara pelo pasto tentando acompanhar aquela caminhonete.

O dia da cerca.

Do abraço.

Do beijo.

Da promessa.

Durante anos, aquela data significou perda.

Agora eu colocava aquele nome na entrada daquilo que havia construído.

Talvez fosse minha maneira de aprender uma coisa:

algumas dores não desaparecem.

Elas mudam de significado.

Os negócios também cresceram.

Seu Mendes já não conseguia cuidar sozinho de tudo.

Eu também não.

Contratamos vendedores.

Organizamos rotas.

Clientes.

Fornecedores.

Regiões.

Representações.

E nasceu nossa empresa:

GLM REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO LTDA.

Eu havia saído da Fazenda da Barra sabendo ordenhar vaca.

Agora precisava entender pedido, nota, comissão, prazo, estoque, cobrança, fornecedor, funcionário e contrato.

Ainda preferia boi.

Boi era mais fácil de entender.

Mas aprendi.

E foi justamente através da GLM que encontrei uma maneira de voltar à Fazenda da Barra...

sem voltar.

Precisávamos de alguém para atender aquela região.

Eu sabia que seu Mendes não deveria aparecer pessoalmente.

Havia história demais entre ele e o filho mais velho de seu Bertollo.

Então contratamos um vendedor novo.

Bom de conversa.

Educado.

Inteligente.

E, principalmente, alguém que ninguém da Fazenda da Barra conhecia.

Expliquei os produtos.

Expliquei o cliente.

Expliquei o tipo de negociação.

Só não contei toda a minha história.

Ele chegou à Fazenda da Barra como novo representante comercial.

E agradou.

Principalmente ao filho mais velho de seu Bertollo.

O mesmo homem que um dia tentara tirar Mendes do negócio continuava comprando aqueles produtos...

sem saber que negociava novamente com Mendes.

Pior.

Sem imaginar que parte daquele negócio agora também pertencia ao antigo filho do empregado.

Quando recebi o primeiro pedido assinado, fiquei olhando para o papel.

Seu Mendes percebeu meu sorriso.

— O que foi?

Entreguei.

Ele leu.

Depois começou a rir.

— Não acredito.

— Acredite.

— Ele sabe?

— Não.

— Vai saber?

— Um dia.

Mendes devolveu o papel.

— Você é perigoso.

— Apreendi com o senhor.

— Outra vez?

— Outra.

Mas havia algo mais importante do que dinheiro naquela relação comercial.

Notícias.

Nosso vendedor voltava da Fazenda da Barra trazendo informações.

Meus pais estavam vivos.

Meu pai estava mais velho.

Minha mãe também.

Meu antigo cachorro ainda vivia.

Quando soube, precisei perguntar novamente:

— Tem certeza?

— Aquele cachorro velho que fica perto do curral?

— Ele.

— Está vivo.

Virei o rosto.

Não queria que o rapaz percebesse o que aquela informação provocara em mim.

Soube também dos meus antigos companheiros.

Dos animais.

Dos negócios.

Da saúde de seu Bertollo.

Das mudanças trazidas pelo filho mais velho.

E, inevitavelmente...

soube dela.

Letícia.

Tentei voltar algumas vezes.

Peguei minha caminhonete.

Segui naquela direção.

Uma vez cheguei perto o suficiente para reconhecer caminhos antigos.

Parei.

Não consegui seguir.

Voltei.

Não era mais medo de apanhar.

Nem medo dos irmãos dela.

Nem do filho mais velho de seu Bertollo.

Era outra coisa.

Talvez eu tivesse passado tanto tempo imaginando o reencontro que comecei a ter medo daquilo que aconteceria quando ele finalmente deixasse de ser sonho.

E se ela tivesse mudado?

E se eu tivesse mudado demais?

E se todos aqueles anos tivessem transformado duas pessoas que se amavam em dois desconhecidos carregando apenas lembranças bonitas?

Então veio uma notícia que acabou com minhas desculpas.

Nosso vendedor chegou de uma das viagens.

Conversou sobre negócios.

Pedidos.

Animais.

Até comentar quase sem importância:

— A doutora Letícia está sendo cortejada.

Meu corpo endureceu.

Fingi desinteresse.

— Por quem?

Ele sorriu.

— Para quem não se importa, o senhor perguntou rápido.

— Responda.

Era um rapaz de família de fazendeiros do Tocantins.

Também havia estudado em São Paulo durante parte do período em que Letícia esteve lá.

Por questões profissionais, permanecera no estado em vez de retornar definitivamente às terras da família.

Não parecia mau sujeito.

Esse era justamente o problema.

Se fosse um idiota, seria fácil odiá-lo.

Segundo as informações, era educado.

Trabalhador.

Respeitava Letícia.

E, depois de tantos anos...

ela começava a permitir que ele se aproximasse.

Não havia namoro.

Muito menos compromisso.

Mas havia conversa.

Presença.

Possibilidade.

Naquela noite não dormi.

E outra informação piorou tudo.

Boatos sobre mim haviam chegado à Fazenda da Barra.

Uns diziam que eu morreria.

Outros que ainda vivia numa favela de São Paulo.

Essa parte...

bom...

não estava tão distante da verdade que eu havia vivido.

Mas havia outro boato.

Guilherme tinha se casado.

Quando soube, fiquei furioso.

— Casado com quem?

Nosso vendedor deu de ombros.

— Ninguém sabe.

— Então como inventaram uma coisa dessas?

— Assim é boato.

Fiquei imaginando Letícia ouvindo aquela história.

Depois de esperar.

Depois de escrever aquela carta.

Depois de me amar durante aqueles anos.

Talvez ela estivesse finalmente começando a acreditar que eu não voltaria.

E talvez estivesse tentando continuar a vida.

Foi quando tomei a decisão.

Eu não apareceria escondido na Fazenda da Barra.

Não mandaria bilhete.

Não ficaria rondando cerca.

Também não iria até a porteira pedir licença para falar com a filha de ninguém.

Passei anos procurando Letícia.

Agora faria diferente.

Se eu ainda não tinha coragem de ir até ela... faria Letícia vir até mim.

A oportunidade apareceu através de algo que eu conhecia desde menino.

Leite.

A Fazenda da Barra continuava produzindo.

E parte daquela atividade estava sendo acompanhada justamente por Letícia, agora como médica-veterinária.

Pedi todos os números.

Produção.

Qualidade.

Preço.

Distribuição.

Transporte.

Rotas.

Tudo.

Depois chamei nosso representante.

— Quero comprar.

— Quanto?

— O fornecimento de um ano.

Ele arregalou os olhos.

— Um ano?

— Um ano.

— Para quê?

— Negócio.

— Nós precisamos de tudo isso?

— Vamos precisar.

Ele ficou desconfiado.

— Tem alguma coisa que eu não estou sabendo?

Sorri.

— Muitas.

Preparamos uma proposta séria.

Preço bom.

Pagamento seguro.

Quantidade definida.

Prazos.

Qualidade.

Transporte.

Mas acrescentei uma condição.

A primeira entrega deveria ser acompanhada pessoalmente pela responsável técnica indicada no contrato.

Doutora Letícia Bertollo.

Destino da primeira entrega:

FAZENDA 7 DE SETEMBRO.

Quando nosso representante levou a proposta, disseram que Letícia leu tudo cuidadosamente.

Valores.

Prazos.

Quantidade.

Condições.

Chegou à cláusula da primeira entrega.

Parou.

Leu novamente.

FAZENDA 7 DE SETEMBRO.

O vendedor contou depois que ela empalideceu.

— Está tudo bem, doutora?

Letícia não respondeu.

Leu outra vez.

7 DE SETEMBRO.

A data da partida.

A C-10.

A corrida pelo pasto.

A cerca.

O beijo.

A promessa.

Ela perguntou:

— Quem é o proprietário dessa fazenda?

Nosso representante já sabia exatamente o que responder.

— O contrato está sendo realizado pela GLM Representações e Comércio.

— Eu perguntei quem são os proprietários.

— São dois sócios.

— Quais?

Ele sorriu.

— A senhora conhecerá quando acompanhar a primeira entrega.

Letícia fechou o contrato.

Ficou alguns segundos em silêncio.

Depois perguntou:

— Onde fica?

O representante explicou.

Ela tornou a olhar para o nome.

Fazenda 7 de Setembro.

Nunca havia ouvido falar daquele lugar.

Não conhecia aquela propriedade.

Mas conhecia aquela data.

Conhecia bem demais.

Quando nosso vendedor voltou e colocou o contrato assinado sobre minha mesa, minhas mãos começaram a tremer.

Olhei para a assinatura.

Letícia Bertollo.

Passei o dedo sobre o nome.

Depois de tantos anos...

eu finalmente tinha marcado um encontro com ela.

Não numa cerca.

Não numa estrada.

Não escondido atrás da casa grande.

Não como filho do empregado.

Dessa vez Letícia atravessaria a porteira de uma propriedade que carregava a data da nossa despedida.

E encontraria do outro lado dela um homem que jamais poderia imaginar.

O garoto que ordenhava as holandesas.

O rapaz que fazia cara feia.

O João Porteira.

O boiadeiro que atravessara São Paulo procurando por ela.

Ainda era eu.

Só que agora havia outra coisa escrita na porteira:

FAZENDA 7 DE SETEMBRO.

E havia apenas um detalhe.

Letícia ainda não sabia quem estaria esperando por ela.

Embora a vida tivesse seguido, o grande dia chegou.

A primeira carga saiu da Fazenda da Barra ainda de madrugada.

Letícia praticamente não dormira naquela noite.

Não queria admitir nem para si mesma, mas aquele nome continuava incomodando sua cabeça.

Fazenda 7 de Setembro.

Por quê?

Coincidência?

Homenagem à Independência?

Provavelmente.

Mesmo assim, desde que assinara aquele contrato, alguma coisa dentro dela parecia inquieta.

A Fazenda da Barra possuía uma estrutura própria para resfriamento e armazenamento do leite. A produção era recolhida, conservada em baixa temperatura e depois transportada em caminhões apropriados até os compradores.

Durante muitos anos, a fazenda construía uma enorme carteira de clientes.

Agora, pela primeira vez, uma parte muito grande daquela produção estava comprometida com um único contrato.

Um ano inteiro.

E por um preço excelente.

Letícia não tinha do que reclamar.

O comprador havia pago aquilo que pediram.

Na verdade, um pouco mais.

O que ela não sabia era que, do outro lado do negócio, tudo havia sido calculado.

Eu não estava comprando leite por impulso.

Parte da produção seria destinada aos nossos próprios negócios.

Uma quantidade poderia ser utilizada na alimentação dos bezerros, e alguns subprodutos resultantes do processamento também poderiam ser aproveitados na criação.

Outra parte seria transformada em produtos.

Mas a maior jogada estava na distribuição.

Durante aqueles anos, nossa empresa havia conquistado clientes, aprendido rotas e entendido o mercado regional.

E eu conhecia uma coisa que talvez os Bertollo não tivessem percebido.

Se a maior produtora da região compromettesse grande parte de sua produção com um único comprador, os antigos clientes continuariam precisando de leite.

A diferença era que agora...

teriam que comprar de alguém.

E esse alguém poderia ser eu.

Não precisávamos explorar ninguém.

Bastava controlar bem a distribuição.

Em determinados momentos, a escassez provocada pela mudança do fornecimento permitia margens muito superiores àquelas com que a Fazenda da Barra trabalhava.

Seu Mendes, quando percebeu o tamanho da operação, ficou olhando para mim.

— Você comprou o leite deles para vender para os clientes deles?

— Também.

— Pelo preço que eles pediram?

— Um pouco mais.

Ele coçou o queixo.

— E vai ganhar dinheiro?

— Muito.

Mendes começou a rir.

— Guilherme...

— O quê?

— Estou começando a ter medo de você.

Sorri.

— Aprendi com o senhor.

— Dessa vez não. Essa maldade é sua.

— Não é maldade.

— Não?

— É comércio.

Ele riu ainda mais.

— Piorou.

Letícia saiu ainda de madrugada.

Mas quando chegou à Fazenda 7 de Setembro, por volta das nove e meia da manhã, o dia já estava completamente claro.

Ela estava cansada.

Sonolenta.

E curiosa.

Muito curiosa.

Quando o caminhão atravessou a porteira, Letícia olhou novamente para a placa.

FAZENDA 7 DE SETEMBRO

Ficou alguns segundos encarando aquelas palavras.

Depois entrou.

A propriedade a surpreendeu imediatamente.

Não parecia uma fazenda recém-estruturada.

Tudo havia sido pensado.

Estradas internas.

Pastagens divididas.

Água.

Cercas.

Instalações.

Movimento de funcionários.

Gado.

Muito gado.

Na sede, quem a recebeu foi seu Mendes.

Letícia já o vira algumas vezes na Fazenda da Barra, mas nunca tivera convivência suficiente para guardar perfeitamente seu rosto.

Os negócios de Mendes normalmente eram tratados no escritório do irmão mais velho.

Ele, por outro lado, também conhecia Letícia mais pelo nome do que pela convivência.

— Doutora Letícia?

— Sim.

— Seja muito bem-vinda à Fazenda 7 de Setembro.

Apertaram as mãos.

— Obrigada.

— A viagem foi boa?

— Longa.

— Então chegou na hora certa.

— Para quê?

— Café.

Ela sorriu.

E café talvez fosse uma palavra pequena demais.

A mesa estava farta.

Pães.

Bolos.

Queijos.

Frutas.

Leite.

Café.

Flores no centro da mesa.

Letícia foi apresentada à esposa de seu Mendes e aos filhos, Helieni e Helber, gêmeos.

A conversa foi agradável.

Por alguns momentos, ela quase esqueceu a estranheza que sentira desde que lera aquele nome no contrato.

Depois do café, acompanhou os procedimentos relacionados à entrega.

Tudo correto.

Tudo organizado.

Passaram-se algumas horas.

Já perto do horário do almoço, Letícia comentou:

— Seu Mendes, eu preciso voltar.

— Claro.

Ela hesitou.

— Mas posso fazer uma pergunta antes?

— Quantas quiser.

— Para que o senhor precisa de tanto leite?

Mendes sorriu.

— Nós não precisamos.

Letícia franziu a testa.

— Como?

— Pelo menos não de tudo.

— Então por que compraram?

— Temos outros parceiros.

— Vão revender?

— Parte.

Ela ficou olhando para ele.

— Então eu não vou entregar toda a produção aqui?

— Não. Teremos outros destinos.

Letícia pareceu fazer algumas contas mentalmente.

Mas não demonstrou preocupação.

O preço fora acertado.

O contrato estava assinado.

O pagamento, garantido.

— Negócios — disse Mendes.

— Negócios — repetiu ela.

Antes da partida, Mendes fez questão de mostrar parte da sede.

Letícia ficou encantada.

Conheceu a casa.

A varanda.

Os jardins.

Algumas instalações.

— É muito bonita.

— Obrigado.

— O senhor construiu?

Mendes riu.

— Não coloque tudo na minha conta.

Ela não entendeu.

E ele não explicou.

Quando Letícia já caminhava em direção ao caminhão, alguma coisa distante chamou sua atenção.

Era uma construção nova, num ponto mais elevado da propriedade.

Ela parou.

— O que estão construindo ali?

Mendes olhou.

— Aquilo?

— Sim.

— Outra invenção de moda do meu sócio.

Letícia virou imediatamente.

— Seu sócio?

— Sim.

— É seu filho?

— Não.

Ela ficou pensativa.

Continuou até o caminhão.

Colocou um pé no estribo.

Parou.

Desceu novamente.

Voltou até a varanda.

— Seu Mendes?

— Pois não?

— Me tire mais uma dúvida.

— Claro.

Ela respirou.

— Por que o senhor colocou o nome desta fazenda de 7 de Setembro?

Mendes sorriu.

— Eu não coloquei.

O coração dela acelerou.

— Não?

— Foi meu sócio.

Silêncio.

— Por quê?

— Isso você teria que perguntar a ele.

Letícia olhou novamente para aquela construção distante.

Mendes percebeu.

— Quer conhecê-lo?

Ela hesitou.

Talvez devesse ir embora.

O motorista esperava.

A primeira entrega estava concluída.

Não havia qualquer motivo profissional para permanecer.

Mas alguma coisa dentro dela dizia o contrário.

— Gostaria.

— Então venha.

Seguimos em direção ao platô.

Eu estava na construção.

Na verdade, acompanhava alguns detalhes da casa nova.

Não sabia exatamente a que horas Mendes levaria Letícia até mim.

Também não sabia se levaria.

Ele havia prometido não contar nada.

O resto ficaria por conta do destino.

Letícia caminhava ao lado dele.

Quanto mais se aproximavam, mais ela observava aquele homem ao longe.

Um vulto.

Chapéu.

Botas.

Jeito de andar.

Ela diminuiu o passo.

Mendes continuou.

Depois percebeu que estava caminhando sozinho.

Virou.

Letícia havia parado.

— Doutora?

Ela não respondeu.

Eu também a vi.

Primeiro achei que fosse minha cabeça.

Durante tantos anos imaginei aquele momento que já não confiava completamente nos meus olhos.

Fiquei parado.

Ela também.

A distância ainda era grande.

Mas há pessoas que a gente não reconhece pelo rosto.

Reconhece pelo jeito de existir.

Letícia levou a mão à boca.

Eu tirei o chapéu.

Não sei quem começou.

Talvez os dois.

Ela correu.

Eu corri.

Seu Mendes ficou para trás.

— Mas o que...

Não ouvi o restante.

Letícia corria.

Eu também.

Ela começou a chorar antes mesmo de chegar.

E então aconteceu.

Não esperamos.

Quando estávamos próximos, ela praticamente se jogou contra mim.

Segurei-a.

Levantei-a do chão.

Girei.

Ela me abraçava pelo pescoço.

Eu ria.

Chorava.

Ela também.

— Gui!

Ouvir aquilo novamente...

Gui.

Parecia que todos aqueles anos tinham acabado numa única palavra.

— Letícia...

Coloquei-a no chão.

Ela segurou meu rosto.

Olhou.

Como se precisasse confirmar.

— É você?

— Sou eu.

— É você!

E me beijou.

Ou eu a beijei.

Não sei.

Não importava.

Foi um beijo atrapalhado por lágrimas, risadas e mãos tentando tocar um rosto que durante anos só existira na memória.

Atrás de nós, seu Mendes finalmente compreendeu.
Olhou para mim.
Depois para ela.
Depois na direção da porteira.
E começou a rir sozinho.
— Sete de Setembro...
Agora ele sabia.
Letícia dispensou o motorista.
O caminhão podia voltar sem ela, o objetivo já havia sido
cumprido.
Naquele dia, doutora Letícia Bertollo não tinha mais
compromisso profissional.
Tinha anos de vida para recuperar.
Conversamos.
Meu Deus...
como conversamos.
Contei sobre São Paulo.
A rodoviária.
Os cachorros.
Seu Zem.
O décimo segundo andar.
A faculdade.
A amiga.
A carta.
Dona Zilda.
Linguiça.
Seu Mendes.
A Riacho Preto.

Os negócios.

A terra.

Ela chorou.

Riu.

Me bateu algumas vezes.

Principalmente quando contei que chegara tão perto da
Fazenda da Barra e não tivera coragem de entrar.

— Você estava aqui perto?

— Estava.

— Guilherme!

— Eu tive medo.

— Medo de quê?

— De você não me querer mais.

Ela me deu outro tapa no braço.

— Idiota.

— Eu sei.

— Idiota!

— Já entendi.

Ela me abraçou.

— Eu esperei você.

— Eu sei.

— Não, Gui. Você não sabe.

Ficamos abraçados.

— Eu também esperei.

Almoçamos.

Depois mostrei a casa que estava sendo construída no platô.

Ela entrou.

Andou pelos cômodos ainda sem portas.

Olhou pelas janelas.

— É enorme.

— Um pouco.

— Para quem é isso tudo?

Olhei ao redor.

— Quando comecei, eu dizia que era a nova casa da fazenda.

— E agora?

Respirei.

— Agora posso dizer a verdade.

Ela me olhou.

— Eu construí pensando numa família que nem sabia se um dia teria.

Letícia ficou em silêncio.

Não precisava explicar qual família.

Depois do almoço, mandei preparar dois cavalos.

Os melhores.

Quando Letícia viu, seus olhos mudaram.

Durante alguns minutos, voltamos a ser adolescentes.

Montamos.

Cavalgamos pela propriedade.

Mostrei os pastos.

Os animais.

O curral.

O sistema de paisagem.

Ela ficou impressionada.

Agora era veterinária.

Fazia perguntas que a menina de antigamente jamais faria.

Eu respondia.

Em outras coisas, era ela quem me ensinava.

Em determinado momento, Letícia perguntou:

— Como você virou sócio de tudo isso?

Contei.

Contei sobre a primeira terra que coloquei na boca.

Sobre Mendes.

As vendas.

As comissões.

A sociedade.

A compra.

Os primeiros animais.

Quando terminei, ela estava sorrindo.

— Tenho orgulho de você.

Aquela frase valeu mais do que qualquer documento que já assinei.

Olhei para ela.

— Tudo isso também é seu.

Ela riu.

— Não é.

— É.

— Guilherme...

— Sempre foi.

Seguimos.

Até chegarmos a uma construção pequena.

Letícia olhou.

— O que é aquilo?

— Venha.

Descemos dos cavalos.

Algumas crianças estavam no pátio.

A professora apareceu à porta.

Então Letícia viu.

Acima da entrada havia um nome.

Ela parou.

ESCOLINHA LETÍCIA BERTOLLO

Levou a mão à boca.

— Gui...

Não respondi.

Ela se aproximou.

Passou os dedos pelas letras.

— Por quê?

— Porque eu sabia cuidar de boi antes de saber escrever direito.

Ela começou a chorar.

— E alguém sentou comigo debaixo de uma gameleira e decidiu que aquilo precisava mudar.

— Guilherme...

— Talvez você não se lembre de tudo que me ensinou.

— Eu lembro.

— Eu também.

As crianças começaram a nos observar.

A professora sorria ao fundo.

Então tomei coragem.

— Letícia.

Ela virou.

— Você me ensinou que eu podia aprender.

Aproximei-me.

— Depois passou metade da minha vida me ensinando que eu também podia sonhar.

Ela já sabia.

Talvez antes de mim.

Ajoelhei.

As crianças começaram a cochichar.

— Agora só falta você me ensinar uma coisa.

Letícia chorava e ria.

— O quê, Gui?

Olhei para ela.

— Como é que a gente vive junto para sempre?

Ela colocou as duas mãos sobre o rosto.

— Letícia Bertollo...

Respirei.

— Casa comigo?

Nem esperei muito.

— Caso.

As crianças gritaram.

A professora bateu palmas.

Eu me levantei e Letícia se jogou novamente nos meus braços.

— Caso, Gui!

Beijei-a.

E, naquele instante, percebi uma coisa.

Durante anos imaginei que precisaria me tornar um homem rico para merecer Letícia.

Estava errado.

Ela me amava quando eu não tinha nada.

Quem precisava acreditar que eu tinha valor...

era eu.

Decidimos não contar imediatamente à família Bertollo.

Talvez por prudência.

Talvez por diversão.

Letícia passou a visitar oficialmente a Fazenda 7 de Setembro como veterinária responsável por acompanhar animais e contratos relacionados à propriedade.

Era verdade.

Só não era toda a verdade.

Para a família, doutora Letícia havia conquistado um novo cliente.

Para mim...

minha noiva estava vindo me visitar.

E ela vinha bastante.

Até que, numa dessas viagens, resolveu trazer alguém.

Minha mãe.

Dona Hiolanda.

Não me avisou.

Quando a caminhonete parou diante da sede e vi minha mãe descendo...

congelei.

Ela também.

Ficamos nos olhando.

Minha mãe levou as duas mãos ao peito.

— Guilherme?

Corri.

— Mãe!

Ela quase caiu.

Letícia precisou segurá-la.

— Meu filho...

Eu a abracei.

E naquele momento voltei a ser menino.

— Meu filho... meu filho...

Ela batia em mim e me abraçava ao mesmo tempo.

— Você está vivo!

— Estou.

— Desgraçado!

— Mãe...

— Você quase nos matou de sofrimento!

— Eu sei.

— Seu pai vai morrer quando souber.

Ela estava certa.

Quase morreu mesmo.

Mas não naquele dia.

Preparamos o reencontro.

Seu Antônio Fortunato precisava saber que o filho que julgara perdido não apenas estava vivo...

estava voltando.

Quando finalmente ficou diante de mim, meu pai não correu.

Não chorou imediatamente.

Ficou parado.

O velho homem que um dia me batera com a bainha de um facão para me ensinar a não ouvir conversa de patrão agora olhava para o filho diante de uma fazenda que carregava seu próprio nome nos documentos.

Aproximei-me.

— Pai.

Ele tentou falar.

Não conseguiu.

Então me abraçou.

Forte.

Como nunca havia feito.

Choramos.

Os dois.

Sem vergonha.

Sem patrão.

Sem empregado.

Sem ninguém dizendo onde cada um deveria ficar.

Na varanda estavam minha mãe.

Letícia.

Seu Mendes.

Alguns funcionários.

E, correndo entre as pernas de todo mundo...

Linguíça.

Naquele dia especial, ele também estava lá. Eu mesmo fiz questão de buscar dona Zilda e, é claro, trazer junto aquele vira-lata que um dia dividira comigo as noites mais difíceis da minha vida.

Olhei para todos reunidos naquela varanda.

Por um instante, parecia que cada pedaço da minha história tinha encontrado um jeito de estar ali.

Eu havia saído da Fazenda da Barra escondido.

Sem terra.

Sem dinheiro.

Sem destino.

Sem coragem sequer de me despedir dos meus pais.

Agora eu estava ali.

Tinha terra.

Gado.

Trabalho.

Amigos.

Meus pais novamente nos meus braços.

Uma escola cheia de crianças aprendendo aquilo que um dia
Letícia ensinara a mim.

E a mulher que eu amava desde quando nem sabia que aquilo
era amor...

seria minha esposa.

Talvez seu Mendes tivesse razão desde o começo.

Passei muito tempo confundindo preço com valor.

E a vida acabou me ensinando que as coisas mais importantes
quase sempre parecem simples.

Uma casa.

Uma família.

Uma mesa.

Uma mulher que espera.

Um homem que volta.

Arroz e feijão.

Pode parecer pouco para quem nunca teve fome.

Mas, no fim das contas...

é o que sustenta a gente.

FIM DO CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

ESTABANADA - Sem medo de doer. A vida seguiu.

E, quando percebi, já havia gente me chamando de seu Guilherme.

No começo eu olhava para trás.

— Seu Guilherme!

Eu virava procurando algum velho importante que estivesse passando.

Até descobrir que o velho importante era eu.

Quer dizer... velho ainda não.

Estava com vinte e sete anos.

Mas era engraçado ouvir aquilo.

Não eram meus funcionários que me chamavam assim. Deles eu não aceitava. Eram negociantes, fazendeiros, vendedores, gente de outras cidades.

Aquele pau de cana, filho de seu Antônio Fortunato e dona Hiolanda, tinha virado homem de respeito.

E eu não sabia direito como me comportar com aquilo.

Continuava preferindo minhas botas sujas de barro, continuava entrando no curral e, se precisasse, metia a mão no serviço junto com qualquer funcionário.

Talvez por isso mesmo as pessoas me respeitassem.

A GLM crescia.

A Fazenda 7 de Setembro também.

E seu Mendes, toda vez que aparecia uma oportunidade nova, tinha aquela mania de me olhar como se já soubesse que eu inventaria alguma coisa.

Mas nenhuma novidade daquele período era maior do que esta: eu ia me casar com Letícia Bertollo.

A data?

Não poderia ser outra.

7 de setembro de 1981.

O dia que durante anos representara a nossa separação seria agora o dia da nossa união.

Eu estava com vinte e sete anos.

Letícia, vinte e cinco.

E aquela menina estabanada que corria atrás de mim pedindo para cavalgar, catar goiaba e atrapalhar meu serviço havia se transformado numa mulher extraordinária.

Doutora Letícia Bertollo já não era conhecida apenas naquela região.

Seu trabalho como médica-veterinária começara a chamar atenção em outros estados produtores.

Ela estudava muito.

Inventava.

Experimentava.

Questionava coisas que todo mundo fazia simplesmente porque sempre haviam feito daquele jeito.

Recebera reconhecimento profissional por contribuições na medicina animal e, principalmente, pelo trabalho com bovinos e equinos.

Eu brincava:

— Ainda bem que você não virou médica de gente.

— Por quê?

— Porque agora pelo menos você entende quando eu reclamo.

— Você não é boi, Guilherme.

— Dependendo de quem pergunta...

Ela ria.

E aquele riso ainda fazia comigo exatamente o que fazia quando ela tinha quatorze anos.

O casamento estava marcado.

Os preparativos já haviam começado.

Minha mãe sabia.

Meu pai sabia.

Seu Mendes sabia.

Dona Zilda sabia.

Provavelmente até Linguíça sabia.

Só faltava uma coisa.

Uma coisa importante.

Eu já havia pedido Letícia em casamento diante da escolinha que levava seu nome.

Ela já tinha dito sim.

Portanto, eu não precisava da autorização de ninguém para me casar com uma mulher adulta.

Mas havia uma diferença entre precisar de autorização e desejar uma bênção.

Eu queria voltar àquela casa.

Queria olhar nos olhos de seu Elmo Bertollo.

E pedir a bênção dele e de sua esposa para o nosso casamento.

Não faria pela metade.

Se eu havia atravessado tudo aquilo para chegar até Letícia, também teria coragem de atravessar novamente a porteira da Fazenda da Barra.

Só precisava descobrir como.

E a oportunidade apareceu de uma maneira que combinava perfeitamente com a minha história.

Cana.

Nossa empresa havia assumido a representação de uma nova tecnologia para aproveitamento do bagaço da cana na alimentação animal.

A Fazenda da Barra já utilizava equipamentos e métodos para aproveitar parte daquele resíduo.

Mas a nova instalação permitia processar o bagaço de maneira muito mais organizada e integrá-lo à preparação de misturas destinadas ao gado, combinando-o, conforme a formulação utilizada, com outros ingredientes e suplementação adequada. Era exatamente o tipo de novidade que seu Bertollo adorava.

E a região inteira começara a se interessar.

Por ironia do destino, a primeira unidade destinada àquela área seria instalada justamente na...

Fazenda da Barra.

Quando vi o pedido, não tive dúvida.

— Essa eu entrego.

Nosso vendedor arregalou os olhos.

— O senhor?

— Eu.

— Pessoalmente?

— Pessoalmente.

Seu Mendes, que estava perto, ouviu.

— Tem certeza?

— Não.

— Ótimo. É assim que começam as melhores ideias.

No dia da entrega, a Fazenda da Barra estava movimentada.

Seu Bertollo aguardava a máquina com ansiedade.

A saúde dele havia melhorado bastante.

O filho mais velho continuava participando da administração, mas agora dividia novamente muitas decisões com o pai.

Naquela altura, os Bertollo já controlavam seis propriedades.

E alguma coisa também havia mudado no filho mais velho.

Talvez estivesse amadurecendo.

Talvez tivesse percebido que o respeito conquistado pelo pai não vinha apenas do tamanho das terras ou da quantidade de dinheiro que possuía.

Seu Bertollo sabia lidar com gente.

Sabia ser patrão.

O filho parecia tentar aprender.

Se aquilo era verdadeiro ou apenas um personagem que duraria enquanto o pai estivesse vivo...

eu não sabia.

Mas, pelo menos naquele período, o homem parecia diferente.

O caminhão entrou na Fazenda da Barra naquela tarde.

Eu dirigia.

Ninguém percebeu.

Talvez porque ninguém estivesse esperando por mim.

Todos os olhos estavam voltados para a máquina.

Funcionários.

Administradores.

Os filhos de seu Bertollo.

A própria Letícia, que sabia exatamente quem estava ao volante e mal conseguia esconder o sorriso.

Estacionei.

Desci.

Coloquei o chapéu.

E continuei trabalhando.

A descarga começou.

O equipamento foi retirado cuidadosamente e colocado no ponto preparado para sua instalação.

O técnico do fabricante começou a explicar o funcionamento.

Fiquei ao lado.

Ouvi.

Até que, em determinado momento, complementei uma informação.

Depois outra.

E outra.

Quando percebi, eu mesmo estava explicando o equipamento.

Conhecia aquela tecnologia quase tão bem quanto o técnico.

Afinal, nossa empresa detinha sua representação comercial no país e eu fizera questão de aprender tudo sobre aquilo.

Letícia permanecia ao meu lado.

Sorrindo.

Ninguém entendia muito bem por quê.

Até que ouvi uma voz.

— Não acredito...

Parei.

Conhecia aquela voz.

Virei lentamente.

Seu Bertollo me encarava.

Os olhos do velho foram se arregalando.

Ele deu alguns passos.

— Seu moleque travesso!

Silêncio.

Todo mundo olhou.

— Onde você esteve? Eu quase morri de saudades de você!
Comecei a rir.

— Seu Bertollo...

Ele veio em minha direção.

Achei que fosse simplesmente me abraçar.

Mas não.

Aquele velho agarrou minhas duas orelhas.

— Ai! Seu Bertollo!

— Deixa eu olhar pra sua cara!

— O senhor vai arrancar minha orelha!

— Bem feito!

E então me abraçou.

Forte.

Muito forte.

Por alguns segundos, não existia fazendeiro, empresário,
empregado ou patrão.

Éramos apenas dois homens que haviam sentido falta um do
outro.

— Moleque...

Ouvi sua voz falhar.

— Você sumiu.

Abracei-o ainda mais forte.

— Eu precisava ir.

— Precisava nada.

— Precisava, sim.

Ele se afastou e olhou para mim.

— Depois você vai me explicar essa história direito.

— Vou.

O filho mais velho permanecia alguns metros atrás.

Pasma.

Foi então que reconheceu.

Aquele homem queimado de sol, bem vestido, de botas boas, que acabara de chegar dirigindo o caminhão que transportava uma tecnologia representada por uma grande empresa...

era Guilherme.

O filho do empregado.

O boiadeiro.

O rapaz que desaparecera.

Nossos olhos se encontraram.

Durante alguns segundos, esperei alguma reação.

Não veio.

Apenas um cumprimento discreto.

Retribuí.

Não era o momento de acertar contas.

Talvez nunca fosse.

Até dona Bertollo me surpreendeu.

Eu esperava encontrar resistência.

Cara fechada.

Desconfiança.

Encontrei uma mulher muito mais velha do que aquela que um dia fizera de tudo para afastar a filha de mim.

Ela se aproximou.

— Guilherme.

— Dona Bertollo.

— Você está bem?

— Estou, senhora.

Ela sorriu.

— Dá para perceber.

Não havia ironia.

Talvez onze anos fossem suficientes para mudar algumas certezas.

Talvez ela tivesse percebido que sua filha já não era aquela menina de quatorze anos.

Letícia tinha vinte e cinco.

Era uma mulher independente.

Uma profissional respeitada.

E eu também já não era o garoto que precisava provar diariamente ao patrão que sabia tirar leite sem derramar uma gota.

Eu tinha construído meu próprio caminho.

E, para minha surpresa, a recepção foi boa.

Muito melhor do que Letícia e eu havíamos imaginado.

Na nossa cabeça, durante anos, aquele reencontro poderia terminar em briga, expulsão ou até coisa pior.

Agora parecia absurdo.

Nós havíamos crescido.

Todos havíamos envelhecido.

Algumas guerras simplesmente perderam o sentido com o tempo.

Por último apareceu outro velho conhecido.

Meu cachorro caçador.

Mais velho.

Mais lento.

Desconfiado.

Ele se aproximou, cheirou minhas botas e ficou me olhando.

Agachei.

— E aí, parceiro?

O velho cachorro cheirou minha mão.

Depois meu rosto.

E finalmente me deu uma lambida.

— Até você demorou para me reconhecer?

O rabo começou a balançar.

Pronto.

Estava perdoado.

Seu Bertollo não me deixou ir embora.

— Você vai jantar aqui.

— Seu Bertollo, eu...

— Não perguntei.

Olhei para Letícia.

Ela ria.

— Continua mandão — cochichei.

— Você sentia saudade — respondeu ela.

Sentia mesmo.

Naquela noite, aconteceu uma coisa que jamais teria imaginado quando era menino.

A grande mesa da casa dos Bertollo estava cheia.

Seu Elmo ocupava uma das cabeceiras.

À sua direita, eu.

Ao meu lado, Letícia.

Depois dona Hiolanda.

Seu Antônio Fortunato.

Os irmãos de Letícia.

Alguns funcionários antigos e pessoas próximas da família também participavam daquela noite especial.

Dona Bertollo poderia ter ocupado a outra cabeceira.

Não quis.

Preferiu sentar-se próxima ao marido.

Talvez ainda existisse um pouco de ciúme naquela mulher.

Ou talvez, depois de tantos anos, ela simplesmente quisesse ficar perto dele.

A outra cabeceira permaneceu vazia.

Olhei ao redor.

Meu pai estava sentado à mesa do antigo patrão.

Minha mãe conversava com Letícia.

Funcionários comiam junto aos donos da fazenda.

Eu estava à direita de seu Bertollo.

Pensei no menino que um dia apanhara com uma bainha de facão simplesmente porque repetira uma conversa que ouvira do patrão.

Quanto caminho.

Depois do jantar, conversamos por muito tempo.

Contei sobre São Paulo.

Sobre seu Zem.

Dona Zilda.

Seu Mendes.

A Fazenda 7 de Setembro.

A GLM.

Contei como comecei.

Como cresci.

Como voltei.

Seu Bertollo escutava quase tudo em silêncio.

Às vezes ria.

Às vezes balançava a cabeça.

Em determinado momento, percebi que precisava fazer aquilo.

Levantei-me.

A conversa diminuiu.

Seu Bertollo olhou para mim.

— O que foi?

— Eu gostaria de dizer uma coisa.

Ele bateu levemente os dedos na mesa.

— Silêncio aí. Guilherme quer falar.

Todos olharam.

Meu coração disparou.

Engraçado.

Eu negociava terra.

Gado.

Máquinas.

Contratos enormes.

Falava diante de homens poderosos.

Mas naquele momento minhas pernas pareciam novamente as pernas do garoto que tirava leite das holandesas.

Olhei primeiro para seu Bertollo.

Depois para dona Bertollo.

— Seu Bertollo... dona Bertollo...

Respirei.

— Sei que, de alguma maneira, o coração do senhor me guardou durante todos esses anos. E quero que saiba que eu também nunca deixei de sentir apreço e gratidão por tudo que o senhor fez por mim e pela minha família.

Ele permaneceu sério.

— Não guardo mágoa. Guardo gratidão.

Olhei para Letícia.

Ela já estava emocionada.

— Letícia conhece minhas intenções. Na verdade, ela já me deu a resposta que eu mais queria ouvir na vida.

Seu Bertollo estreitou os olhos.

— Resposta para quê, moleque?

Algumas pessoas riram.

— Para uma pergunta importante.

— Que pergunta?

Sorri.

— Eu pedi sua filha em casamento.

O velho abriu os olhos.

— Pediu sem falar comigo?

A mesa ficou em silêncio.

Engoli seco.

Ele continuou me encarando.

Então percebi um pequeno sorriso escondido no canto da boca dele.

Velho danado.

Continuei:

— Ela é uma mulher adulta, seu Bertollo. Não vim pedir autorização para amá-la. Isso nós já resolvemos faz tempo.

Letícia sorriu.

— Mas eu jamais começaria uma família com sua filha sem voltar a esta casa e pedir, diante de todos, a bênção do senhor e de dona Bertollo para o nosso casamento.

Olhei para Letícia.

— Eu amo essa mulher desde o primeiro puxão de cabelo que ela me deu.

Risadas.

— Desde a primeira pá de esterco que jogou em mim.

Mais risadas.

Letícia escondeu o rosto.

— Gui!

— É verdade.

Voltei a olhar para os pais dela.

— Amo Letícia desde quando eu nem sabia que aquilo era amor. Desde quando ela aparecia para atrapalhar meu trabalho, desde quando me chamava para catar goiaba, cavalgar ou fazer qualquer coisa que me impedisse de ser o tal garoto de ouro do patrão.

Seu Bertollo sorria.

— Amo sua filha desde as tardes embaixo daquela gameleira, quando ela teve paciência para me ensinar a escrever melhor. Minha voz falhou.

— E amo ainda mais a mulher que ela se tornou.

Segurei a mão dela.

— Por isso, diante da família que ela ama e da família que eu amo, peço aos senhores:

abençoem o nosso casamento.

Seu Bertollo fechou a cara.

Silêncio.

Um segundo.

Dois.

Três.

De repente:

POW!

A mão dele bateu com tanta força sobre a mesa que alguns copos chegaram a saltar.

Meu coração parou.

Pensei:

Pronto.

Estraguei tudo.

Seu Bertollo levantou-se.

Olhou para mim.

Depois para Letícia.

E explodiu numa gargalhada.

— SIM!

Todo mundo começou a rir.

— Sim, sim, sim, seu moleque!

Ele abriu os braços.

— Eu abençoo vocês!

Olhou para a esposa.

— Nós abençooamos vocês.

Dona Bertollo confirmou, emocionada.

— Que sejam muito felizes.

Letícia levantou-se.

Eu também.

Ela veio para meus braços.

Nos beijamos.

A mesa inteira explodiu em palmas, assobios, risadas e gritos.

Seu Bertollo ainda reclamou:

— Mas também não precisa beijar desse jeito na minha frente!

Letícia começou a rir.

— Agora é tarde, pai!

E naquele instante compreendi que talvez tivéssemos passado anos demais com medo de uma porta que, quando finalmente tivemos coragem de empurrar...

já estava aberta.

E chegou o dia.

7 de setembro de 1981.

Durante anos, aquela data significara despedida.

Foi num 7 de setembro que vi uma C-10 atravessar a estrada da Fazenda da Barra levando embora a menina que eu amava.

Foi num 7 de setembro que galopara desesperadamente pelo pasto, tentando acompanhar aquela caminhonete até a divisa.

Foi naquela data que chorei agarrado a Letícia diante de uma cerca, sem saber quando

— ou se — voltaria a vê-la.

Depois, dei o mesmo nome à minha fazenda.

Talvez numa tentativa de transformar uma lembrança ruim em alguma coisa boa.

E agora...

eu ia me casar num 7 de setembro.

Com ela.

Com Letícia Bertollo.

A Fazenda 7 de Setembro começou a receber gente dias antes.

Parecia que o mundo inteiro tinha decidido aparecer.

Vieram meus pais, seu Antônio Fortunato e dona Hiolanda.

Seu Elmo Bertollo chegou com a esposa e boa parte da família.

Seu Mendes estava, naturalmente, envolvido em tudo. A esposa dele também, além dos gêmeos, Helieni e Helber.

Dona Zilda veio.

E com ela...

Linguiça.

— Você não vai estragar meu casamento — avisei ao cachorro.

Ele abanou o rabo.

— Estou falando sério.

Abanou novamente.

— Se roubar comida da mesa, vai embora.

Dona Zilda ouviu.

— Deixe de mentira, Guilherme. Se esse cachorro roubar comida, você vai dar mais.

Ela me conhecia.

Vieram negociantes.

Fazendeiros.

Funcionários.

Peões.

Representantes.

Pessoas que trabalharam conosco desde o início da GLM.

Homens que um dia haviam me conhecido apenas como boiadeiro e outros que só conheceram o tal “seu Guilherme”.

Mas havia convidados que significavam muito mais.

Vieram os antigos amigos de faculdade de Letícia.

Inclusive a amiga que guardara a carta destinada a mim.

Quando a vi, abracei-a.

— Então foi você.

— Eu o quê?

— Que guardou minha vida dentro de um envelope.

Ela riu.

— Sua vida não. A de vocês dois.

Até aquele rapaz que durante algum tempo cortejara Letícia apareceu.

Fiz questão.

Quando apertamos as mãos, ele brincou:

— Então você existe mesmo.

— Pelo visto.

— Durante a faculdade, achei que Guilherme fosse personagem inventado por ela para espantar homem.

Letícia ouviu.

— Funcionava.

— Funcionava muito bem — respondeu ele.

Rimos.

Também apareceu o antigo guarda da faculdade.

Quando o reconheci, fui recebê-lo pessoalmente.

— Você!

Ele abriu os braços.

— Eu sabia que você encontraria essa moça.

— Nem eu sabia.

— Eu sabia.

Como consegui juntar tanta gente?

Até hoje alguns perguntam.

A verdade é que fretamos dois ônibus.

Eu queria naquele casamento todas as pessoas que, de alguma maneira, haviam segurado uma ponta da nossa história enquanto nós dois tentávamos encontrar o caminho de volta.

Mas ainda faltava alguém.

Seu Zem.

Não contei a ele exatamente o que estava preparando.

Fiz questão de buscá-lo com a família.

Quando chegou à Fazenda 7 de Setembro, ficou impressionado.
Olhou para tudo.

A sede.

Os currais.

Os animais.

As plantações.

A escola.

Depois olhou para mim.

— Então era aqui que aquele menino da rodoviária estava querendo chegar?

— Acho que nem ele sabia onde queria chegar.

Seu Zem sorriu.

Aquele homem havia me encontrado dormindo com cachorros.

Dividira comigo o pouco que possuía.

Conseguira meu primeiro trabalho em São Paulo.

Abrira a porta de uma casa que eu, ingrato, comparara mentalmente com o chiqueiro dos porcos da Fazenda da Barra.

Nunca esqueci.

— Venha comigo.

— Aonde?

— Quero mostrar uma coisa.

Levei-o até uma parte tranquila da propriedade.

Havia uma construção nova.

Casa simples.

Bonita.

Telhado de quatro águas.

Varanda.

Quintal.

Espaço suficiente para uma família viver com dignidade.

Seu Zem parou.

— De quem é?

Entreguei-lhe uma chave.

Ele olhou para minha mão.

Depois para mim.

— Guilherme...

— É sua.

Ele não pegou.

— Pare com isso.

— Estou falando sério.

— Eu tenho minha casa.

— Eu sei.

— Então para que quero outra?

Sorri.

— Para quando quiser ficar perto de mim.

Ele abaixou a cabeça.

— Não posso aceitar.

— Pode.

— Não posso.

— Então faça de conta que não é pagamento.

— E é o quê?

Pensei.

— Gratidão.

Ele me encarou.

— Gratidão não se paga.

— Foi exatamente isso que o senhor me ensinou.

Seu Zem ficou sem resposta.

Pegou a chave.

E me abraçou.

Naquela altura, aquele velho pedreiro já havia se tornado muito mais que um amigo.

Era uma espécie de conselheiro.

Um guru, como seu Mendes gostava de brincar.

Seu Zem me conhecera antes de existir fazenda, empresa, dinheiro ou respeito.

Talvez por isso fosse uma das poucas pessoas capazes de me olhar e ainda enxergar o rapaz assustado que dormia abraçado aos cachorros da rodoviária.

E eu precisava disso.

A Fazenda 7 de Setembro possuía uma capela.

Era grande o suficiente para receber os convidados.

Mas Letícia não queria se casar lá.

Nem eu.

Havia outro lugar.

A gameleira.

Quando contamos a ideia a padre Leandro, ele ficou pensativo.

Era um sacerdote já idoso, conhecido em várias paróquias da região e muito querido pela família.

Não bastava simplesmente decidir que o casamento seria fora da capela. Era necessário fazer aquilo da maneira correta.

As providências e autorizações necessárias foram tratadas.

E padre Leandro aceitou.

— Se foi debaixo dessa árvore que começou boa parte dessa história — disse ele —, então vamos pedir a Deus que abençoe debaixo dela a parte que ainda falta viver.

A ornamentação transformou aquele lugar.

Flores.

Tecidos claros.

Bancos organizados sobre o gramado.

Um corredor simples conduzia até a gameleira.

Mas pedi uma coisa:

— Não escondam a árvore.

Eu queria vê-la.

Queria enxergar o tronco.

As raízes.

Os galhos.

Porque, muitos anos antes, naquele mesmo lugar, uma menina se sentava ao meu lado e dizia:

— Está errado, Gui. Faça novamente.

E eu fazia.

Até aprender.

Quando Letícia apareceu...

esqueci de todo o resto.

Eu já a tinha visto bonita.

Muitas vezes.

Mas naquele dia...

não parecia a mesma pessoa.

Ou talvez fosse exatamente a mesma.

A menina.

A adolescente.

A doutora.

A mulher.

Minha Letícia.

Tudo junto.

Meu pai ficou de um lado.

Seu Bertollo, do outro.

Dona Hiolanda chorava antes mesmo de a cerimônia começar.

Dona Bertollo tentava manter a compostura, mas também não conseguiu por muito tempo.

Seu Mendes me cutucou.

— Vai chorar?

— Não.

— Já está.

— É suor.

— Nos olhos?

— Está calor.

Ele riu.

Padre Leandro iniciou a celebração.

E quando Letícia chegou diante de mim, segurou minha mão.

Olhei para a árvore.

Depois para ela.

— Lembra?

— De tudo.

— Até dos erros de português?

Ela sorriu.

— Principalmente deles.

Nós nos casamos.

Guilherme e Letícia.

Debaixo da gameleira.

No dia 7 de setembro de 1981.

A data que um dia havia nos separado agora nos unia.

Quando padre Leandro nos declarou marido e mulher, beijei
minha esposa.

Minha esposa.

Demorei alguns segundos para acreditar naquela palavra.

Atrás de nós houve palmas.

Gritos.

Assobios.

Choro.

E seu Bertollo berrando:

— Esse beijo já está demorando demais!

Todo mundo caiu na gargalhada.

Só houve uma ausência difícil de ignorar.

O filho mais velho de seu Bertollo.

Letícia o havia convidado para ser padrinho.

Ele aceitara.

Mas não apareceu.

A família dele estava presente.

Ele, não.

Ninguém sabia exatamente por quê.

Talvez trabalho.

Talvez orgulho.

Talvez existissem feridas que onze anos ainda não haviam
conseguido fechar.

Letícia ficou triste.

Mas não permitiu que aquela ausência roubasse a alegria
daquele dia.

E eu também não.

Apreendi que não podemos obrigar ninguém a participar da
nossa felicidade.

A porta estava aberta.

Um dia, talvez, ele atravessasse.

E dizer que houve festa talvez seja pouco.

As Fazendas 7 de Setembro e Fazenda da Barra praticamente pararam durante uma semana.

Comida.

Música.

Gente chegando.

Gente dormindo.

Gente indo embora e voltando.

Funcionários comemorando junto aos patrões.

Famílias misturadas.

Crianças correndo.

Negociantes esquecendo negócios.

Peões dançando.

Dona Zilda mandando em metade da cozinha sem ninguém ter pedido.

Linguiça circulando por baixo das mesas e descumprindo todas as promessas que eu havia exigido dele.

Até seu Zem dançou.

Mal.

Muito mal.

Mas dançou.

Nossa lua de mel?

Foi ali mesmo.

Não queríamos viajar.

Depois de passar tantos anos tentando chegar um ao outro, parecia uma estupidez pegar uma estrada justamente depois de finalmente ficarmos juntos.

— Um dia a gente viaja — disse Letícia.

— Para onde?

— Qualquer lugar.

— Desde que volte?

Ela encostou a cabeça no meu ombro.

— Desde que volte.

No último grande momento da festa, reuniram as mulheres para o buquê.

Letícia subiu alguns degraus da varanda.

Atrás dela havia uma multidão.

Amigas.

Primas.

Funcionárias.

Conhecidas.

Mulheres que tinham vindo de longe.

A amiga da faculdade estava lá no meio.

— Preparadas? — gritou Letícia.

Começou a contagem.

— Três!

Todo mundo se ajeitou.

— Dois!

Ouvi gritos.

— Um!

Letícia jogou.

O buquê subiu.

Por alguns segundos, aquele maço de flores pareceu ficar parado no céu.

Então caiu no meio da confusão.

Gritos.

Braços.

Empurrões.

Risadas.

E quando todo mundo se afastou...

lá estava ela.

A melhor amiga de Letícia.

A mesma mulher que guardara a carta.

A mesma que ouvira durante anos a história daquele boiadeiro que parecia não existir.

Ela segurava o buquê contra o peito, completamente surpresa.

Letícia apontou para ela e começou a gritar.

Todos riram.

Então alguém apareceu com os sacos.

E veio o arroz.

Punhados e mais punhados.

Sobre mim.

Sobre Letícia.

Sobre nossos pais.

Sobre nossos amigos.

Sobre todo mundo.

Uma verdadeira chuva de arroz.

Protegi o rosto.

— Chega!

Letícia ria.

— Você comprou a produção de leite de um ano inteiro e está reclamando de um pouco de arroz?

— Um pouco?

Peguei um punhado do chão.

Ela correu.

Fui atrás.

Debaixo da gameleira, entre amigos, familiares, funcionários e todas aquelas pessoas que haviam atravessado nossa história, alcancei minha esposa.

Abracei-a por trás.

Ela ainda ria.

Ao longe, a amiga levantava o buquê como um troféu.

Olhei para Letícia.

Para as flores.

Para aquele arroz caindo sobre nós.

E pensei que talvez algumas coisas realmente já viessem escritas muito antes de entendermos o que significavam.

A menina que um dia me ensinou a escrever...
agora escrevia comigo uma nova história.

E naquele 7 de setembro, pela primeira vez em muitos anos, ninguém estava indo embora.

Estávamos todos chegando.

FIM DO CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

O CHACAL. De cordeiro a chacal

Foi mesmo um mês memorável.

Talvez o mais feliz da minha vida.

Mas festa acaba.

Os convidados voltam para casa, as flores murcham, as mesas são desmontadas e, aos poucos, tudo retorna ao seu devido lugar.

No nosso caso, retornou até demais.

A vida voltou com tanta força que quase não tivemos tempo de perceber que os anos estavam passando.

A Fazenda 7 de Setembro cresceu expressivamente.

A GLM também.

Os negócios de seu Mendes se multiplicaram, e a presença de Letícia acabou abrindo portas que talvez demorássemos muitos anos para alcançar sozinhos.

Minha mulher não era apenas uma excelente veterinária.

Era curiosa.

Criativa.

Inquieta.

Daquelas pessoas que olham para uma coisa que funciona e, em vez de simplesmente aceitar, perguntam:

— Mas por que fazemos desse jeito?

Aquilo me enlouquecia às vezes.

— Letícia, se está funcionando, deixe funcionar.

— É justamente porque funciona que pode funcionar melhor.

Eu conhecia aquela teimosia.

Era a mesma menina estabanada de antigamente.

Só que agora tinha diploma.

E isso era perigoso.

Com o tempo, seu trabalho ganhou reconhecimento muito além de Jaú. Letícia passou a ser chamada para conhecer propriedades e auxiliar produtores em outras regiões do estado de São Paulo e até fora dele.

Vieram reconhecimentos.

Convites.

Premiações relacionadas à medicina veterinária e às contribuições que desenvolvia no manejo de bovinos e equinos.

Eu brincava dizendo que havia me casado com uma celebridade.

Ela respondia:

— Engraçado. Estão dizendo a mesma coisa de você.

E talvez fosse verdade.

Nossa história havia se espalhado.

O boiadeiro que saiu escondido da Fazenda da Barra, desapareceu em São Paulo, tornou-se fazendeiro e depois se casou com a filha do antigo patrão debaixo da mesma gameleira onde ela o ensinara a escrever...

bom...

as pessoas gostam de histórias.

E a nossa dava assunto.

Passaram-se dois anos.

Era 1983.

Eu estava com vinte e nove anos.

Letícia, vinte e sete.

E, enquanto nossa vida parecia finalmente ter encontrado algum equilíbrio, outras coisas começaram a sair do lugar.

Alguma coisa não estava bem na família Bertollo.

Mais especificamente com o irmão mais velho de Letícia.

Depois que seu Elmo recuperara a saúde, os dois passaram a dividir novamente boa parte das decisões relacionadas às propriedades.

Seu Bertollo confiava no filho.

Talvez até mais do que deveria.

O problema é que ele começou a viajar demais.

Primeiro eram alguns dias.

Depois semanas.

Até que houve períodos em que permanecia meses longe da Fazenda da Barra.

Seu Bertollo comentava comigo.

Nossas visitas haviam se tornado constantes depois do reencontro.

Às vezes ele vinha à Fazenda 7 de Setembro.

Outras vezes eu ia à Fazenda da Barra.

A relação que havíamos perdido durante tantos anos parecia ter voltado ainda mais forte.

Certo dia, enquanto tomávamos café, ele comentou:

— Esse meu filho está gostando demais de estrada.

— Negócios?

— É o que ele diz.

— Então deve ser.

Seu Bertollo olhou para mim.

— Você acreditou?

— Não.

Ele riu.

— Nem eu.

As más-línguas começaram a trabalhar.

Diziam que havia mulher naquela história.

Um rabo de saia.

E lá pelas bandas de Brasília, no Distrito Federal.

Eu não gostava de fofoca.

Mas havia uma diferença entre fofoca e informação que pudesse prejudicar a família.

Então comecei a prestar atenção.

Letícia também.

E foi ela quem encontrou o primeiro problema realmente grave.

O irmão deveria estar presente num dos fechamentos das contas das fazendas.

Não estava.

Letícia precisou acompanhar parte da documentação.

Foi quando percebeu números que não combinavam.

Pagamentos.

Retiradas.

Compromissos.

Dinheiro que deveria estar em determinado lugar e não estava.

Ela conferiu novamente.

Depois outra vez.

— Gui...

Reconheci sua expressão.

— O quê?

— Tem alguma coisa errada.

Sentei ao lado dela.

— Quanto?

— Ainda não sei.

— Seu pai sabe?

— Não.

— Então primeiro descubra.

Ela continuou verificando.

O que inicialmente parecia diferença de lançamento começou a revelar algo muito maior.

Havia um rombo nas contas dos Bertollo.

Letícia ficou desesperada.

— Preciso contar para o meu pai.

— Ainda não.

— Guilherme!

— Você vai chegar para um homem da idade dele e dizer que o filho pode estar tirando dinheiro das empresas sem saber exatamente o que aconteceu?

Ela ficou em silêncio.

— Primeiro nós descobrimos. Depois contamos.

— Nós?

— Você achou que eu ia deixar você cuidar disso sozinha?

Ela respirou fundo.

— Não.

— Então pronto.

Como se aquilo não bastasse, o país inteiro começava a dar sinais de que alguma coisa estava muito errada.

Na verdade, os sinais já existiam.

Nós é que, durante os anos de crescimento, talvez estivéssemos ocupados demais para perceber o tamanho da tempestade.

Falavam em recessão.

Dívida externa.

Juros.

Inflação.

Crédito difícil.

Eu não entendia todos aqueles termos como os homens dos bancos entendiam.

Mas entendia uma coisa:
o dinheiro estava ficando estranho.
O que custava um valor hoje podia custar muito mais pouco
tempo depois.
Cliente que antes pagava à vista começava a pedir prazo.
Quem devia queria pagar depois.
Quem vendia queria receber antes.
Financiamento ficava caro.
Crédito desaparecia.
O consumo diminuía.
E, quando o povo aperta o bolso, o campo sente.
O boi sente.
O leite sente.
A cana sente.
Todo mundo sente.
Ainda manteve, naquele período, o contrato de compra da
produção de leite da Fazenda da Barra.
Mas avisei Letícia:
— Este ano vai ser diferente.
— Diferente como?
— Talvez a gente não ganhe dinheiro com esse leite.
Ela me olhou preocupada.
— Então vamos cancelar.
— Não.
— Por quê?
— Porque seu pai está contando com esse contrato.
— Mas você não pode colocar nossa empresa em risco para
ajudar minha família.

— Não estou colocando.

Mostrei as contas.

— Ainda temos margem. Só não teremos aquele lucro dos outros anos.

Ela ficou olhando para mim.

— Você faria isso se não fosse meu pai?

Pensei.

— Provavelmente não.

— Então está fazendo por mim.

— Também não.

— Por quem?

— Por ele.

Ela sorriu.

Eu gostava de seu Bertollo.

Não precisava mais esconder.

A crise fez com que eu, Letícia e seu Mendes mudássemos completamente nossa rotina.

Passamos a nos reunir pelo menos duas vezes por semana.

Planilhas.

Pedidos.

Contas.

Estoque.

Rebanho.

Previsões.

Dinheiro disponível.

Dinheiro a receber.

Dinheiro que talvez nunca chegasse.

Seu Mendes, que sempre gostara de oportunidades, começou a falar menos em crescer.

E eu comecei a falar uma palavra que até então parecia feia:

— Segurar.

— Segurar o quê? — perguntou ele.

— Tudo.

— Você ficou medroso?

— Talvez.

— E desde quando medo administra fazenda?

— Desde quando coragem demais quebra uma.

Ele ficou me olhando.

— Explique.

Expliquei.

Meses antes de percebermos a verdadeira dimensão da crise, havíamos realizado uma das maiores operações da nossa história.

Compramos o restante da Fazenda Riacho Preto.

Tudo.

As terras que antes pertenciam a outra propriedade foram incorporadas ao nosso negócio, ampliando enormemente a Fazenda 7 de Setembro.

Foi uma conquista.

E também um risco.

Investimos capital.

Trabalho.

Estrutura.

E justamente quando deveríamos iniciar uma nova fase de expansão...

o Brasil entrou ainda mais fundo naquela tempestade.

Seu Mendes queria continuar.

— Agora que compramos, temos que investir.

— Não.

— Como não?

— Não vamos construir nada que não seja indispensável.

— Guilherme, essa terra precisa produzir.

— E vai.

— Como?

— Com o que já temos.

Ele ficou irritado.

— Nós compramos uma fazenda inteira para deixar parada?

— Nós compramos patrimônio. Não precisamos gastar outro patrimônio tentando provar que compramos.

Ele caminhou de um lado para outro.

— E o gado que veio junto?

— Vamos selecionar.

— Selecionar como?

— Fica o que interessa.

E foi o que fizemos.

Preservamos as melhores matrizes.

Os reprodutores selecionados.

Animais de melhor genética e desempenho.

Parte do rebanho que não se encaixava no padrão que pretendíamos desenvolver foi vendida.

Não porque fosse necessariamente gado ruim.

Mas porque, naquele momento, dinheiro em caixa valia mais para nós do que quantidade no pasto.

Reduzimos o rebanho recém-adquirido e permanecemos com uma base mais eficiente.

A Fazenda 7 de Setembro começava a ganhar reconhecimento pela criação voltada ao gado de corte selecionado.

Qualidade antes de quantidade.

Seu Mendes reclamou durante meses.

Até perceber que o dinheiro das vendas permanecia guardado enquanto outros fazendeiros começavam a bater nas portas dos bancos.

Foi então que ele apareceu no escritório certa manhã.

— Guilherme.

— O quê?

— Você estava certo.

Levantei os olhos.

— Repita.

— Não.

— Por favor.

— Vá trabalhar.

Sorri.

Enquanto protegíamos nosso patrimônio, a situação dos Bertollo piorava.

E nossas investigações sobre o irmão de Letícia finalmente começaram a produzir respostas.

As viagens para Brasília não eram apenas comerciais.

Havia realmente outra mulher.

Mais do que isso.

Havia outra vida.

O irmão mais velho de Letícia mantinha em Brasília uma relação que já se parecia com uma segunda família.

A mulher possuía um filho de relacionamento anterior, e ele assumira com aquela criança uma posição praticamente paterna.

Enquanto isso, em Jaú, sua verdadeira esposa e sua própria família permaneciam cada vez mais abandonadas.

Foi então que outra peça se encaixou.

O casamento.

Nosso casamento.

O irmão de Letícia havia aceitado ser padrinho.

Mas não apareceu.

Durante muito tempo ninguém soube explicar exatamente por quê.

Agora sabíamos.

Ele estava em Brasília.

Com a outra família.

Quando Letícia descobriu, perdeu o controle.

— Desgraçado!

Nunca tinha visto minha mulher daquele jeito.

— Calma.

— Não me peça calma!

— Então fique nervosa.

— Eu vou contar para meu pai.

— Ainda não.

— De novo isso?

— Letícia, nós temos dois problemas diferentes.

— É o mesmo homem!

— Eu sei. Mas uma coisa é a vida particular dele. Outra é o dinheiro das fazendas.

— Ele abandonou a esposa! Os filhos! Não foi ao nosso casamento!
Está tirando dinheiro das empresas!

— E é justamente por isso que precisamos saber até onde isso foi.

Ela chorou de raiva.

Não de tristeza.

Raiva.

Aquela menina que um dia jogava esterco em mim estava de volta.

Só que agora tinha vinte e sete anos, diploma e acesso aos livros contábeis.

Eu quase senti pena do irmão.

Quase.

Letícia decidiu não contar imediatamente aos pais sobre a traição.

Nem sobre todas as suspeitas financeiras.

Primeiro precisava proteger aquilo que ainda podia ser protegido.

A crise já estava fazendo estrago suficiente.

Os Bertollo possuíam seis fazendas.

Patrimônio enorme.

Mas patrimônio não significa dinheiro disponível.

Ter terra não paga uma conta que vence amanhã.

Ter gado não significa necessariamente ter comprador.

Ter produção não garante margem.

E ter seis fazendas não adianta muito quando algumas começam a consumir o dinheiro produzido pelas outras.

Letícia analisou tudo.

Propriedade por propriedade.

Dívidas.

Produção.

Custo.

Capacidade.

Liquidez.

Depois veio conversar comigo.

— Precisamos vender.

Eu sabia do que ela estava falando.

— Quantas?

— Três.

Mesmo preparado, assustei.

— Metade?

— Para salvar a outra metade.

Fiquei em silêncio.

Ela continuou:

— Se esperarmos, podemos ser obrigados a vender depois.

— E provavelmente por menos.

— Exatamente.

Seu Mendes concordou.

Eu também.

Faltava convencer seu Bertollo.

Não foi fácil.

Aquelas terras representavam décadas de trabalho.

Cada fazenda tinha história.

Conquistas.

Memórias.

Seu Bertollo ouviu a filha em silêncio.

Depois perguntou:

— Você está me dizendo para vender metade do que construí?

Letícia respirou fundo.

— Estou dizendo para o senhor salvar a metade que importa.

O velho olhou para mim.

Talvez esperasse que eu discordasse.

Não fiz isso.

— Ela está certa, seu Bertollo.

— Até você?

— Principalmente eu.

Ele abaixou a cabeça.

A decisão foi tomada.

As três propriedades foram colocadas à venda.

O momento não era bom.

Os preços também não.

Em outra época, aquelas terras provavelmente valeriam muito mais.

Mas conseguimos compradores.

E o dinheiro das vendas entrou no caixa do grupo Bertollo justamente quando eles mais precisavam.

Doía vender.

Mas doeria muito mais perder.

Quando tudo terminou, seu Bertollo permaneceu com três fazendas.

Entre elas, naturalmente...

a Fazenda da Barra.

A primeira.

A matriz.

Aquela que carregava a história da família.

Aquela onde eu crescera.

Aquela onde conheci Letícia.

Aquela não estava à venda.

Pelo menos enquanto nós pudéssemos impedir.

A crise havia chegado.

O patrimônio dos Bertollo estava ferido.

O filho mais velho escondia uma segunda vida.

Havia dinheiro desaparecendo.

E, pela primeira vez desde que me tornei fazendeiro, comecei a perceber que talvez não bastasse saber produzir, vender, negociar ou economizar.

Existiam homens que jogavam de outra maneira.

Homens que sorriam enquanto mentiam.

Que apertavam sua mão enquanto escondiam a outra.

Que podiam sentar à mesa da própria família e ainda assim traí-la.

Até aquele momento, eu aprendera a sobreviver sendo trabalhador.

Depois, aprendera a prosperar sendo inteligente.

Mas aquela crise começaria a me ensinar uma terceira coisa.

Às vezes, para proteger aquilo que você ama, não basta saber cuidar do rebanho.

É preciso aprender a reconhecer os predadores.

Depois que descobrimos os rombos, não havia mais como permitir que as coisas continuassem daquele jeito.

Letícia assumiu o controle financeiro do grupo Bertollo.

E aquela decisão produziu um efeito quase imediato.

O irmão mais velho voltou.

Rapidinho.

Durante meses, ele encontrara dinheiro disponível quando precisava. Tinha acesso às contas, movimentava recursos, autorizava pagamentos e fazia transações em nome das propriedades.

De repente...

nada.

Letícia bloqueou qualquer movimentação que não passasse por ela e pelo pai.

Contas foram reorganizadas.

Autorizações, revistas.

Documentos, conferidos.

E o dinheiro dos Bertollo deixou de estar ao alcance dele.

Coincidência ou não, o viajante apareceu na Fazenda da Barra justamente no começo do mês, período em que muitos recebimentos entravam e devedores apareciam para acertar suas contas.

Chegou como se nada tivesse acontecido.

Cara limpa.

Tranquilo.

Estacionou o carro, cumprimentou algumas pessoas e subiu para a parte da casa onde vivia com a esposa e os filhos.

A mulher estranhou apenas uma coisa.

A bagagem.

Pequena demais para alguém que passara tanto tempo viajando.

— Só isso?

— Só.

— Você ficou meses fora.

— Comprei algumas coisas pelo caminho. Depois chegam.

Ela acreditou.

Ou preferiu acreditar.

Segundo ele, estivera na Argentina conhecendo criadores, estudando novas raças de gado e buscando conhecimentos que poderiam ser aproveitados nas fazendas.

Uma história bonita.

Plausível.

Principalmente quando contada por alguém em quem você confia.

Coitada daquela mulher.

Ela ainda não sabia de nada.

Naquela noite, a família jantou reunida.

Eu não estava.

Foi uma decisão minha.

Letícia até agradeceu depois.

Talvez minha presença tornasse tudo pior.

Na mesa estavam seu Bertollo, dona Bertollo, o filho mais velho, a esposa dele, os filhos, Letícia, a outra irmã e outras pessoas da casa. O outro irmão estava viajando.

Ele entrou na sala como se tivesse jantado naquela mesa na noite anterior.

Pediu a bênção aos pais.

Beijou a esposa.

Cumprimentou os filhos.

Sentou-se no lugar de costume.

E comeu.

Simples assim.

Contaram-me depois que aquilo foi o que mais impressionou Letícia.

Ele comeu.

Conversou.

Pediu que lhe passassem uma travessa.

Perguntou sobre coisas da fazenda.

Fez comentários.

Sorriu.

Enquanto isso, duas pessoas quase não tocavam na comida.

Letícia.

E seu pai.

Os dois sabiam.

O restante da família não sabia.

A esposa dele não sabia.

Os filhos não sabiam.

Seu Bertollo e Letícia haviam decidido guardar a verdade até compreenderem como enfrentariam aquilo.

Imagino os dois olhando para aquele homem sentado à mesa.

Um pai diante do filho.

Uma irmã diante do irmão.

Sabendo que por trás da história da viagem à Argentina existia Brasília.

Existia outra mulher.

Outra casa.

Outra vida.

E dinheiro desaparecido.

Mesmo assim, ninguém disse nada.

O jantar continuou.

Até que ele terminou de comer.

E ainda pediu sobremesa.

Seu Bertollo levantou-se.

Letícia acompanhou o pai com os olhos.
Por um instante, imaginou que ele estivesse indo até a cozinha.
Uma das funcionárias que servia o jantar se antecipou:
— Pode deixar, seu Elmo. Eu busco a sobremesa para todos.
Ele não respondeu.
Continuou andando.
Contornou a mesa.
Parou atrás do filho.
O rapaz ergueu os olhos.
Seu Bertollo estava chorando.
Talvez o filho tenha pensado que o pai estivesse emocionado com sua volta.
Levantou-se.
Provavelmente esperava um abraço.
Não recebeu.
Seu Bertollo desferiu um soco no queixo do próprio filho.
O rapaz caiu sobre a mesa.
Pratos viraram.
Talheres caíram.
Gritos.
Funcionários correram.
A esposa se levantou assustada.
Dona Bertollo gritou o nome do marido.
Todos esperavam que o filho revidasse.
Ele não revidou.
Ficou olhando para o pai.
E talvez tenha entendido naquele exato instante:
tinham descoberto.

Não sabia quanto.
Não sabia como.
Mas sabiam.
Seu Bertollo apontou para ele.
Tentou dizer alguma coisa.
Não conseguiu.
O filho recuou.
Olhou para Letícia.
Ela não desviou os olhos.
Foi suficiente.
Ele saiu.
Não tentou se explicar.
Não pediu perdão.
Não perguntou o que sabiam.
Correu para fora da casa, entrou no carro e desapareceu pela estrada escura da Fazenda da Barra.
Foi então que seu Bertollo levou a mão ao peito.
A confusão começou.
— Pai?
Ele tentou respirar.
— Pai!
Letícia correu.
Seu Bertollo perdeu as forças.
Ela conseguiu ampará-lo antes que atingisse o chão.
Alguém foi procurar ajuda.
Outro correu para o telefone.
E eu fui chamado.

Quando recebi a notícia, saí da Fazenda 7 de Setembro sem pensar em mais nada.

Mas não houve tempo.

Tentaram levar seu Bertollo para atendimento.

Letícia permaneceu ao lado dele.

Fizeram tudo o que conseguiram fazer.

Não foi suficiente.

Elmo Bertollo morreu a caminho do socorro.

Quando cheguei...

já havia acabado.

Não consigo explicar o que senti.

Aquele homem havia sido meu patrão.

Meu adversário.

Meu protetor.

Quase meu inimigo.

Depois meu amigo.

E, de alguma maneira que nunca tivemos coragem de dizer um ao outro...

meu segundo pai.

Seu Bertollo havia mudado a história daquela região.

Homem de punho firme.

Fazendeiro respeitado.

Transformara terras, ampliara propriedades, atravessara mudanças que fizeram desaparecer maneiras antigas de trabalhar e nascer outras.

Mas eu não conseguia pensar no fazendeiro.

Eu lembrava do velho montado naquele quarto de milha.

Do homem gritando no meio do gado.

Do sujeito que apareceu na casa dos meus pais perguntando se dava para colocar água no feijão.

Do patrão que me deu meus primeiros sapatos bonitos.

Do homem que quase arrancou minhas orelhas quando voltei à Fazenda da Barra.

E do velho que bateu a mão na mesa antes de dizer:

— Eu abençoo vocês.

Seu Bertollo fazia uma falta que dinheiro nenhum poderia preencher.

E aquela falta transformou o homem numa lenda.

Depois do enterro, não deixamos que tudo fosse simplesmente esquecido.

Havia documentos.

Movimentações financeiras.

Assinaturas.

Operações que precisavam ser explicadas.

Levei, junto com Letícia e os responsáveis pelas empresas, tudo aquilo ao conhecimento das autoridades.

Uma investigação começou.

Não fiz por vingança.

Pelo menos era o que repetia para mim mesmo.

A mãe dele foi contra.

— Ele já perdeu o pai.

Respondi:

— E nós perdemos seu Bertollo.

Ela chorou.

Eu também.

Mas havia uma empresa.

Funcionários.

Famílias.

Dinheiro desviado.

Documentos suspeitos.

E consequências.

Ser filho de Elmo Bertollo não poderia transformar ninguém em alguém acima da lei.

O filho mais velho foi localizado em Brasília.

E preso.

A investigação acabou revelando muito mais do que imaginávamos inicialmente.

Desvios.

Falsificações.

Uso de documentos e informações falsas.

Operações financeiras que não correspondiam aos interesses das propriedades.

Além disso, surgiram acusações relacionadas à violência praticada contra mulheres com quem havia se relacionado.

A própria esposa, depois de descobrir tudo, pediu a separação.

A mulher de Brasília também se afastou.

Ela afirmava não saber que ele possuía esposa e filhos em São Paulo.

Era viúva.

Havia perdido o marido anteriormente num acidente automobilístico e tinha um filho daquele casamento.

O irmão de Letícia aproximara-se dela e assumira, durante aquele relacionamento, uma posição quase paterna com a criança.

Quando a verdade apareceu, aquela vida paralela também acabou.

Ao final dos processos, ele recebeu uma condenação pesada pela soma dos crimes comprovados.

Durante muito tempo, praticamente a única pessoa que o visitava era o advogado.

Nem a esposa que deixara em Jaú.

Nem a mulher com quem vivera em Brasília.

Nem os filhos.

Talvez o pior cárcere dele tenha começado antes mesmo de fecharem a porta da cela.

E ainda havia mais.

Durante as investigações surgiu uma informação que me fez gelar.

Meu nome.

Descobriu-se que, em determinado momento, ele havia procurado um homem ligado ao mundo do crime.

O objetivo seria me tirar do caminho.

Definitivamente.

A tentativa não avançou.

O homem que teria sido procurado já era investigado por outros crimes e acabou morto ao resistir a uma ação policial antes que qualquer plano contra mim fosse executado.

A antiga esposa do irmão de Letícia confirmou posteriormente ter ouvido uma conversa suspeita relacionada a mim.

Na época, tivera medo.

Por isso permaneceu em silêncio.

Quando soube daquilo, fiquei alguns minutos sem falar.

Letícia percebeu.

— Gui...

— Ele queria me matar.

Ela segurou minha mão.

— Não consegui.

Olhei para ela.

Não senti medo.

Senti raiva.

Uma raiva diferente.

Fria.

Perigosa.

Durante anos eu acreditara que aquele homem apenas não gostava de mim.

Depois descobri que me desprezava.

Depois que roubara a própria família.

Depois que enganara esposa, filhos, pai, mãe e irmãos.

E agora descobria que talvez tivesse desejado minha morte.

Naquele momento entendi uma coisa sobre o ser humano.

Existem homens que atacam porque têm fome.

Outros porque têm medo.

Mas existem aqueles que atacam simplesmente porque não suportam ver outra pessoa possuir aquilo que eles próprios destruíram.

Esses são os mais perigosos.

O tempo passou.

O homem que um dia caminhara pelas fazendas dos Bertollo como futuro chefe de um império agora estava preso.

O predador estava atrás das grades.

O chagal havia se tornado cordeiro.

E às vezes eu me perguntava:

Para quê?

Para que serviu tudo aquilo?

Dinheiro?

Mulheres?

Poder?

Orgulho?

Que vantagem existe em possuir duas casas quando se termina sem poder voltar a nenhuma delas?

A tragédia dele, porém, não deveria ser herdada pelos filhos.

As crianças não tinham culpa.

Cresciam cercadas pela mãe, pelos avós, pelos tios e por toda uma família que decidiu protegê-las daquilo que o pai havia feito.

Nunca permiti que alguém tratasse aqueles meninos como filhos de criminoso.

E quando escutava algum comentário desse tipo, interrompia.

— O pai responde pelos pecados dele. Os filhos vão escrever os próprios.

Talvez eu dissesse aquilo porque alguém, muitos anos antes, também poderia ter decidido que o filho de seu Antônio Fortunato jamais seria mais do que um empregado de fazenda. E eu sabia o peso que existe quando alguém resolve escrever nosso destino antes de nós.

Em meio a toda aquela dor, a vida resolveu fazer aquilo que ela sabe fazer melhor.

Continuar.

Pouco tempo depois da morte de seu Bertollo, Letícia apareceu diante de mim com uma expressão estranha.

— O que foi?

— Nada.

— Conheço essa sua cara.

— Que cara?

— Cara de quem fez alguma coisa.

— Dessa vez não fui eu.

— Então quem foi?

Ela colocou minha mão sobre sua barriga.

Fiquei olhando.

— O quê?

Ela começou a chorar.

— Gui...

Demorei.

Juro que demorei.

— Não...

Ela confirmou com a cabeça.

— Você vai ser pai.

Fiquei parado.

— Pai?

— Pai.

— Eu?

Ela começou a rir no meio das lágrimas.

— Não, Guilherme. Seu Mendes.

— Engraçadinha.

Abracei-a.

E naquele momento chorei como criança.

Seu Bertollo havia partido.

E uma nova vida estava chegando.

Não substituí ninguém.

Filho nenhum vem ao mundo para ocupar o lugar de quem morreu.

Mas aquela notícia trouxe luz para uma casa que havia passado tempo demais de janelas fechadas.

A gravidez de Letícia mudou o clima das duas famílias.

Dona Hiolanda enlouqueceu.

Dona Bertollo também.

De repente minha mulher não podia mais fazer nada.

— Não carregue isso.

— Não monte naquele cavalo.

— Não ande depressa.

— Coma isso.

— Não coma aquilo.

Até que Letícia perdeu a paciência.

— Eu sou veterinária!

Minha mãe respondeu:

— De bicho.

Dona Bertollo completou:

— De grávida nós entendemos mais.

Eu saí de perto.

Não era burro.

Havia guerras nas quais um homem inteligente não se metia.

Foram nove meses completos.

E então ela chegou.

Rebecca Bertollo Fortunato.

Minha filha.

Pequena.

Linda.

Barulhenta.

E dona de todo mundo desde o primeiro dia.

Quando peguei Rebecca no colo pela primeira vez, procurei alguma coisa de mim.

— Tem meu nariz.

Letícia olhou.

— Não tem.

— Tem, sim.

— Guilherme, ela acabou de nascer.

— Já dá para perceber.

— Não dá.

— Dá.

Dona Hiolanda apareceu.

— É a cara do pai.

Sorri vitorioso.

Dona Bertollo respondeu:

— É a cara da Letícia.

Pronto.

Começou ali uma discussão que provavelmente duraria o resto da vida.

Eu dizia que Rebecca tinha avós demais.

E aquilo era maravilhoso.

Tinha meus pais.

Tinha dona Bertollo.

Tinha seu Elmo, que não pôde segurá-la nos braços, mas estaria presente em todas as histórias que contaríamos a ela.

E ainda existiam os avós que a vida havia escolhido para nós.

Seu Mendes.

Seu Zem.

Quando alguém reclamou que a conta não fechava, respondi:

— Essa menina tem três avós e três avôs.

Letícia riu.

— Isso não existe.

— Na minha família existe.

Seu Zem ouviu.

— Melhor sobrar avô do que faltar amor.

Ninguém discutiu.

Os meses seguintes ainda foram difíceis.

O país não acordou curado de uma hora para outra.

A inflação continuava assustando.

Os preços mudavam.

Os negócios exigiam atenção.

Muita gente ainda sofria as consequências dos anos anteriores.

Mas, aos poucos, a atividade econômica começou a respirar novamente.

Na fazenda, percebíamos isso antes dos jornais explicarem.

Compradores voltavam.

Negociações reapareciam.

Projetos que havíamos colocado na gaveta começaram a ser discutidos.

Seu Mendes apareceu certo dia com uma pasta enorme.

— Podemos voltar a investir?

Olhei para ele.

— Devagar.

— Você ficou chato depois que ficou rico.

— Foi assim que continuei rico.

Ele riu.

A Fazenda 7 de Setembro sobrevivera.

Os Bertollo também.

Menores em patrimônio.

Feridos como família.

Mas vivos.

E talvez um pouco mais sábios.

Quando percebi, Rebecca estava completando um ano.

1985.

Fizemos uma festa.

Não comparável ao nosso casamento.

Pelo menos era o plano.

Porque quando dona Hiolanda, dona Bertollo, Letícia, dona Zilda e a família de seu Mendes começaram a organizar...

perdi o controle.

— É aniversário de uma criança de um ano!

Ninguém me ouviu.

— Ela nem vai lembrar!

Continuaram.

— Vocês sabem que ela provavelmente vai dormir no meio da festa?

Dona Zilda respondeu:

— Então deixe dormir.

Desisti.

No dia da festa, olhei ao redor.

Minha mãe.

Meu pai.

Dona Bertollo.

Seu Mendes.

Seu Zem.

Dona Zilda.

Funcionários.

Amigos.

Crianças.

A família de Letícia.

Os filhos do irmão dela, crescendo cercados de gente que os amava.

E Linguíça.

Mais velho.

Mais folgado.

Esperando embaixo da mesa alguma coisa cair.

— Você ainda está vivo?

O cachorro abanou o rabo.

— Impressionante.

Ele continuou olhando para o bolo.

— Nem pense.

Rebecca resolveu o problema.

Enfiou as duas mãos no bolo.

— Rebecca! — gritou Letícia.

A menina olhou para a mãe.

Depois bateu palmas.

Bolo voou.

Na roupa de Letícia.

Na toalha.

Em mim.

Nas pessoas que estavam perto.

Todo mundo começou a rir.

Até dona Bertollo.

E talvez tenha sido aquilo que mais me marcou.
Depois de perder o marido.
Depois de ver um filho preso.
Depois de assistir à própria família quase se desfazer...
ela estava rindo.
Por causa da neta.
Fiquei olhando Rebecca com o rosto inteiro sujo de bolo.
Pensei em tudo que havia acontecido desde que saí da Fazenda da Barra.
Conheci homens bons.
Conheci homens ruins.
Conheci cordeiros com aparência de chacal.
E chacais vestidos de cordeiro.
Descobri que existem pessoas capazes de destruir a própria família por dinheiro, desejo, orgulho ou poder.
Mas aprendi outra coisa.
O chacal pode até espalhar medo quando aparece.
Pode ferir.
Pode roubar.
Pode enganar.
Pode fazer o rebanho inteiro correr.
Mas existe uma coisa que ele nunca consegue construir sozinho.
Uma família.
Para isso é preciso algo que predador nenhum consegue arrancar de ninguém à força.
Amor.
Rebecca bateu novamente as mãos no bolo.
Outro pedaço voou na minha camisa.

— Filha!

Letícia gargalhou.

Olhei para minha esposa.

Olhei para minha filha.

Para meus pais.

Para aqueles que a vida colocou no nosso caminho.

E ri também.

A recessão começava a ficar para trás.

As feridas ainda existiam.

Seu Bertollo continuava fazendo falta.

Algumas coisas jamais voltariam a ser como antes.

Talvez nem deversem.

Porque, naquele aniversário, compreendi que sobreviver não significava recuperar a vida que tínhamos antes da tempestade.

Significava aprender a construir outra depois dela.

Peguei minha filha no colo.

Rebecca imediatamente passou a mão cheia de bolo no meu rosto.

Fechei os olhos.

Todos riram.

Eu também.

Depois de tantos anos...

finalmente eu podia rir sem medo do que aconteceria amanhã.

FIM DO CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

O LIVRO DO PECADO

A última porta

Começo esta última parte da minha história sabendo de uma coisa:

nunca se desmotive.

Siga adiante.

Realize seus sonhos.

A vida colocará barreiras no caminho. Algumas pequenas.

Outras tão grandes que você terá certeza de que não conseguirá atravessá-las.

Nem sempre podemos decidir o que acontecerá conosco.

Mas, muitas vezes, podemos decidir o que faremos depois.

Se vamos.

Se paramos.

Se continuamos.

Eu continuei.

E pude testemunhar milagres.

Minha fórmula nunca foi muito complicada.

Sempre olhei para o meu objetivo tentando enxergá-lo já realizado.

Engraçado...

Na minha imaginação ele nem era tão bonito quanto aquilo que Deus acabou me permitindo viver.

Talvez porque eu sonhasse pequeno demais para aquilo que a vida estava preparando.

Eu apenas peguei carona com ela.

Agradei por cada oportunidade.

Até nos momentos de dor.

Nem sempre consegui agradecer imediatamente, é verdade.

Houve dias em que reclamei. Houve noites em que bebi

tentando esquecer. Houve momentos em que senti raiva de Deus, das pessoas e de mim mesmo.

Mas, de alguma maneira, sempre soube que aquilo passaria. Foi então que aprendi a olhar para os dias de uma forma diferente.

Como presentes.

Talvez seja por isso que chamamos o agora de presente.

O dia de hoje é uma coisa tão extraordinária que, mesmo quando vem embrulhado em tristeza, ainda carrega dentro dele a possibilidade de alguma coisa acontecer.

Enquanto existe hoje...

existe caminho.

E depois dele vem outro.

E outro.

Foi assim que chegaram meus amanhãs.

E aqui estou.

Também descobri que precisamos ter algum motivo para continuar caminhando.

Na minha conclusão simples de boiadeiro, esses motivos são os sonhos.

Sonho é combustível.

Junte seu sonho à fé e siga.

Mas existe uma coisa importante:

não passe a vida inteira esperando o dia da chegada para começar a viver.

Viva os presentes que encontrar pelo caminho.

Porque talvez um dia você descubra que aquilo que chamava de caminho...

era a própria vida.

E se você não tiver um sonho?

Arrume um.

Olhe ao redor.

Respire fundo.

Preste atenção.

Alguma coisa precisa ser capaz de fazer seus olhos brilharem.

Uma pessoa.

Uma família.

Uma profissão.

Uma terra.

Uma viagem.

Uma música.

Uma casa.

Um filho.

Uma vontade de ajudar alguém.

Qualquer coisa que faça você desejar o amanhã.

Deus foi generoso com a humanidade.

Então tente ser também.

Comece sendo bom consigo.

Depois, seja bom com quem estiver ao seu lado.

Talvez assim você consiga enxergar o amor com mais facilidade.

E, quando enxergá-lo...

aja através dele.

Bom...

acho que já filosofei demais.

Continuo sendo Guilherme.

E Guilherme falando bonito por muito tempo começa a ficar suspeito.

Vamos voltar à história.

Estamos no fim da primavera.

Sempre que essa época chega, penso em Rebecca.

Talvez porque nossa menina tenha chegado praticamente junto com ela.

6 de outubro de 1984.

Minha primavera particular.

A menina que apareceu justamente quando nossa família atravessava um dos períodos mais difíceis de sua história.

Rebecca veio colocar cor onde ainda havia muito cinza.

E pensar que já se passaram seis anos.

Seis!

Às vezes olho para aquela criatura correndo pela fazenda e me pergunto quem autorizou o tempo a andar tão depressa.

Ela é uma mistura perigosa.

Tem a energia da mãe...

e a minha teimosia.

Ou talvez seja o contrário.

Está sempre no meio dos animais.

Cavalos.

Bezerros.

Cachorros.

Galinhas.

Qualquer criatura que se movimenta parece imediatamente virar amiga dela.

Tímida?

Nada.

Não puxou o pai nisso.

Eu era um menino quieto.

Rebecca conversa até com cerca.

Às vezes olho para aqueles olhos arregalados e vejo seu Bertollo.

— Letícia.

— O quê?

— Olha para ela.

— Estou olhando.

— Não parece seu pai?

Letícia observa.

Sorri.

E normalmente não responde.

Não precisa.

Nós dois sabemos.

Seu Bertollo não conheceu a neta.

Mas, de vez em quando, parece que alguma coisa dele resolveu aparecer naquela menina.

Eu poderia continuar falando de Rebecca pelo resto deste livro.

Então é melhor parar.

Quem sabe, algum dia, ela mesma queira conhecer toda essa história.

Nesse dia, eu e a mãe dela teremos o maior prazer em contar cada segundo.

Inclusive aqueles que talvez ela preferisse não saber.

Pai e mãe servem para isso também.

Nestes seis anos, muita coisa voltou ao lugar.

Não tudo.

Existem jarros que, depois de quebrados, nunca conseguimos montar exatamente como eram antes.

E talvez nem devamos.

Juntamos os pedaços que conseguimos.

Com os outros...

aprendemos a conviver.

Estamos bem.

Muito bem.

Embora sempre apareça alguém incomodado com a paz dos outros.

Até hoje escuto histórias sobre mim.

Uma das melhores foi descobrir que havia gente dizendo que eu tinha abandonado meus pais naquela beira de canavial.

Você acredita?

Eu?

Abandonar seu Antônio e dona Hiolanda?

Eles não imaginavam que, pouco depois do casamento, meus pais já tinham lugar preparado dentro da nossa casa.

O quarto deles estava lá.

Arrumadinho.

Cheiroso.

Minha mãe adorou.

Principalmente depois que Rebecca nasceu.

Aí ficou impossível mandar aquela mulher embora.

— Mãe, a senhora vai dormir lá hoje?

— Vou.

Não ia.

— Mãe...

— A menina pediu para eu ficar.

Rebecca provavelmente nem tinha pedido.

Mas quem discutiria?

Minha mãe passava dias e muitas noites conosco.

Tinha a neta para mimar.

E mimava.

Meu pai era diferente.

Seu Antônio Fortunato continuava duro na queda.

Gostava de passar o dia conosco.

Comia.

Tomava café.

Brincava com Rebecca.

Dava opinião onde ninguém havia pedido.

Mas, quando anoitecia:

— Vamos embora.

— Pai, seu quarto está pronto.

— Eu sei.

— Então durma aqui.

— Minha cama está lá.

— Tem cama aqui também.

— Mas não é a minha.

Não adiantava.

Eu tinha o grato trabalho de levá-lo de volta quase todas as noites.

Quando estava viajando, seu Mendes ou Letícia davam um jeito.

O velho queria dormir na casa antiga.

Naquela mesma casa simples onde vivi boa parte da minha juventude.

Às vezes tenho vontade de derrubá-la.

Se eu derrubasse, talvez ele fosse obrigado a morar conosco de uma vez.

Mas não consigo.

Porque minha história também está lá.
De vez em quando, sou eu quem fica naquela casa com ele.
Entro.
Olho as paredes.
Sinto o cheiro da madeira.
Escuto os barulhos da noite.
E parece que consigo enxergar novamente aquele garoto
acordando antes do sol.
Às vezes faço uma coisa que Letícia acha engraçada.
Acendo o velho lampião.
— Guilherme, tem luz elétrica.
— Eu sei.
— Então por que acendeu isso?
— Porque eu quis.
Ela balança a cabeça.
Mas entende.
Deito.
Apago as outras luzes.
Deixo somente aquela chama pequena iluminando o quarto.
Às vezes acordo e passo o dedo debaixo do nariz.
Só para conferir.
E rio sozinho.
Porque aquele menino que acordava com o nariz sujo de
fumaça não fazia ideia de onde chegaria.
Talvez eu acenda aquele lampião justamente por isso.
Para nunca esquecer dele.
Do garoto que tirava leite das holandesas.
Que queria ser o garoto de ouro do patrão.

Que tinha medo do escuro.

Que não escrevia direito.

Que se irritava quando uma menina gritava:

— Gui!

Aquele garoto ainda mora em algum lugar dentro de mim.

E faço questão de visitá-lo de vez em quando.

Porque posso ter fazenda.

Dinheiro.

Empresa.

Funcionários.

Casa grande.

Posso ser chamado de seu Guilherme por quem quiser.

Mas, quando aquela chama acende...

eu me lembro de uma coisa muito mais importante:

antes de aprender para onde eu queria ir, precisei aprender de onde eu vim.

Naquele ano resolvi realizar outro sonho antigo.

Pensando bem, eu e Letícia nunca tivemos férias de verdade.

Nem lua de mel tivemos.

Nossa lua de mel foi na Fazenda 7 de Setembro, no meio de gado, funcionários, família, contas e tudo aquilo que havíamos construído.

Então decidi surpreendê-la.

Certa noite, Letícia estava terminando de contar uma história para Rebecca. Nossa menina já havia adormecido quando me aproximei.

— Amor...

Ela fez sinal para que eu falasse baixo.

— O que foi?

— Gostaria de passar uma semana comigo em um lugar mágico?

Nem terminei.

Ela fez aquela carinha soberba de menina que nunca perdeu.

— Hummm... Deixe-me adivinhar onde esse boiadeiro quer fazer piquenique. Na gameleira ou no curral?

Segurou o riso para não acordar Rebecca.

— Estou falando sério.

— Eu também. Você acha mesmo que conseguimos ficar dois dias longe dessa bagunça que criamos?

— Conseguimos.

— Os dois ao mesmo tempo?

— Os três.

Ela estreitou aqueles olhos verdes.

— Você está aprontando alguma coisa.

— Já cuidei de tudo.

— Guilherme...

— Seu Mendes me indicou um lugar. Já telefonei. Fiz até reserva para o começo do verão.

Ela ficou me olhando.

— Reserva?

— Uma semana.

— Onde?

Sorri.

— Santos.

Ela demorou alguns segundos.

— Praia?

— Praia.

— Você nunca viu o mar.

— Você também não.

Olhei para Rebecca.

— E ela também não.

Letícia respirou fundo.

— Meu Deus...

— Sua mãe já disse que precisamos descansar. Minha mãe também. Até a mulher do seu Mendes vive dizendo que nossa lua de mel ainda não aconteceu.

— Por mim, ficávamos aqui mesmo.

— Eu sei.

— A gente podia sair para caçar uma noite dessas e estava resolvido.

Eu ri.

— Romântica demais.

Depois fiquei sério.

— Você merece um descanso, Letícia. Longe desse nosso mundinho de quebra-cabeça. Só nós três.

Ela me encarou novamente.

— Vou pensar.

Nas duas noites seguintes fiz a mesma pergunta:

— E aí? Vamos?

— Estou com sono, Guilherme. Amanhã conversamos.

Na terceira noite, enquanto terminava de dar banho em Rebecca, ouvi:

— Ah, então vamos!

Apareci na porta.

— O quê?

— Vamos, Guilherme. Vai ser bom para a Rebecca. Nem eu nem você conhecemos o mar.

— Então está decidido?

— Está. Mas precisamos organizar tudo antes.

— Já organizei.

Ela virou devagar.

— Tudo?

— Tudo.

— Às vezes você me dá medo.

— Sexta-feira?

— Sexta. E voltamos na outra sexta.

Finalmente.

Foi maravilhoso.

Pela primeira vez em muitos anos, éramos apenas três pessoas.

Não existiam fazendas.

Não existiam funcionários.

Não existiam compradores.

Não existia gado.

Não existiam contas.

Éramos nós três: eu, Letícia e Rebecca.

Caminhamos descalços pela areia.

Tomamos água de coco.

Conhecemos a cidade.

Visitamos lugares que eu nunca imaginara conhecer.

Comemos em restaurantes que, quando eu era menino, provavelmente chamaria de comida de rico.

Rebecca parecia um anjinho correndo ao nosso redor.

Talvez aquele tenha sido o ponto mais alto da minha felicidade.

Evidentemente, consegui estragar um pouquinho as férias falando de negócios.

Numa churrascaria, depois de experimentar a carne, chamei o gerente.

— Meu amigo, em breve posso fornecer carne melhor que essa para vocês.

Letícia quase morreu de vergonha.

— Guilherme!

— O quê?

— Nós viemos passear!

Olhei para o gerente.

— Mas estou mentindo?

Ele riu.

Letícia balançou a cabeça.

— Não. A carne dele realmente é muito boa. Mas o atendimento de vocês também está de parabéns.

Na saída, ela me deu uma bronca.

— Que história foi aquela de vender carne para a churrascaria?

— Um plano.

— Que plano?

— Depois eu conto.

— Você não tem jeito.

— Uai, muié... tô mentindo que nossa carne é mió?

Ela tentou permanecer séria.

Não conseguiu.

No dia seguinte, telefonamos para a fazenda.

Tudo em ordem.

Seguimos para a praia.

O sol estava maravilhoso.

— Amor...

— Oi?

Olhei em volta.

— Isso aqui é um paraíso.

Ela sorriu.

— É.

— Não é a fazenda.

— Ainda bem.

— Mas é bonito demais.

Letícia estava ajudando Rebecca a construir um castelo de areia.

Resolvi ajudar.

Cavamos tanto que fizemos um buraco enorme. A água começou a brotar por baixo e formou uma espécie de piscininha.

Fiz o que qualquer fazendeiro respeitável faria.

Deitei dentro.

— Guilherme!

— Está quentinha!

Rebecca começou a rir.

Depois jogou areia sobre minha barriga.

Letícia ajudou.

— Ei!

As duas continuaram.

Quando percebi, só minha cabeça e meus pés estavam para fora.

— Vocês estão enterrando o dono da Fazenda 7 de Setembro.

— Fica quieto — disse Letícia. — Estamos trabalhando.

Fechei os olhos.

O sol aquecia meu rosto.

A água morna cercava meu corpo.

Escutava Rebecca rindo.

Letícia falando alguma coisa.
As ondas.
Pessoas.
Pássaros.
Tudo parecia perfeito.
Até que...
os sons começaram a ficar distantes.
A voz de Rebecca desapareceu primeiro.
Depois a de Letícia.
Abri os olhos.
As duas estavam diante de mim.
Mas havia alguma coisa errada.
Pareciam...
transparentes.
— Letícia?
Ela desapareceu.
Rebecca também.
Levantei num salto.
— LETÍCIA!
Nada.
— REBECCA!
A praia estava vazia.
Não.
Não estava vazia.
O mundo estava vazio.
Não havia hotel.
Não havia quiosques.
Não havia árvores.

Não havia pessoas.

Só areia.

Mar.

E um céu branco que parecia descer do horizonte em minha direção.

— LETÍCIA!

Corri.

— REBECCA!

Nem minha própria voz parecia chegar muito longe.

O mar não fazia barulho.

As ondas se moviam...

mas não havia som.

Comecei a correr de um lado para outro.

— LETÍCIA!

Nada.

— FILHA!

Nada.

Então bati contra alguma coisa.

Caí.

Minha boca encheu de areia.

Tossi.

Cuspi.

Passei os dedos pela língua.

Quanto mais tentava tirar a areia, mais parecia haver dentro da minha boca.

Tentei me jogar para trás.

E bati novamente.

Desta vez, em alguma coisa dura.

Muito dura.
Pensei que fosse uma pedra.
Virei.
Não era.
Eram pernas.
Duas pernas compridas cobertas por um tecido branco.
Fui levantando os olhos.
E levantando.
E levantando.
Meu Deus...
aquele homem deveria ter quase três metros.
Era magro.
Muito magro.
Os braços pareciam compridos demais.
As mãos ultrapassavam os joelhos.
Vestia calças brancas e uma espécie de sobretudo igualmente branco.
Mas não era branco como roupa.
Era um branco que parecia produzir a própria luz.
Até sua pele tinha uma tonalidade estranha.
Pálida.
Quase azulada.
Recuei.
Saí correndo.
Ou tentei.
Porque aconteceu uma coisa que até hoje não sei explicar.
Minhas pernas corriam para a frente...
mas meu corpo parecia voltar.

Corri ainda mais.
E bati novamente nele.
Caí.
Dessa vez não tentei fugir.
Meu ouvido começou a zunir.
Um som fino.
Comprido.
Piiiiiiiiiiiiiii...
Tentei chamar Letícia.
Minha voz não saiu.
Tentei gritar por Rebecca.
Nada.
O silêncio era tão grande que começou a doer.
Só me restava uma coisa.
Olhar para aquela criatura.
Criei coragem.
E virei.
Seus cabelos eram tão claros que pareciam algodão iluminado pelo sol.
Ele estava olhando para o mar.
Então virou lentamente o rosto em minha direção.
Foi quando vi seus olhos.
Azuis.
Não azuis como o céu.
Não azuis como água.
Eram de um azul que eu não conhecia.
Um azul tão profundo que me causou medo.

Havia tanta luz acima deles que eu não conseguia distinguir
perfeitamente sua testa.

Abaixo também.

Eu procurava sua boca...
e não conseguia encontrá-la.

Mas os olhos estavam lá.

Fixos em mim.

Dentro da minha cabeça eu continuava gritando:

Letícia.

Rebecca.

Onde estão elas?

A criatura não se mexeu.

O mar continuava sem produzir som.

O vento não existia.

Não havia ninguém.

Só nós dois.

Até que aquele homem inclinou ligeiramente a cabeça.

E, pela primeira vez...

eu ouvi sua voz.

A voz dele não saiu de sua boca.

Na verdade, eu nem conseguia saber se aquela criatura tinha uma.

Da face daquele ser surgiu uma espécie de onda.

Eu consegui vê-la.

Ela atravessou o espaço entre nós, aproximou-se de mim e rodeou minha cabeça.

Quando chegou aos meus ouvidos...

ouvi.

Forte como trovão.

— Baruch haba.

Fiquei olhando.

— O quê?

Ele tornou a falar:

— Kadima.

— Cê tá falando o quê? Eu não tô entendendo nada!

Não respondeu.

Ergueu a mão direita.

Aquilo parecia um guindaste.

O braço foi subindo, subindo, e eu acompanhando com os olhos, até que aquele dedo enorme apontou para o horizonte.

Olhei.

Meus pés começaram a andar.

Sozinhos.

— Ei!

Tentei parar.

Não consegui.

E havia uma coisa ainda mais assustadora.
Quando olhava para baixo, enxergava meus pés caminhando à
minha frente...
mas não via minhas pernas.
— Meu Deus...
Segui em direção à água.
Quando meus pés deveriam tocar o mar, uma estrada surgiu
diante de mim.
Uma estrada de terra.
No meio do mar.
Era branca.
Sinuosa.
E seguia até onde meus olhos alcançavam.
Continuei.
Não porque quisesse.
Alguma coisa me levava.
Tentei olhar para trás.
Meu pescoço não obedecia.
Forcei.
Forcei tanto que consegui enxergar pelo canto dos olhos.
À minha direita estavam Letícia e Rebecca.
Dentro do mar.
As duas brincavam na água rasa.
Tranquilas.
Felizes.
— LETÍCIA!
Nada.
— REBECCA!

Nada.

Minha voz não saía.

Elas não me ouviam.

Eu conseguia vê-las, mas alguma coisa continuava levando meu corpo para a frente.

Do lado esquerdo começou a subir um calor terrível.

Parecia queimar minha pele.

Porém o sol, lá no horizonte, não queimava.

Pelo contrário.

Parecia me chamar.

A caminhada não terminava.

Senti sede.

Uma sede desesperadora.

Tentei alcançar a borda daquela estrada para pegar um pouco de água, mesmo que fosse água do mar.

Não consegui.

Meu corpo não obedecia.

Apenas meus pés.

Sempre para a frente.

Foi quando apareceram árvores.

O vento as sacudia com tanta violência que seus galhos se cruzavam de um lado para o outro.

Folhas voavam.

Galhos passavam sobre meu caminho.

Mas nenhuma árvore quebrava.

Atravessei.

Então...

silêncio.

Outra vez aquele silêncio horrível.
Só que, estranhamente, junto com o medo apareceu uma paz
que não consigo explicar.
Foi quando a estrada se dividiu.
Dois caminhos.
Um para a direita.
Outro para a esquerda.
Iguais.
Entre eles havia um pedaço de grama verde.
E sobre aquela grama...
um púlpito.
Pelo menos foi o nome que encontrei para aquilo.
Parecia vidro.
Pedra.
Cristal.
Não sei.
Era transparente e reluzia.
Não sabia qual estrada escolher.
Então tentei chegar até o púlpito.
Só que ele se afastou.
Dei outro passo.
Ele recuou.
Comecei a correr.
O objeto também.
Corri cada vez mais.
Aquilo virou uma maratona.
Meu peito doía.
Minha boca estava seca.

Suava muito.
Passei a mão pela testa.
Quando olhei...
minha mão estava vermelha.
Sangue.
Meu suor era sangue.
Comecei a perder as forças.
Primeiro diminuí a corrida.
Depois caminhei.
Depois cambaleei.
Até cair de joelhos.
Foi então que o púlpito finalmente parou diante de mim.
Apoiei as mãos nele.
Era firme.
Firme como rocha.
Forcei meu corpo para cima.
E vi.
Sobre aquela estrutura havia um livro.
Gigante.
Aberto.
As páginas estavam cobertas de palavras que eu não compreendia.
Havia também números no rodapé, mas meus olhos não conseguiam distinguir quais eram.
Olhei novamente para a frente.
As duas estradas terminavam diante de dois grandes portais arqueados.
As portas estavam entreabertas.

Meu coração disparou.

Então ele apareceu.

A criatura.

Não saiu de nenhuma das portas.

Veio do horizonte.

Exatamente entre elas.

Quanto mais se aproximava, mais eu percebia o tamanho da minha insignificância.

Seus cabelos agora pareciam ainda mais longos.

Quase tocavam seus calcanhares.

Parou diante de mim.

Então aquela onda saiu novamente de sua face.

Rodeou minha cabeça.

E ouvi:

— Para onde quer seguir?

Naquele instante fiquei completamente sóbrio.

Entendi.

Ou pensei que tivesse entendido.

E me apavorei.

— Para lugar nenhum!

Minha voz havia voltado.

— Eu não quero entrar em porta nenhuma! Quero voltar para onde eu estava!

Olhei para o livro.

Para as portas.

Para aquela criatura.

E gritei com toda a força que ainda tinha:

— Se o senhor for um anjo, por favor, feche essas portas! Queira me desculpar!

Minha voz falhava.

Comecei a chorar.

— Nesse livro do amor deve ter uma lei que permita eu voltar!

Apontei desesperado para trás, embora já não conseguisse enxergar Letícia e Rebecca.

— Sozinho eu não vou ser feliz nesse lugar!

Repeti.

Outra vez.

— Sozinho eu não vou ser feliz nesse lugar!

Mais uma.

— Eu quero voltar!

Caí de joelhos.

— Eu quero voltar para elas!

Foi então que aconteceu uma coisa que jamais consegui esquecer.

A criatura se ajoelhou diante do livro.

Aquelas mãos enormes bateram sobre ele.

As páginas começaram a se virar sozinhas.

Uma.

Outra.

Outra.

Cada vez mais depressa.

Até que...

pararam.

De repente.

O ser ficou imóvel.

Alguma coisa havia acontecido.

Eu não sabia o quê.

Mas, pela primeira vez desde que aquela criatura aparecera, tive a impressão de que ela também havia sido surpreendida.

Aquela não era a reação que esperava encontrar no livro.

Ou talvez alguma coisa tivesse interrompido aquilo que estava prestes a fazer.

A criatura lentamente ergueu a cabeça.

Mas não olhou para mim.

Olhou para cima.

Para aquela claridade infinita que cobria tudo.

E ficou assim por alguns segundos.

Em silêncio.

Parecia estar ouvindo alguém que eu não conseguia ouvir.

Então seus olhos azuis se arregalaram.

A onda saiu novamente de sua face.

Mas desta vez percebi uma diferença.

Aquelas palavras não eram dirigidas a mim.

Eram dirigidas para cima.

Para alguém.

— Lamá hu yachól?

Eu não conhecia aquela língua.

Não compreendi as palavras.

Mas compreendi o espanto.

Era como se aquele ser perguntasse a alguém muito acima de nós:

Por que ele pode?

O silêncio respondeu.

Ou talvez tenha havido uma resposta que somente ele pudesse ouvir.

Porque seus olhos voltaram para mim.

E naquele instante eu soube de uma coisa.

Não havia sido ele quem decidira.

Alguém havia permitido que eu voltasse.

Então o chão diante dele desmoronou.

O mar começou a engolir tudo.

As estradas.

A grama.

Os portais.

O horizonte.

O púlpito.

O livro se fechou num estrondo.

BUM!

O chão desapareceu.

A água girava como um ciclone.

Um gigantesco redemoinho parecia engolir aquele mundo inteiro.

Olhei para a criatura uma última vez.

Seus olhos continuavam em mim.

Então veio o clarão.

Branco.

Absoluto.

Fechei os olhos.

E...

— Gui?

Abri.

Letícia estava ali.

Rebecca também.

As duas continuavam jogando areia sobre mim.

Como se nenhum segundo tivesse passado.

Puxei o ar com tanta força que parecia estar respirando pela primeira vez.

E gritei:

— REBECCAAAAAAA!

Minha filha se assustou.

— LETÍCIAAAAAAAA!

Rebecca começou a chorar.

Letícia arregalou os olhos.

— Guilherme! O que aconteceu?

Levantei daquele buraco de areia de uma vez.

A areia caiu do meu corpo.

Abracei as duas.

Forte.

Tão forte que parecia querer colocá-las dentro do meu peito.

— Gui... você está machucando...

Afrouxei os braços.

Mas não soltei.

Não conseguia.

Beijei Rebecca.

Beijei Letícia.

Passei as mãos pelo rosto das duas.

Pelos cabelos.

Pelos braços.

Precisava ter certeza de que estavam ali.

— Pai... você está chorando.

— Estou.

— Por quê?

Olhei para minha filha.

Depois para minha mulher.

Respirei.

— Porque amo vocês.

Letícia percebeu que havia alguma coisa além daquilo.

Claro que percebeu.

Ela sempre percebeu.

Mas não perguntou naquele instante.

Talvez tenha entendido que eu ainda não conseguiria responder.

E, para falar a verdade...

nem hoje consigo.

Até hoje não sei dizer o que aconteceu naquela praia.

Talvez tenha sido um sonho.

Talvez tenha sido o sol.

O cansaço.

Talvez eu simplesmente tenha dormido debaixo daquela areia quente.

Talvez meu coração tenha criado tudo aquilo.

Ou talvez...

não.

Não quero descobrir.

Só sei que nunca mais quis voltar àquele lugar.

Não estou falando de Santos.

Santos é lindo.

Estou falando daquele lugar.
Das estradas.
Das portas.
Do livro.
Daquele silêncio.
Daqueles olhos azuis.
Se aquilo era o céu...
perdoe-me, Deus.
Mas naquele momento eu descobri uma coisa.
Meu céu estava aqui.
Na Fazenda 7 de Setembro.
Com minha mulher.
Minha filha.
Meus pais.
Meus amigos.
Com os animais.
Com o cheiro da terra.
Com a gameleira.
Com o lampião.
Com tudo aquilo que um dia pareceu pequeno demais e acabou
se tornando minha vida inteira.
Todas as noites, desde então, lembro daquele sonho.
Se é que foi sonho.
E talvez por isso eu agradeça ainda mais pelo dia que terminou.
Antes de dormir, olho para Letícia.
Para Rebecca.
Às vezes para o teto.
E digo:

— Obrigado, meu Deus.

Obrigado pelo hoje.

E, se for da sua vontade...

deixe-me acordar amanhã no mesmo céu.

Porque agora sei que a vida não precisa durar para sempre para se tornar eterna dentro da gente.

Um dia meu último suspiro virá.

Eu sei.

Quando chegar, não quero levar comigo terra.

Gado.

Dinheiro.

Empresa.

Documento.

Nada.

Quero apenas ter perto de mim aqueles que amo.

E, se existe mesmo um livro onde nossas escolhas estão escritas...

espero que, entre meus erros, meus pecados e minhas teimosias, alguém tenha anotado também uma coisa:

eu amei.

Amei minha família.

Amei meus amigos.

Amei a terra que me criou.

Amei aqueles que estenderam a mão quando eu não tinha nada para oferecer em troca.

Amei cada oportunidade que recebi.

Amei meus pais.

Amei minha filha.

E amei aquela garota estabonada desde muito antes de saber dar nome ao que sentia.

Talvez tenha sido esse o maior presente de todos.

Eu passei boa parte da vida tentando descobrir qual era o meu lugar.

Filho de empregado.

Boiadeiro.

Ajudante de pedreiro.

Andarilho.

Vendedor.

Fazendeiro.

Marido.

Pai.

Hoje sei.

Meu lugar nunca esteve escrito na quantidade de terra que possuí.

Nem no dinheiro que consegui juntar.

Nem na maneira como as pessoas passaram a me chamar.

Meu lugar sempre esteve ao lado das pessoas que eu amava.

Então, se algum dia aquela última porta realmente se abrir...

talvez eu tenha coragem de olhar novamente para aqueles olhos azuis.

Talvez naquele dia eu finalmente descubra o que estava escrito naquele livro.

Talvez descubra por que ele perguntou:

“Por que ele pode?”

Mas, até lá...

não tenho pressa.

Ainda tenho Letícia.

Ainda tenho Rebecca.

Ainda tenho minha família.

Ainda tenho o cheiro da terra depois da chuva.

Ainda tenho manhãs para agradecer.

E noites para acender aquele velho lampião.

Ainda tenho vida.

Por isso, quando me perguntam onde pretendo chegar depois de tudo o que conquistei, minha resposta hoje é muito mais simples do que seria quando eu tinha dezesseis anos.

Não quero chegar.

Quero continuar.

E, enquanto Deus permitir...

continuarei acordando todos os dias exatamente onde sempre quis estar.

No meu céu.

Com eles.

FIM

SOBRE O AUTOR

JEAN FILIPE

Jean Filipe é cantor, compositor e escritor capixaba, natural de Joatuba, no Espírito Santo. Com 25 anos de carreira, iniciou sua trajetória na música ainda aos 14 anos de idade, quando compôs sua primeira canção - considerada por ele uma paródia - em homenagem a Baio, o cavalo de um amigo que havia morrido.

Ao longo de sua trajetória, Jean Filipe já soma mais de 250 obras interpretadas por ele, além de composições regravadas por importantes nomes da música sertaneja, entre eles Leonardo, Daniel e Zezé Di Camargo & Luciano.

Seu nome de batismo é Jean Carlos Spanhol. Nos bastidores da composição, também é conhecido como Jean Spagnol. Além da música, dedica-se à literatura e já escreveu outras obras. Entre elas está O Segredo de Horlândia - O Contador do Tempo, disponível na Amazon e em outras plataformas.

Em Origem, Jean Filipe une duas de suas grandes paixões - a música e a escrita - transformando canções em caminhos de uma mesma história.

jeanfilipe.com.br

Instagram: @jeanfilipecantor



ORIGEM
— JEAN FILIPE —



AS CANÇÕES DE ORIGEM

CARA FEIA

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

(De cara feia)

Foi evitando você

Que acabei descobrindo o caminho mais perto pra sofrer

Decidi que a gente não ia dar certo

Pausei meu coração que andava quieto

E um filme foi passando na minha frente

Eu me senti sozinho de repente

Aí pedi a Deus que desce certo

Dei play no coração que tava off

E o filme de criança sem maldade

Desmontou o homem

Eu já tinha feito cara feia / Ficado com você de
sacanagem

Mas eu descobri no seu beijo / O quanto que dói a
saudades

Eu já tinha feito cara feia / Nunca tinha amado de
verdade

Mas fui descobri no seu beijo

Que você é mais da metade, do melhor que vive em mim

CHUVA DE ARROZ

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

É mais forte que eu, a vontade que da
De entrar na sua vida de qualquer maneira sem você
deixar
Seu amor não é meu, mas eu quero provar (roubar)
E te juro por Deus se me der uma chance...
Vou devolver cada centavo que ele deu
Eu vou trocar meu sobrenome pelo seu
Vai ter chuva de arroz na sua porta
A resposta que você pediu pra Deus:
Já estava escrito que era EU... Seu amor.

SÃO PAULO - SETE DE SETEMBRO

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

A onde você “ta” perdida nesse universo
Nessa selva de pedra, nesses muros de concreto...
São Paulo, devolve a minha menina
Que pesadelo
Você não me liga faz tempo
E a sua saudade faz gelo
E eu to congelando por dentro nesse desespero, “oh oh oh
oh oh
São Paulo, devolve minha menina
A gente ia namorar, você veio pra cá estudar
Dia 07 de setembro quando o mundo queria parar
Quem parou foi minha vida nas calçadas e avenidas,
desse monstro de lugar
São Paulo devolve minha menina

JOÃO PORTEIRA

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

Espero que não seja tarde, não posso escolher por você
Mas se for essa sua vontade, eu vou ter que entender
Se o meu jeito capiau, estiver te fazendo mal
Foi a minha educação rusticamente sem sal
Haja bebida pra cuidar a minha vida
Se você tiver de partida
O homem tem um coração que automaticamente
Perde a razão quando o amor da gente vai embora,
O orgulhoso não implora
O home tem um coração que automaticamente
Fica sem noção quando o amor da gente vai embora,
É ai que o João Porteira chora

MELHOR AGORA

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

Mais uma vez,
Se fosse por você eu teria ido
Me joga fora por qualquer motivo
Como se me bater não vai doer
Você tem que saber,
Não é porque parece que eu nem ligo
Que eu não tô sofrendo escondido
Lutando pra você não me perder
Eu quero ver,
Quando eu sair naquela porta
E você descobrir que não tem volta mais
Se vai se arrepender de ter pedido, pra eu ir embora
Eu quero ver,
Quando eu sair naquela porta
E você descobrir que não tem volta mais
Se vai se arrepender de ter pedido, pra eu ir embora
Então me diz você: melhor cuidar do nosso amor agora
(Pra não se arrepender)

DÉCIMO SEGUNDO ANDAR

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

Hoje eu resolvi chorar baixinho
Pro meu peito não ouvir sofrer (compreender)
Aqui dentro mora um cara ingrato
Que sem beber já ta ficando chato
Nunca me escutou, se embriagou
Foi gostar de a alguém que não gosta nem de cachorro
Ta tendo confusão no décimo segundo andar
E o meu coração ta querendo pular
Segura essa onda trombadinha de azar
Não tem paraquedas pra nos dois nesse lugar
vai ter que desapaixonar, vai ter que desapaixonar

ARROZ E FEIJÃO

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

Tudo bem se “Cê” quer terminar
Não adianta tentar discutir você não vai me ouvir
Também já me iludi assim
A sua escolha vai ter preço e eu não posso pagar pra você
Reclama do que,
Se o tempo que eu tive você foi tudo de bom
Eu não vou te implorar mais um beijo e estragar seu
batom
Eu prefiro que “cê” lembre da gente com aquele sorriso
Era pra ser pra sempre
Mas você se deixou enganar pelo “O tal diferente”
Se iludiu com aquela pessoa que vem de repente
E te prova que “arroz com feijão” não sustenta a gente
A barriga não enche, não enche, não enche
Era pra ser pra sempre
Mas você se deixou enganar pelo “O tal diferente”
Se iludiu com aquela pessoa que chega e promete...
Se esqueceu do ditado que bobo nenhum se esquece...
Time que ta ganhando não se mexe

ESTABANADA - SEM MEDO DE DOER

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

Ela é meio estabanada
Inocente de poucos amigos mais adora farra
Quem vê aquele riso alto não sabe que o frasco é fácil de
quebrar
Pelo amor de Deus vai lá
Não seja tão covarde como era eu
Ela tá vulnerável, sozinha, e você finge que não ta vendo
Ela tá derramando saudade, nesse copo que cê ta
bebendo
Eu não posso, mas você ainda tem a chance de vê
Que ela adora filme de romance e ler
Não fica comentando o feed dela
Escuta o que ela tem pra te dizer
Eu não posso, mas você ainda tem a chance (de ver)
Faz ela saber que é importante (pra você)
Não finge que ta protegendo ela
“Ame ela sem medo de doer”

O CHACAL

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

Querida você só me deu desprezo
Mas o seu desprezo me fez bem
E cada não que ouvi da sua boca
Transformou aquele trouxa em um coração de aço
E não é qualquer tipo de pessoa
Que vai mexer no meu emocional
Eu tô preparado, coração ficou blindado
Fui um homem apaixonado transformado num chacal
E toda presa que se aproxime indefesa
Vai virar banquete a disposição na minha mesa
Não é por vingança, mas o homem quando
Perde a confiança fica mal
E toda presa que se aproxime indefesa
Vai virar banquete a disposição na minha mesa
Não é por vingança, mas um coração traído vai do zero
ao radical,
De cordeiro a chacal

O LIVRO DO PECADO

Compositor: Jean Filipe (Ofillipinho)

Pra não gritar o seu nome eu tentei não me desesperar
Quando o moço perguntou em que porta eu queria
entrar;

Respondi que nenhuma... Os donos da minha vontade
estão sozinhos na terra,

E eu não fico sem “elas”

Se for justo pedir por justiça,

Se o céu for minha próxima vista eu não quero enxergar
O meu céu ficou La.

Se for sonho me deixe acordar, tenho mais pecados pra
pagar

Não me julgue sem antes ouvir minha última queixa...

Se o senhor for um anjo, por favor, feche a porta, queira
me desculpar;

Nesse livro do amor deve ter uma lei que permita eu
voltar

Sozinho eu não vou ser feliz nesse lugar;

La embaixo tem dois corações me esperando chegar...

QUEM É QUEM EM ORIGEM

Guilherme Fortunato - Protagonista e narrador da história. Filho de Seu Antônio e Dona Hiolanda. Começa como jovem trabalhador da Fazenda da Barra e, entre perdas, encontros e oportunidades, torna-se boiadeiro, negociante, empresário e fazendeiro. Marido de Letícia e pai de Rebecca.

Letícia Bertollo Fortunato - Filha caçula de Elmo e Júlia Bertollo Bonfim. A menina estabanada que entra na vida de Guilherme ainda na adolescência e acaba se tornando seu grande amor. É responsável por seus primeiros passos na leitura e na escrita. Mais tarde torna-se veterinária, esposa de Guilherme e mãe de Rebecca.

Rebecca Bertollo Fortunato - Filha de Guilherme e Letícia. Sua chegada representa um novo começo para as duas famílias e a continuidade de uma história iniciada muitos anos antes.

Elmo Bertollo - Seu Bertollo - Proprietário da Fazenda da Barra e patriarca da família Bertollo. Patrão de Guilherme e de seus pais. Homem de punho firme que, com o passar dos anos, desenvolve por Guilherme um sentimento próximo ao de pai e filho.

Júlia Bertollo Bonfim - Esposa de Elmo Bertollo e mãe de seus filhos. Matriarca da família Bertollo.

Cláudio Bertollo - Filho mais velho de Elmo e Júlia. Assume importantes responsabilidades na administração dos negócios da família, mas suas escolhas acabam protagonizando um dos períodos mais dolorosos da história dos Bertollo.

Eliane Cordeiro Bertollo - Esposa de Cláudio e mãe de seus dois filhos gêmeos. Uma das pessoas diretamente atingidas pelas escolhas do marido.

Os filhos gêmeos de Cláudio e Eliane - Netos de Elmo e Júlia. Apesar das consequências provocadas pelos erros do pai, seguem crescendo cercados pela família e construindo seus próprios caminhos.

Laura Bertollo Bonfim - Filha mais velha de Elmo e Júlia e irmã mais velha de Letícia.

O outro irmão de Letícia - Filho de Elmo e Júlia e irmão de Cláudio, Laura e Letícia. Integra a família Bertollo e aparece em diferentes momentos da narrativa.

Antônio Fortunato - Seu Antônio - Pai de Guilherme. Trabalhador da Fazenda da Barra, homem simples, rígido e profundamente ligado à terra. É uma das maiores referências da formação do filho.

Hiolanda Fortunato - Dona Hiolanda - Mãe de Guilherme e esposa de Seu Antônio. Mulher simples e afetuosa, acompanha as transformações vividas pelo filho e, mais tarde, torna-se uma avó completamente encantada por Rebecca.

Seu Mendes - Negociante e representante comercial que Guilherme conhece na pensão de Dona Zilda. Reconhece no jovem habilidades que ele próprio ainda não compreendia e lhe oferece uma oportunidade. Torna-se mentor, parceiro, sócio e, sobretudo, amigo de Guilherme.

A esposa de Seu Mendes - Companheira de Mendes e presença constante na vida da família da Fazenda 7 de Setembro.

Helieni e Helber - Filhos gêmeos de Seu Mendes e de sua esposa. Integram a família que Guilherme passa a considerar também como sua.

Seu Zem - Pedreiro que acolhe Guilherme durante um dos períodos mais difíceis de sua passagem pela cidade e o ajuda a conseguir trabalho na construção civil. O antigo amigo acaba se tornando uma espécie de conselheiro - ou guru - de Guilherme.

A família de Seu Zem - Esposa e familiares do homem que ajudou Guilherme quando ele praticamente nada tinha. Mais tarde passam a fazer parte da nova vida construída pelo protagonista.

Dona Zilda - Proprietária da pensão onde Guilherme encontra abrigo. Mulher de personalidade marcante e coração generoso. É também através de sua pensão que os caminhos de Guilherme e Seu Mendes se cruzam.

Linguixa - O vira-lata que surge nos dias difíceis de Guilherme e acaba conquistando seu lugar na história. Companheiro improvável, reaparece inclusive no casamento de Guilherme e Letícia ao lado de Dona Zilda.

A amiga e confidente de Letícia - Colega dos tempos de faculdade. Conhece a história de Guilherme e Letícia, guarda a carta destinada a ele e ajuda, mesmo sem imaginar, a manter viva uma parte importante daquela história. Anos depois, participa do casamento dos dois.

O antigo guarda da faculdade - Funcionário que encontra Guilherme durante sua procura por Letícia e decide ajudá-lo. Anos depois, também está entre os convidados do casamento.

O pretendente de Letícia - Jovem que durante algum tempo corteja Letícia nos anos de faculdade. Acaba conhecendo Guilherme e também participa do casamento do casal.

Padre Leandro - Sacerdote que celebra o casamento de Guilherme e Letícia sob a velha gameleira.

A Gameleira - Não é gente. Mas depois de tudo o que viu, talvez mereça estar nesta página. Sob seus galhos aconteceram alguns dos momentos mais importantes da vida de Guilherme e Letícia. Foi escola, esconderijo, testemunha e abrigo. Enquanto as pessoas cresceram, partiram, voltaram e mudaram, ela permaneceu ali.

Talvez guardando, em silêncio, a verdadeira origem de tudo.



ORIGEM
— JEAN FILIPE —



jeanfilipe.com.br